This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

V 33.

TAYLOR INSTITUTION.

BEQUEATHED

TO THE UNIVERSITY

M. A.

3

POESIAS,

DEDICADAS

A' ILL.MA, E EX.MA SENHORA

CONDESSA DE OYENHAUSEN,

POR

MANOEL MARIA

DE BARBOSA DU BOCAGE.

Gratia, Musa, tibi, nam tu solatia præbes,
Tu curæ requies, tu medicina mali;
Tu dux, tu comes es.

Ovid. Trist. Lib. IV. Eleg. IX.

TOMO III.

Segunda Edição.

LISBOA, M. DCC CVI.

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na mesma Officina, na rua da Atalaia ao Bairro Alto.

A' ILL.MA E EX.MA SENHORA CONDESSA DE OYENHAUSEN

Queste mie carte in lieta fronte accogli;
Che quasi in voto a te sacrate io porto.
Tass. Gerus. Cant. I. Stanz 4.

A Cantôra immortal, Deosa da lyra,
Que exprime em áureos sons, em metro augusto
O que he digno de Jôve, ou digno della;
A' Cantôra immortal, de Lysia esmalte,
A mente, e o coração consagra Elmano.

Mulher Deidade! Magestosa Alcipe!
Oh Grande! Oh Primogenita de Febo!
Prospére a gloria minha á sombra tua,
Abriga os versos meus, que vão meus versos
De honrosa Eternidade a ti sedentos:
Aos Vates parte della he teu sorriso.

Olhos, que Venus para si deseja,
Olhos que adoro, o que inspirastes, lêde.

AO LEITOR.

A Boa sombra que as minhas Poesias tem devido ao Publico, promoveo em mim o desejo de offerecer-lhe as que me restavão do mesmo genero. Algumas, ainda que pela execução se não anivelem com o seu objecto, creio, todavia, que hão de manter-me essa estima consoladôra, a que todos, ou a maxima parte dos que nascêrão com a brilhante mania de metrificar, sacrificão os proveitos da vida civil, e até as commodidades da existencia fysica. O exemplo dos Ovidios, dos Camões, dos Tassos &c. houvera de acobardar os genios versificadores, se hum quasi Fado não atropellasse, ou antes submettesse as sisudas reflexões, que lhes arrazoão naquelles intervallos fulgidos, que até ha nos Poetas. Não ouso alinhar-me entre os grandes Engenhos que citei, senão pelo frenesi com que ambicionárão, e ambiciono o que vãmente vai entender com a insensibilidade das cinzas.

SO-

SONETO.

EMBORA tôrpes gralhas esvoacem
Em torno á gloria minha em bando impuro;
De eterna Sombra, e tácito Futuro
Meu nome, os versos meus embora ameacem.

Contra os annos, que morrem, que renacem,
Deo-me Fébo em seu dom penhor seguro,
Com que do Esquecimento o pégo escuro
Meus versos, e meu nome afoitos passem.

Pleno Thesoiro de moral riqueza,
Barreto bemfeitor, Barreto amigo,
Não temas ser do Nada infausta preza.

Além dos Tempos vivirás comigo:
Sou Vate, e, sobranceiro á Natureza,
Nos Arcanos do Ceo leio o que digo.

SO-

Ao Senhor José Barreto Gomes, Director do Correio Geral, e Póstas do Reino.

SONETO.

OS principios moraes porque governo
Meu dócil coração, meu livre estado,
Prendem-me a ti com vinculo sagrado
De amor, que passa o grão do amor fraterno.

E's doce, és puro, és generoso, és terno,
Brilhas, campêas, de virtude ornado,
N'um Mundo de paixões contaminado,
Tão máo, tão feio, que parece Inferno.

De teus, de meus costumes a pureza
Sem poder profanar com vil maldade,
Escuma do Invejoso a lingua preza.

Sãos existimos na corrupta Idade;
Elle nem segue a voz da Natureza,
Nós cumprimos as leis da Humanidade.

SO-

Ao Senhor Joaquim Manoel de Moira Leitão, Escrivão do Crime da Corte, e Casa, e amigo do Author.

SONETO.

FAmosa Geração de Falladores
Sôa que foi, Risêo, à Origem tua,
Que nem todos os caens, ladrando á Lua,
Tiverão que fazer com teus Maiores.

Hum a lingua ensinou dos Palradores,
Outro o moto contino achou na sua,
Outro, além de encovar toda huma rua,
Açaimou n'uma junta a cem Doutores.

Teu Avô, Santarário venerando!
Soube mais Orações que mil Beatas,
Com réza impertinente os Ceos zangando;

Teu Pai foi hum trovão de pataratas,
Teu Tio, o Bacharel, morreo fallando:
Tu, fallando, Risêo, não morres, matas.

SO-

A hum Fallador inseffrivel.

SONETO.

Magro, de olhos azues, carão moreno,
Bem servido de pés, meão n'altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno;

Incapaz de assistir n'um só terreno,
Mais propenso ao furor do que á ternura,
Bebendo em niveas mãos por taça escura
De zelos infernaes lethal veneno;

Devoto incensador de mil Deidades,
(Digo de moças mil) n'um só momento,
E sómente no altar amando os Frades;

Eis Bocage, em quem luz algum talento:
Sahírão delle mesmo estas verdades
N'um dia em que se achou mais paxorrento.

SONETO.

QUando á que me rendeo jurava ufano
Gostar por ella do funéreo instante,
Dizia a doce Amada ao terno Amante:
„ Inália morrerá, se morre Elmano. „

O Templo, das paixões, dos bens Tyranno,
Tomou ferino o divinal semblante,
E nos labios gentis voz fulminante
Vibrou, vibrou-me hum raio: o desengano.

Esperanças murchai; tu, lisonjeiro
Sonho adoravel, com que o ser mantive,
Desfaze-te em meu ponto derradeiro;

Mas as cinzas do Amante Amor não prive
Dos ais de Escravos seus; triste letreiro
Diga: „ Elmano morreo, e Inália vive. „

SONETO.

DOs negros Mausoléos a Deosa escura,
Que o véo desdobra do funéreo dia,
Já Marilia sumio na Estancia fria,
Deo mais hum triste exemplo á Formosura.

Soltou-se Alma gentil, Vida immatura
De Corpo que em mil graças florecia;
Saudade perennal geme, e avalia
Thesouro de que he cofre a sepultura.

Chóra, doce Tirséa, encanto amado;
Feliz essa corrente maviosa,
Se lágrimas podessem mais que o Fado!

Se aos chôros te surgisse a Irmãa formosa,
Qual em ermo jardim desamparado
Aos prantos da manhãa revive a rosa!

SO-

A' Illustrissima Senhora D. Theresa de Jesus, Pereira, e Azevedo, na morte de sua Irmãa.

SONETO.

QUando Anália, o meu bem, q̃ o Ceo namora,
Meigo sorriso de outro Ceo desprende,
Geme, e o que he vida n'um gemido aprende
Peito que amor, e que a existencia ignora.

Quando Anália, o meu bem, suspira, ou chora,
A doce mágoa doce fogo accende;
Na Estancia divinal com Jóve entende:
Quasi tenta imploralla o Ser que implora.

Sente hum Deos como sente a Natureza
Aquella, em cujos dons adórno o canto,
Aquella que a meus versos dá grandeza;

Mas (se possó antepôr encanto a encanto)
Amo-lhe o riso, adóro-lhe a tristeza:
De Venus a chorar tal era o pranto!

SONETO.

BRandamente extrahio co' a mão sagrada
De Tempo, que não morre, hora divina,
E em nuvem de aurea côr baixou Lucina
Da Estancia, que he por Jóve abrilhantada:

„ Offrece, (disse a Deosa) Hora doirada,
„ Offrece ao Globo divinal Menina,
„ A quem destina o Fado, o Ceo destina
„ Gloria sem par, no mérito apurada. „

Nasceste, Anália: rio-se a Naturezs;
Cresceste, Anália: rirão-se os Amores;
Eis alongado o Imperio da Belleza;

Crôão-se os annos teus d'Elysiás flores,
E d'honrallos tentando a summa empreza,
Honrão-se as lyras de immortaes Cantores.

SO-

Aos annos da Illustrissima Senhora D. Anna Euſrasia Lobo Pinheiro Amado.

SONETO.

TRibuto em ais, no coração gerados,
Não dês á cara Cinza, afflicto Esposo:
Rôção da Vida o circulo afanoso
Caminhos florecentes, e estrellados.

Espiritos gentis, por Jóve amados,
Volvendo a seu Principio luminoso,
Olhão Sol não crestante, e mais formoso,
Vaguêão sem temor por entre os Fados.

Com alta fantasia, e rosto enxuto,
Vê nos Elysios a immortal Consorte,
Vê da Virtude a flor tornar-se em fruto.

Doce, augusta Verdade Amor conforte:
Em vós, oh Impios, a existencia he luto,
He nos Eleitos hum sorriso a Morte.

SO-

Ao Senhor Antonio Bersane Leite, na morte de sua Esposa.

SONETO.

SE he doce no recente, ameno Estio
Ver toucar-se a manhãa de ethéreas flores,
E lambendo as arêas, e os verdores,
Molle, e queixoso, deslizar-se o rio:

Se he doce no innocente desafio
Ouvirem-se os voláteis Amadores,
Seus versos modulando, e seus ardores
D'entre os aromas de pomar sombrio:

Se he doce Mares, Ceos ver anilados,
Pela Quadra gentil, de Amor querida,
Q'esperta os corações, florêa os prados:

Mais doce he ver-te, de meus ais vencida,
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
Morte, Morte de amor, melhor, que a vida.

SONETO.

„ Não presta Coridon, não presta Elpino,
„ Filinto he ninharia, he lixo Alfeno,
„ Albano falla só do Tejo ameno,
„ Só tardes, e manhãas descreve Alcino:

„ Trescala aos Seiscentistas o Paulino;
„ Pois Bocage! Isso lhe péste, isso he veneno. „
Roncava Charlatão rolho, e pequeno,
Pequeno em corpo, em alma pequenino.

„ Quem acha V. m. (lhe sahe d'hum lado
Taful do sério rancho das Lunetas)
„ Quem acha para versos estremado? „

„ Quem! (diz o tal) não façáo lá caretas:
„ Hum que dos seus papeis anda pejado,
„ Poeta de pregões, Cantor de petas.

SONETO.

Morreste, caro Aonio, puro Amigo,
Genio tão doce na ferrenha Idade,
Em que sermos porção da Humanidade
Talvez mais que esplendor nos he castigo.

Triste, amavel Despôjo, em teu jazigo
Pousou meu coração, minha saudade,
E, escuro como a tua escuridade,
Sempre meu pensamento está comtigo.

A' fatal Solidão levou-te a Sorte,
E eu, retido por ella entre os viventes,
Como que já soffri o extremo córte.

Teu exterior, e o meu não são diffsentes;
Meus labios, olhos, faces, tudo he morte...
Mas ah! Q'eu sinto, Aonio, e tu não sentes.

A'

A' morte de Antonio Tertuliano da Silva, e Souza, amigo do Author.

A SANTISSIMA VIRGEM A SENHORA DA ENCARNAÇÃO

ODE.

A Catamento em si, e audacia unindo,
Sobre o jus de immortal firmando os vôos,
A impávida Razão, celeste Effluvio,
Se eleva, se arrebata.
Por entre immensa noite, e dia immenso,
(Mercê do Conductor, da Fé que a anima)
Sobe de Ceos em Ceos, alcança ao longe
O Grão Principio dos Principios todos.

Além do Firmamento, além do Espaço,
Que, por Lei summa, franqueára o seio
A Mundos sem medida, a Sóes sem conto,
Immovel Throno assoma:
De hum lado, e d'outro lado ho todo estrellas;
Vence ao Diamante a consistencia, o lume;
Absórtos Cortezãos o incensão curvos,
Tem por base, e docel a Eternidade.

Luz, de Reflexos tres, inextinguivel,
Luz, que existe de si; Luz, de que emanão
A Natureza, a vida, o *Fado* (1), a Gloria,
Dalli reparte aos Entes
Altas Virtudes, Sentimento augusto,
Aos Entes que, na Terra extraviados,
Das rebeldes Paixões entre o tumulto,
Ao grito do Remorso párão, tremem.

Filho do Nada! Hum Deos te vê, te escuta.
Seus olhos immortaes do Empyreo cume,
Aos teus immensidade, aos d'Elle hum ponto)
Attentárão teus dias,
Teus dias côr da Morte, ou côr do Inferno:
D'alma em alma grassando a peste avita,
Hálito de Serpente enorme, infesta,
Da primeva Innocencia a flor crestára.

Aos Dois (como Elle) do Universo Origem,
Diz o Numen em si Mesmo: o prazo he vindo;
Cumpra-se quanto em Nós disposto havemos.
Eis o Espirito excelso,
Radiosa Emanação do Pai, do Filho,
Mystica Pomba de pureza ethérea,
A' Donzella Iduméa inclina os vôos,
Pousa, bafeja e diviniza o Puro.

Tu,

(1) *Fado* entenda-se pela invariavel determinação de Deos a alguns respeitos.

Tu, Verbo, sobrevens: aérea flamma
Com tanta rapidez não sulca o Pólo.
Eis alteado o grão da Humanidade,
Eis fecunda huma Virgem:
A Redempção começa, o Deos he Homem.
Da Graça, da Innocencia oh Paz, oh Risos,
Do Ceo vos deslizais, volveis ao Mundo:
Cahi, Torres de horror, Troféos do Averno.

Que estrondo!... Que tropel!... ao negro Abysmo
Que desesperação revolve o bôjo!...
Para aqui, para alli, por entre Furias,
O sacrilego Monstro,
O rábido Satân em vão blasfema.
Lá quer de novo arremetter ao Mundo,
Mas vê rapidamente afferrolhado
O Tartáreo Portão com chave eterna.

Em quanto brama, arqueja, em quanto o Féro
Morde, remorde as mãos, e a boca horrenda,
(As espumas veneno, os olhos brazas)
Mulher divina exulta;
Celestial Penhor, que os Anjos cantão,
Que as Estrellas, que o Sol, que os Ceos adorão,
Virgem submissa, mereceo na Terra
Circunscrever em si do Empyreo a Gloria.

Salve, oh salve, immortal, serena Diva,
Do Nume occulto incombustivel Çarça,
Rosa de Jericó, por Deos disposta!
Flor, ante quem se humilhão
Os Cedros, de que o Libano alardêa!
Ah! No teu Gremio puro anima os votos
Aos Mortaes, de que és Mãi: seu pranto enxugue
Seus males abonance hum teu sorriso.

A FILINTO.

ZOilos, estremecei, rugi, mordei-vos:
Filinto, o grão Cantor, prezou meus versos.

Sobre a margem feliz do Rio ovante,
Donde, arrancando omnipotencia aos Fados,
Universal terror vibrando em raios,
Impôz Tropel de Heróes silencio ao Globo,
O immortal Corifêo dos Cysnes Lusos
Na voz da Lyra eterna alçou meu nome. (1)

Adejai, Versos meus, ao Sena, ufano
De altos, fastósos, Marciaes portentos,
E, ganhando amplo vôo após Filinto,
Pousai na Eternidade, em torno a Jóve.

Eis

(1) Com a Ode que me dirigio, e que vem no segundo Tomo das Poesias de Filinto, impressas em Paris.

Eis os Tempos, a Inveja, a Morte, o Lethes:
Da mente, que os temeo, desapparecem.
Fadou-me o grão Filinto, hum Vate, hum Nume
Zoilos! Tremei. Posteridade! E's minha.

AOS FAUSTISSIMOS ANNOS

DA

FIDELISSIMA RAINHA DE PORTUGAL

ELOGIO,

Recitado no Theatro da Rua dos Condes. Anno de 1799.

A Rispida Estação tumultuosa,
Que de vapor medonho assombra os ares,
Que das Eólias grutas desferrolha
Estrondosos Tufões, e além das nuvens
O Pélago arrogante em serras manda;
Esse triste Oppressor da Natureza,
Monarca das horrísonas Procellas,
Cuja grenha eriçada os gêlos orôão,

Que

Que arremessa o trovão, que accende o raio
Na voz terrivel, nos terriveis olhos,
E, saudoso do Cáos, como que intenta
Fingillo, arremedallo em seus horrores;
O carrancudo, tenebroso Inverno,
A face de alto Horóscopo brilhante,
Foi por Lei divinal, por Lei dos Fados
Constrangido a despir Tartáreo luto.

Eis dobrando a cerviz, eis bonançoso,
O Tyranno da Luz sacode as Trévas.
Respira a Natureza, o Ceo respira,
Vitreos os Mares, sobre as praias dormem,
Onde Aquilo rugio Favonio brinca,
A nascer entre a neve aprendem rosas; * (1)
Amor sentindo, o Rouxinol se inflamma, *
Contente, illuso, não conhece o Tempo, *
Vêlla imagina, e canta a Primavera. *

Surgindo em tanto na purpúrea nuvem,
Telas trajando, fulgurantes de oiro, *
De jasmins immortaes a fronte orlada,
Com risos, que estudou de hum Deos na Face,
A scintillante Aurora, o Pólo esmalta.
Seus lumes como nunca então raiárão,
E gota, e gota de maçio orvalho
Que esparzio no teu seio, oh Lysia, oh Patria,
Foi ledo agoiro, foi suave emblema
De mil bens, que dos Ceos a ti dimanão.
Ma-

(1) Delil. Jard.

Maria, a Mái de Heróes, de Heróes a Filha
A Jóve mereceo tão novo Indulto,
Trouxe tão novo Indulto á Natureza.
Seu Natal sobresahe aos mais fulgentes
Quanto no ethéreo Cume, alardeando
Torrentes de fulgor, que o Pólo inundão,
Vence o Planeta magestoso, intenso
Tenue luz, que esmorece em negra Estancia.

Sim, Rainha immortal, se a bem do Mundo
Prenda tão cara não lhe houvesses dado;
Se, doce Fruto de amorosa Planta,
Teu mimo, teu penhor, delicias tuas,
João, Sangue de Heróes, que o Téjo adora,
A nossos corações negado fosse
Ninguem te igualaria áquem dos Numes.

Elles teu grande Horóscopo envolvêrão
No immenso resplendor da Eternidade,
Tua Alma se embebeo na Essencia delles;
E ao ponto em que dos Ceos se derivava,
Abrindo a azul Campina em sulcos de oiro,
Presumio assombrada a Natureza
Que radiosa porção vivificante
Do Facho universal se desprendia.

A Jóve teu Natal deveo sorrisos,
E, attento na mimosa Infancia tua,
Com rosto affagador te olhou, te disse:
„ Qual he teu Dia, tal será teu Fado.

CAN-

CANTATA,

Recitada no Theatro da Rua dos Condes aos annos da Serenissima Senhora D. Maria Theresa. Anno de 1800.

Milagroso Pincel, Pincel divino,
Que, os Seculos transpondo,
Estendes pelo véo da Eternidade
Teus Quadros magestosos;
Vida sem morte, Resplendor sem noite,
Ao Ente humano, graduado em Nume,
Nova existencia, Doação das Musas!
Milagroso Pincel, Pincel divino,
Com teu vário fulgor, com teus matizes
Ao Lethes se arrebata
O jus terrivel de sorver memorias.
Do Vate a prepotencia
Commette, arromba do Vindoiro as portas,
Aos mysterios fataes a névoa rompe,
E d'outro Sol mais puro
Attrahe para a Virtude amenos dias.

Quando flammejas,
Estro sagrado,
Sombras do Fado
Soffrem clarão.

Rou-

Roubas portentos
Do Archivo eterno,
E até no Averno
Dómas Plutão.

Accelerando os vôos
Meu rápido, fervente, alado Genio,
No sem medida Espaço
O Monstro alcança, tragador das Eras,
Dos Tempos a corrente empolga, ousado;
Innúmeros fuzis de ferro, e de ouro
Tenta, palpa, examina,
E em vasta serie de amorosos dias
Escolhe o mais brilhante,
Desata hum dia, em fim, que raro, ou novo,
Namore a Natureza, os Ceos namore,
E aos Mortaes se afigure
Brando sorriso, com que Jóve os honra.
Linda, Real Maria,
Este he teu aureo Dia.
Outros por Lei commum, por Lei constante,
Se espraião sobre o Mundo:
Teu Dia mais cuidado aos Ceos merece,
Teu Dia em modo estranho aclara o Globo.
Musas, Graças, Virtudes
De rosas immortaes croado o sobem
Ao carro, ao gremio da orvalhante Aurora.
A Amada de Titão fastosa o guia,
Brinda com elle a Natureza ufana;
E o brilho desusado,
Que a vitrea superficie ao Téjo esmalta,

Cha-

Chama o ceruleo Nume á flor das agoas.
Em candido tropel das lapas surgem.
As Tágides mimosas:
Fervendo a fôfa espuma em torno dellas,
Como que sente o preço
Dos virginaes thesouros,
Dos thesouros de Amor, em parte avaros.
Eis no esplendor que vestem
O Pólo, a Terra, as Ondas,
O ledo, niveo Coro embebe os olhos;
Eis desenfrêa a voz, que enfrêa os Euros,
E em mágicas torrentes de Harmonia
Os Corações se perdem.
Qual o Ismario Cantor, Prole Febéa,
Em arvores, em rochas,
Em Tigres, em Leões reinou co a Lyra,
Ou sobre Ausonia Scena
Quaes, Crescentini, teus milagres sôão,
Assim do patrio Téjo as Filhas bellas
Urdem, modulão versos
Ao Natal de Maria,
De João, de Carlota ao Regio Fruto!
A's Primicias gentis de Amor sagrado:
Como que inda, enlevado
De assombro, de prazer, taes sons escuto:

Salve, formoso dia,
Tão doce á Natureza,
Que vales a pureza
Do Olympico fulgor!

O

O Tempo em honra tua
Das azas se despoja,
E quebrantado arroja
O Ferro assolador.

Sempre, de ti vaidoso,
Deixando os Cyprios Lares,
De Lysia sobre os ares
Brinque, triunfe Amor.

Vão sempre os teus instantes
De bens a bens voando,
Como Favonio brando
Vôa de flor em flor.

ELOGIO

Aos Faustissimos Annos do Serenissimo Principe Regente, nosso Senhor. Recitado no Theatro da Rua dos Condes. Anno de 1801.

Lucidum cœli decus, ô colendi
Semper, et culti, date quæ precamur
Tempore sacro.

Horat. Carm. Secul.

HOnra, Patria, Virtude! Oh Leis! Oh Throno!
Objectos venerandos, magestósos,
Lustrai na escuridão. que abrange o Mundo,
Do Vate a fantasia erguei de abysmos.

Em tanto que no Ceo renasce o Dia,
Dia eterno, sempar nos Lusos Fastos,
Mordendo-se, escumando, Erynnis vôa
Ante o carro fatal do Deos das Armas,
Onde nuvens de horror gotejão sangue.
Na truculenta mão rodêa o facho,
Crésta os Favónios, as delicias varre.
De sanhudos Leões ondêa a coma,
Longo rugido horrísono rebrama,
Pelos troncos se amólão dentes, garras.

O bronze alója em si rivaes do raio;
No espectáculo atroz, na scena infesta,
Sedentas de hum Futuro ensanguentado,
As Furias se embellezão, ri-se à Morte...
Debalde rebentais, Vulcões do Inferno,
Longe, agoiros crueis: Lysia não treme,
Lysia será qual foi, qual he no Globo,
Mái de Heróes, das Nações a flor, o esmalte,
Da Virtude esplendor, da Gloria Templo,
Pomposo Torreão de férrea base;
Lysia embraça o pavez do eternos Fados;
Se Lysia baquear, baquêa o Mundo:
Hum Deos não he perjuro, hum Deos não mente.

Range os dentes Ismar, anhéla a Preza,
Urrão de Libya os Monstros, amotinão
O Mar, a Terra, o Ceo com grita horrenda.
Eis que de rósea cor se veste o Pólo,
O Ar, porque espera hum Deos, o ornato apura.
Assoma o Recto, o Sabio, o Grande, o Tudo:
Vacilla a Natureza ao pezo enorme.
Elle olha, e deste olhar vê Campo. e Campo.

Reluz o amor, o esforço, a fé nos Lusos,
Na bruta Multidão negreja o Crime;
Da Traição, da Avareza os Genios torvos,
As Serpes da Blasfemia, em roda aos Impios,
Por aqui, por alli sibilão, trôão.

A Voz, freio aos Tufões, amelga o Nume;
Ao Guerreiro Christão, que os Seus inflamma,

O triunfo assegura, e fada os Lusos.
Ao Solio Portuguez submette os Tempos,
Co' a Sacro-santa Mão lhe descortina
Fervendo o Ganges por ceder-lhe as Palmas;
Delle homenagem recebendo o Téjo,
Ufano, recostado á urna de ouro;
Montanhas de troféos ao longe, ao perto.
E sempre illustre a Paz, illustre a Guerra.

Desapparece o Deos, mas fica Affonso,
E de Affonso no ferro espantos brilhão:
Sahe delle estrondo, morte, horror, victoria,
Não soffre arnez, escudo, he raio o ferro.
E cada Portuguez Leão se antolha,
Que, rebanhados Toiros assaltando,
Atassalha, desfaz, estróe, devóra.

Lá nos áres de Ourique inda vagueão
Sagrados ecos da Palavra augusta,
E das Turbas fieis, do Heróe terrivel
Inda o márcio rebombo estruge os valles.

Eia, enleva-te, oh Lysia, em teus Destinos.
Hum Deos te pertilhou, te dá, te escuda
Os Dias de JOAO, saudaveis Dias,
Claros, celestes, como a Luz que, eterna,
Que, immensa, resplandece além dos Astros.
Quaes forão teus Avós serão teus Filhos,
Leaes, ardentes, invenciveis, grandes.
Nos olhos de JOAO se nutre a Gloria,
Basta volvêllos: Heroismo he tudo.

Vi-

Virá, virá de novo a Paz mimósa
Com sorriso gentil dourar teu clima;
As Furias outra vez aferrolhadas
Na masmorra infernal darão bramidos,
Em quanto do áureo Téjo á lisa margem,
No formoso Terreno, onde se encantão
Flora, as Graças, Amor, Favónios, Musas,
Hymnos mandando ao Ceo teus Povos ledos,
Sentirão palpitar, ferver no peito
Branda ternura, que humedece os olhos,
Pranto mais doce, mais fiel que o riso;
E, sem que a Gloria nas delicias turve,
Transportado verá banhar teu seio
Correntes do prazer, de que he a Origem!
O magnanimo Heróe, da Patria Nume,
Esse, em cujo Natál florece o Mundo,
João, mimo d'hum Deos, d'hum Deos Imagem;

ELOGIO

Aos Fastissimos Annos do Serenissimo Principe Regente de Portugal. Anno 1801.

Serus in Cœlum redeas, diuque
Lætus intersis Populo.
Horat. Lib. 1 Od. 2.

QUe alegre, desdobrando o véo de rosas,
Que amena resurgio, que abrilhantada
De estreme, de amorosa claridade
A Aurora de João no Céo de Lysia!

Oh Plaga superior ás Plagas todas,
Que déste ao Mundo antigo hum novo Mundo,
Que, immensa no valor, no espaço curta,
Transcendeste os confins da Humanidade,
Levaste execução lá onde apenas
Ousára abalançar-se o pensamento!
Nesta Luz singular, neste áureo Dia,
Da eterna Protecção penhor formoso,
Trouxe de novo a ti mil dons Celestes
O Genio tutelar, que escuda, e véla,
Grão Menistro de Jóve, os teus Destinos,
Que vassallagem firme ás Leis, ao Throno
Em teu seio arreigou, nutrio, reforça,

Qual

Qual Planta ingente, que, abarbando as Eras
Opulenta de aroma, flores, fructos,
Na viçosa altivez penetra, invade
A Terra co' a raiz, os Ceos co' a rama.

Recrea-te, oh Nação: Divino Indulto
Além da meta humana alçou teu lustre.
Colossos gigantêos no Mar se abysmão,
Marmóreos Torreões dão baque horrendo,
Da Fortuna as Montanhas se desabão,
Deste, daquelle Imperio morre a Fama:
O Médo, o Assyrio cahe, cahe Roma, e Grecia;
Maravilhas do Globo, e ferros delle;
Mas Fado universal não he teu Fado:
Gravame acerbo, aspérrimo tributo;
Males, que a tudo impõe, não ousa impôr-te
O Tyranno commum, Rei de ruinas.
Elle acata a Nação no Heróe que a manda,
Nos Heróes que a mandárão, que a subírão
A' grandeza, ao nivel do Lacio Nome.

Deoses na mente, se Mortaes na essencia,
Co' a Rectidão por norma, os Pais de Lysia,
Os Monarcas do Téjo á Patria derão
Leis amigas do Ceo, do Mundo amigas,
Leis, que hum Deos confirmou, porque erão suas.

Magnanimos Leões Leões produzem,
Frouxo arbusto não he do Cedro a prole.
Affonsos, Manoeis, Dinizes, Sanchos,
De vós, igual a vós, João proveio.

Decreto, pelos Numes promulgado,
Transpôz de dextra em dextra o Sceptro Luso;
Até parar na Mão, que ha de empunhallo
Com tão vasto esplendor, que a Terra espante,
Com tanta duração, que espante os Evos.

Astréa, a Paz, o Amor, Virtude, e Graças,
No mais que doce jugo embellezados,
Volvem dos Astros, sem saber que volvem,
O Olympo esquecem, de João no Imperio,
E suppõem convertida em Tempos de ouro
Negra Idade de horror, que os pôz em fuga.

A Turba ethérea, ladeando o Solio,
Bafeja o coração do Regio Moço:
Alli derrama da Clemencia o néctar,
Alli, Deidade austera, alli, Justiça,
Teu ríspido amargor com elle adoça;
N'alma idéas prestantes lhe aposenta,
Arduas combinações lhe induz, lhe aplana;
Politica sublime entre ellas surge,
Onde a Sagacidade abrange a Honra;
N'um quadro luminoso o bem da Patria
Ante a Face Real prospéra, avulta:
O Presente, o Porvir fulgurão nelle.

Oh tu de hum Deos Contemporânea augusta,
Voragem, onde os Seculos sossobrão,
Ignota, veneranda Eternidade!
Debalde te abarreirão teus Arcanos
Contra audaz Invasão da Idéa em chammas.

Me-

Metal de mais vigor que o bronze, e o ferro,
Recondito aos Morraes, compõe teus Muros;
A névoa dos Mysterios se rodêa;
Mas despedindo o vate ardentes vôos,
A'quem deixando o Globo, o vento, as nuvens,
Qual a que arrosta o Sol, e empolga o Raio,
A eternos Penetraes os hombros mette,
Obstaculos derruba, e lê nos Fados.

Lá onde altos Futuros magestosos
Em sagrado silencio envoltos dormem,
A todos sobresahe Destino excelso
Do generoso Herôe, que rege os Lusos,
Que impera co' a virtude, e não co' a força,
Que, inda mais que no sangue, em si tem base
A inviolavel direito, ao jus supremo
De ser na Terra o que no Olympo he Jóve.

Sim, PRINCIPE immortal, se a longa Serie
De teus grandes Avós te não guiasse
A' brilhante eminencia, onde te adora
Nos Hemisferios dois hum Povo immenso,
Sempre nos corações houveras Throno.
A tua gloria és tu, comtigo brilhas;
Por ti fogem de nós communs desastres,
Venturas entre nós por ti florecem.
O Ceo te inspira, o Ceo te galardôa,
E ethéreo resplendor teus annos crôa.

Congratulação ao Principe, e á Patria, na Paz Universal.

. . . . . Ferrea primum
Désinet, ac toto surget Gens aurea Mundo.

Virgil. Eclog. 4.

PEzavão sobre a Terra os férreos Tempos;
Do facho das Euménides saltava
Em centelha, e centelha hum novo crime,
Estranho aos Homens, e usual no Averno.
Ardia o coração da triste Europa
Em chammas, que a Discordia reforçava
Co' ardor, que zune, estala, ondêa, eterno,
Nas fragoas immortaes do horrivel Pluto.
Pelo amplo Continente, e além dos Mares
Entravão, bravejando, as Leis, e as Furias;
Ceres espavorida os ermos campos
Ao Numen da matança abandonava;
De iniquas Mãos espólio, o dócil Bruto,
Socio fiel do válido Colono,
A robusta cerviz curvava ao ferro,
A robusta cerviz, que déra ao jugo.
Era sonho a Razão, systema o Crime,
Era fado a Crueza, instincto a Guerra
No atónito, infeliz, sanguineo Globo.

O Chaos resurgis; inerte, opáco,
Do abysmo, onde o sumiste, oh Ente immenso!

Em hórridos Baixeis trovões de bronze
No alto Oceano alardeavão mórtes:
O duro Inglez, o Déspota dos Mares,
Torrente universal de cem Victorias
Sustinha, reprezava ao Gallo ovante.
Albion, portentosa, invulneravel,
De espumas, e trofeos cingida, ufana,
Co' as barreiras equóreas blasonando,
A's miseras Nações atropeladas
Mostrava o brio illeso, immune o seio,
Da Patria o santo Amor perenne, intacto.

Delirante ambição de falsa Gloria
Na Gallia turbulenta, e já não culta,
O peito revolvia aos igneos Mastes.
Nas azas da Invasão transpunhão Serras;
Aos rápidos Guerreiros se antolhavão
Valles os Pyrenéos, planicie os Alpes,
(Colossos, que dos Ceos o pezo aturão)
Iberia vacillou, tremeo Germania,
As Aguias, os Leões se acobardárão:
Iberia, que fez face aos Reis do Mundo,
Do Mundo á Capital, e a grão Germania,
Q' outr'hora as Legiões servco de Roma,
Forçando o seu Tyranno a dó pezado.

Tu, Flor das Regiões, formosa Italia!
Dos Fabricios, dos Régulos, dos Fabios,

Dos

Dos Brutos, dos Catões tu Mãi, tu Nume!
Oh Fóco da Grandeza, e do Heroismo!
Rival da Grecia, vencedora, herdeira!
Viste Milagres seus desarreigados
De teu seio gentil, só digno delles!
Insana Usurpação, brutal Rapina
Extorquio, profanou, desfez Portentos,
Sacros á furia de Hyperbóreos Monstros,
Da tragadora Idade á furia sacros.
As mestas Artes, co' a melhor na frente,
(Aquella que os Heróes ergue da Morte,
E em metro venerando os perpetúa)
Carpindo-se, abraçando-se, fugião.
Teus Póvos, Infeliz, teus cultos Póvos,
Dados ao ferro, á chamma, o Ceo rasgavão
Em lamentos, em ais, saudades tinhão
Do Sceptro que os Caligulas manchárão
Do Tempo em que os Tyrannos forão Deoses.

Ai! Que faria a miseranda Ausonia,
Sem ter Camillos, que oppozesse aos Brennos!
Afeito a dardejar Tartáreas flammas,
O Vesuvio pasmou do estranho Incendio,
E de enorme Vulcão por entre as fauces
Alçando o torvo Dite a fronte adusta,
Quanto vira no Inferno olhou no Mundo.
O Mundo agonisava... oh Ceos! Nem Lysia,
A que á Sombra de Jóve affèa o cólo,
Nem Lysia se eximio do Mal nefando,
Lysia, de hum Semideos Herança, e Patria!
Nos seus, imagem vossa, Elysios Campos,

Já

Já bramia o Furor, mandava o Sangue,
Já ... mas subito, á Vóz do Omnipotente,
Que os Aquilões nos Zéfyros converte,
Recolhe as azas a Procella immensa,
Librada sobre o lugubre Universo.

Ante o Solio, de innumeros Luzeiros,
Que alumia os Salões da Eternidade,
Teu nome, alto João, e as preces tuas
Contra o commum Flagello empenhos forão.
„ Eia, Ministros meus: em risco he Lysia;
(D'entre milhões de Sóes o Eterno exclama)
Se a quiz exprimentar, salvalla quero.
A Promessa de hum Deos não retrocede,
E della inda lembrado Ourique exulta.
O que Affonso escutou João merece.
As Virtudes do Avô melhora o Néto:
Vós sabeis ante mim quanto differe
O pacifico Heróe do Heróe guerreiro.
Momento, em que hei fadado á Paz do Globo,
Annexo ao prigo está, que Lysia corre.
Hide, Espiritos meus, Concórdia, vôa:
Azedos Corações adóce o nectar,
Que entorna em meus Jardins manhãa sem noite.
Concurrentes Nações = Britannia, Gallia =
Deponhão timbres vãos, tenaz orgulho,
Em laço fraternal suffóquem odios,
De que deixei pender do Mundo a Sorte.
Arcanos, que nem mesmo a vós se aclárão,
Em Penetraes de bronze á mim só francos,
Do universal Contagio o fim permittem.

Ethé-

Ethérea Viração comvosco adeje,
Que varra aos ares do Orbe a estygia Peste.
C'hum aceno abysmai no Averno as Furias:
Por hóra sobre a Terra apenas fiquem
Os erros dos Mortaes, innatos erros,
Té que os lave o Remorso á Natureza.
O Commercio prospére, as Artes brilhem,
Floreça a Paz, a Industria, a Gloria, Tudo.
Os Homens o pareção: „ disse, e fez-se.

Emfim, Principe Augusto, emfim, podérão
Teu rogo, incensos teus dobrar hum Nume!
O que ao Mundo negou por Ti lhe outorga:
Lysia vale o Universo ante seus Olhos.
Imagem do teu Deos, Pai de teu Povo,
Inunda o coração dos bens que esparges,
Exulta, vive, reina, e brando acolhe
Offrenda, que a teus pés depõem submisso
Quem, dado ás Musas, e anhelando a Fama,
Se honra em teu Jugo, tuas Leis adora.

ELO-

ELOGIO

Aos próperos Annos da Serenissima Princeza do Brazil, a Senhora D. Carlota. Recitado no Theatro da Rua dos Condes, Anno de 1801.

TU, patente á Razão, velado aos olhos,
Monarca do Universo, Alma de tudo,
Immenso, que em ti Mesmo apenas cabes,
Que tens no Ser, na mão, na voz, no aceno
Fados, Eternidade, Omnipotencia,
De que o Raio he pregão, e o Mundo he próva:
Ah! Manda que teus jubilos sem conto,
Que Elysias flores, Zefyros do Olympo
Crêem, bafejem de Carlota o dia;
Que o Sol, que o teu reflexo, a imagem tua,
Com elle avive a púrpura d' Aurora,
Com elle regozije, adorne, altêe,
Gradúe em Divindade a Natureza,
E vá com elle, ovante, além das Eras.

Prole de hum Semideos, Esposa de outro,
De outro, inferior, oh Jove, a ti sómente,
Carlota he de teus dons, de teus thesouros
Nas graças, no attractivo, a flor, o extremo.
Qual no Ceo reluzio quando, inda isenta
Da corpórea prizão, sua alma bella

Se-

Serena de astro em astro vagueava,
Qual no Ceo reluzio, reluz na Terra.
Em seu candido rosto encantos brilhão,
Razão lusitosa lhe aravia a mente,
Sorrisos a grandeza lhe temperão:
Tem mais sublime a indole que a Sorte,
Maior o coração que a Dignidade.
Aos ais do Aflicto, do Infeliz aos prantos
Desde o cimo da Gloria, e da Ventura
Dá materno favor, materno ouvido,
Emulando, apár delle, os mil portentos
Do Consorte immortal, do Heróe piedoso,
Por quem, de aureas delicias esmaltado,
O Ceo de Lusitania as trévas despe,
E he qual foi quando assidua Primavera
Cobrio de viraçoes, e ornou de rósas
Ao terro Globo a superficie amena,
Quando em correntes susurrava ò nectar,
E, o mesmo no Zenith, ou no Horisonte,
O Sol benignos lumes espraiava,
Benignos lumes, como espraia a Lua,
Se com pleno fulgor prateà os mares.

Os Idolos da Patria, o Par brilhante,
Dos Mortaes o Esplendor, João, Carlota,
Oh Rei da Eternidade, oh Rei dos Fados,
No Throno avito, heroico, á Sombra tua,
De Seculos, e Seculos trijunfem:
Delle, della se esquivem Tempo, e Morte,
Dure-lhe a vida o que durar seu nome.

O Téjo despejando as urnas de ouro,
A's plantas lhes deponha o grão tributo,
Té que, a terrestre Máquina abysmando,
Sorva Tempos mortaes o Tempo eterno.
Tua Respiração, dos Ceos perfume,
Purifique o Natal formoso, e caro,
Em que ufana, em que altiva a Natureza
Se enleva, se revê, se ri, se encanta.

Já de Saturno as E'pocas voárão,
Férrea, medonha Idade aggrava os Entes.
Ah! D'entre os mortos Seculos surgindo,
Envôlto em rósas, o melhor dos dias;
Dos dias que perdeo console o Mundo.

Taes, e tantas de Lysia as preces forão
Ante o Solio de Jóve, e delle ouvidas
Colhêrão n'um Sorriso Omnipotente
Da implorada Mercê penhor, e annuncio.

Sáo mimosos do Fado, a Jóve acceitos,
Cobre a Sombra d'hum Deos João, Carlota:
Modelo das Nações! Oh Patria! Exulta.

ELO-

ELOGIO

Aos Faustissimos Annos da Serenissima Princeza do Brazil, Viuva, recitado no Theatro do Salitre em 1798.

SAcro Delirio, creadôra Insania,
Que, não paga de hũ Deos, de hũ Ceo não paga,
Ousaste pregoar mais Ceos, mais Deoses;
Opulenta, indomavel Fantasia
Dos Homens quasi Numes, que, invadindo
Os bronzeos Penetraes da Eternidade,
Presumiste erigir no centro della
O Paço a Jóve, o Tribunal aos Fados,
Os Astros povoar de váas Deidades,
E, esforçando o terror da Natureza,
Depois arremeter do Averno ás portas,
Sumir teus vôos pelo immenso Abysmo,
Erguer Plutão sanhudo em férreo Throno,
Fingillo ao Medo, figurallo ao Crime
Regendo as Furias, legislando á Morte:
Oh Genios sem limite, oh vós, que outrora
Daveis aromas, Templo, Altar, Ministros
A' Virtude immortal das Almas bellas,
Mais puras, mais brilhantes, mais formosas
Que o filtrado clarão das Eras de ouro!
Manes, sagrados Manes, se, arrombando
Da Existencia, e do Nada o muro eterno,

Vol-

Volvesseis a vagar no Globo infausto,
No Globo já corrupto, e não lustroso
Do primevo esplendor! Se ao alto olhando
Por entre a névoa de apinhados vicios,
(Semente nunca estéril no Universo)
Visseis em summo grão, remoto delles,
Luzir dos hymnos meus o grande Objecto,
Luzir Maria, a singular Maria,
Pról de Reis, de Heróes, de Semideoses,
Do Imperio Universal por si crécôra,
Maior que os Fados seus, maior que a Fama!
Irieis com transporte, e jús mais santo
Sagrar-lhe aromas, Templo, Altar, Ministros.

Seu Dia, que deveo aos Ceos cuidado,
E no Sol, como os mais, não teve origem,
Seu risonho Natal, quasi tão puro
Como o seu Coração, deo hoje á Terra
Prazeres, cuja idéa encantadôra
Foi ao Estro Dircêo talvez negada.

Hoje Aurora surgio não somnolenta,
Hoje Aurora, anhelando anticipar-se,
Na orvalhosa madeixa desparzira
Almos perfumes, a que cede o nectar,
Flores, que dispuzera, e que zelava
Nos Elysios Jardins Cultor divino,
Para toucatem a manhãa mais bella,
A mais bella manhãa, que sobre o Tejo
Em chuveiros as Graças derramando,
A' superficie azul subtis cardumes

rahio dos Favonios brincadores,
: mais doce fragrancia enfeitiçados,
ns após outros desdenhando as rosas.

rio-se, como nunca, o Rei dos Entes
ponto em que raiou tão fausto Dia,
entre os ethereos orbes deslizado;
rio-se, e reflectio no Ceo, na Terra,
face festival da Natureza
adoravel Sorriso Omnipotente,
paz de produzir mil Sóes, mil Mundos,
rcer os Fados, e alegrar o Inferno.

tão, a eternas Leis curvado o Tempo,
corrente fatal dos Bens, dos Males,
a que he vida este anel, e aquelle he morte,
Tempo então, depondo a fouce, as azas,
lio aureo fusil, tão reforçado,
ie o desabrido assalto, o pezo, o encontro
s Seculos em chusma, o não rompessem:
ve tanto a Virtude ás Divindades!

:, brilhante Fusil, és a existencia
Regia, da magnanima Heroina,
ie n'alma florecente o Ceo resume;
gusto Coração, cuja grandeza
ando aos Miseros desce aos Astros sóbe,
colhe em galardão a Eternidade.

canto Universal, Matrona excelsa,
mo que ao Templo ingente, onde a Memoria

Cons-

Construe estátuas, que não róe a Idade,
Erguido, arrebatado o pensamento,
Por entre as altas Cópias venerandas
Daquellas que transpôem o horror do Lethes;
Lá vê sobresahir a Imagem tua,
E lê na, que a sustem, perpétua base:
„ A Gloria de Maria he mais que a vossa:
„ Ao Bronze superior curvai-vos, Bronzes,

A ESTANCIA DO FADO,

ELOGIO DRAMATICO,

Recitado no Real Theatro de S. Carlos, no dia natalicio da Serenissima Senhora D. Maria Theresa. Anno de 1797.

ACTORES.

O Fado.

O Genio Lusitano.

Lysia.

A Scena se figura na Estancia do Fado.

SCENA I.

O Fado, e o Genio Lusitano.

Genio.

OH tu, que já severo, e já benigno,
Ou prostras, ou mantens, ou dás, ou tiras,

Despótico Senhor da Natureza,
Ente, de cujas Leis he tudo escravo,
Hoje desenrugada, a fronte augusta
Affavel te promette ás préces minhas.
Ministro pontual dos teus Decrétos,
Eu, que ha tantas Idades vélo, oh Fadó,
Na gloria, no esplendor da egrégia Lysia,
De brilhantes Heróes origem pura,
Eu por ella te invoco: alto Interesse
A dirige, a conduz ante o súpremo
Throno, onde reinas, adoravel Throno,
Escorado na immensa Eternidade.

Dá que a teu grão Poder curvando a frente,
Honrada ha muito de Apollinea rama,
Lysia teus dons benéficos implore.
De tudo quanto abrange a longa Terra
Nada tão digno de encarar seu Solio.

Fado.

Magnanima, fiel, constante, invicta,
Lysia, qual a formei, dá lustre ao Mundo;
Ante o seu gosto minhas Leis se tórcem:
Tens influxo, oh Virtude, até no Fado.
Venha, merece olhar-me, ouvir merece
A vóz que ao proprio Jove o Throno abala;
Toque a vedada, sempiterna Estancia
Por onde em turbilhões Mysterios tervem.
Gloria, aos Mortaes defesa, a Lysia cabe.

OGenio via conduzir Lysia.

SCENA II.

Lysia, e os mesmos.

Lysia.

Fado, Prôle immortal da Eternidade!
Numen, de cujas mãos está pendente
Cadêa em que os fusís são bens, e males,
A Desgraça, a Ventura, a Morte, a Vida;
Dos Tempos Movedor infatigavel,
Que de lêdas, pasmosas, tristes Scenas,
De Espectáculos mil sempre matizas
A curva superficie ao térreo Globo!
Se desde que assomei luzi no Mundo,
Se a tua protecção, comigo estavel,
Das mais claras Nações me fez modêlo;
Se, escudada por ti, dei ser, dei pasto
A' bella Emulação, e á fêa Inveja,
Se de illustres acções doirei a Historia,
Se a firme Tradição croei de assombros,
Se meu brado esparzi de Clima em Clima
Nas férreas tubas da volátil Fama,
Atando em áureo nó Virtude, e Gloria;
Se emfim, qual sempre foste, és inda, oh Nume,
Para os desejos meus benigno, facil,
Summa razão, que os móve, os felicite.

Fado.

O passado, o presente, o que inda ignóto
He aos cégos Mortaes, perante o Fado
Tão claros, n'hum só ponto, resplandecem

Co-

Como rutila o Sol no aéreo Cume.
Deves, Lysia, porém, gozar o indulto
De livremente expôr teus sãos desejos.
Ao que Lysia appetece o Fado annúe.

Lysia.

A promessa immutavel que te escuto
Affectos mil no coração me agita,
De altas idéas me povôa a mente.

Destinada por ti ao grande objecto
De honrar o Mundo, e propagar portentos;
Mãi fecunda de Heróes, teus fins cumprindo,
Sementes espalhei, de que brotárão
Candidas Flores, generosos Fructos.

Desvelada, incansavel, conduzindo
Por entre abrólhos, precipicios, trances
A minha Próle audaz, a Lusa Gente,
Com ella commetti, pizei com ella
O quasi inaccessivel Monte ameno,
Onde reside a perennal Memoria.

Com arrojado pé fomos subindo
Os marmóreos degráos do ethéreo Templo;
E, os estreitos Vestibulos entrando,
Vida sem fim, mortal Eternidade
Corremos a colher nas Aras de ouro.

A' Turba dos Heróes que alli brilhavão,
Luzeiros immortaes de Grecia, e Roma,

Estranha não fez a nossa entrada:
Curvas as crespas, laureadas frontes,
Com sorriso amigavel nos saudárão.

Do bafo empestador, que sahe dos vicios,
Jámais os Fructos meus crestados forão:
Salvos da corrupção, a Idade os traga;
Puros, formosos, como vivem, morrem.

Mas dos ramos desta Arvore, que alcança
Os Hemisférios dois co' a vasta sombra,
Tão viçoso nenhum, nenhum tão digno
Do amor da Terra, da attenção do Fado
Como o que eu distingui de mil que nutro.
He de Bragança o Ramo, o Ramo annoso,
De raras Producções sempre adornado,
Este, cuja Grandeza anhélo, adoro.
Em huma, em outra Idade o viste, oh Nume,
Ao bravo repelão de horriveis Euros,
De Procéllas fataes illéso, immovel;
Viste-o dar leis a si, dar leis a tantos,
Unir ao Mando augusto augusto Exemplo,
Assombrosos Heróes crear co' a vista.

Por esta de Mortaes quasi divinos
Abalizada Estirpe, a ti recorro
Neste Dia entre os meus de hum Sol mais puro.
Maria, o tenro, o candido Renovo
Da Planta que idolatro, eximio Fructo,
Doces Primicias, e Penhor sagrado

De

De caro, insigne Par, João, Carlota,
Dos Lusos Corações Idolo, e Gloria:
Maria hoje raiou no alegre Mundo,
Hoje na rubra nuvem scintillante,
De rosas, e jasmins bordando os ares,
Aurora appareceo c'hum riso novo;
Hoje o suave, cristalino orvalho
Mais alvo, e mais subtil cahio nas flores;
O lédo Rouxinol, prazer dos bosques,
Novos sons estudou para este Dia;
Tornou-se mais formosa a Natureza;
Nas Montanhas vestio, vestio nos Prados
Mais lustroso matiz a Primavera,
E agora que renasce este almo instante
As nuvens despe o Ceo, e o Pégo as ondas;
Qual outr' hora exultára o Mundo exulta.

A seus, e a meus transportes sê propicio,
Satisfaze os Mortaes, ordena, oh Fado,
Que Fébo vezes mil no plaustro de ouro
Com Dia tão feliz prospére a Terra;
Ordena que mil vezes se renovem
Annos brilhantes na Vergôntea bella,
Na régia Producção de Tronco excelso.
Franquêa aos olhos meus, franquêa, oh Numes,
O Tropel de recônditos Mysterios,
Sumido em negros véos, eternas sombras;
Aclara, desenvolve a meus desejos
Altos Futuros da gentil Princeza.

Ge-

Genio.

As' preces que te envia eu uno as minhas:
Amor, Virtude, Gratidão te implorão.

Fado.

Eis o mais amplo Dom que póde o Fado
Para vós extrahir de seus Thesouros.
Silencio, que eu desligo, eu desentranho
Da Noite do Vindoiro os Bens supremos
Que á Princeza immortal propicio guardo.

Fulgentes como a Luz que resplandece
Na pura Habitação da Eternidade,
Seus Destinos vereis, vereis seus Dias.
Da generosa Avó, do Pai sublime,
Da idolatrada Mãi Retrato egregio,
Virtudes, perfeições em si juntando,
Por mil raros Espiritos dispersas,
A mimosa, gentil, Real Maria
Dará novo esplendor á digna Patria.
Como o formoso Irmão no avito Imperio
Dará sagradas Leis em Clima estranho,
Leis, amigas do Ceo, do Mundo amigas.
Ligada em áureo nó, com fausto agoiro,
A Régio, claro Heróe, crédor de obtêlla,
Fará que a seu louvor não baste a Fama,
E cance de espalhar-lhe as maravilhas.
Seus Thesouros serão, será seu Throno
Asylo maternal dos Malfadados,
Almo Refugio da Virtude oppressa,

Da

Da sã Justiça, da Innocencia amavel:
Tristes que a virem ficarão contentes.
Mérito, e Galardão, Delicto, e Pena
Debaixo do seu Jugo hão de enlaçar-se;
Por muito, e muito que a Fortuna a brinde,
Mais ha de conferir-lhe a Natureza.

Tantas vezes o Sol trará seu Dia,
Seu Dia, pelas Graças enfeitado,
Que, antes que césse de guiallo ao Mundo
Com tanto resplendor, qual hoje o doira,
Hão de esparzir-se nos cerúleos ares
Rôtas as rédeas dos Ethontes fulvos.

Vai, Lysia, volve aos teus; co' a face augusta
Regozija os Mortaes, de ti saudosos.
O Fado o proferio: mil Bens te esperão.

Lysia.

Graças, Numen clemente. Eu corro, eu corro
A derramar na Terra o grande anúncio.

Genio.

Lysia, Lysia feliz! Comigo exulta.
Tudo se cumprirá: não mente o Fado,

ELOGIO

Aos Faustissimos Annos do Serenissimo Principe Regente de Portugal. Anno 1803.

. . . . *Ipse tibi jam brachia contrahit ardens Scorpius, & Cæli justâ plus parte relinquit.*

Virg. Georg. Lib. 1.

O H Lustres do Salão radioso, immenso,
Fonte invisivel dos visiveis Astros!
Em torrentes de luz, perennes, vossas,
Sem que naufrague a mente, he jus do Vate
Sondar a Eternidade, abrir os Fados.

Sorria-se na Terra o Mez das flores,
Espelho erão dos Ceos as vitreas ondas;
Do azul Favonio, da punicea Rosa
Ténues suspiros, candidos perfumes
A léda Natureza embellezavão.

Eis ante o Rei de tudo Heróe que outr'ora
Gozára entre os Mortaes o gráo de Nume,
O claro Fundador do Luso Imperio,
Dos altos Promontorios a saudade,
Aquelle, cujo nome os patrios Ecos

Com

Com lúgubre memoria inda proferem,
Curvo o joelho, súpplice a palavra,
Pios desejos exprimio dest'arte: „

„ Grão Ser, que da medonha, antiga Massa
D' huma vez extrahiste o térreo Globo,
Que n'um sorriso os Ceos, e o Sol creaste!
Dá complacente ouvido ás preces minhas.

O Imperio Occidental, por ti doado
A mim, e ao sangue meu, que as Leis te adora,
O Imperio Occidental, Theatro annoso
De innúmeros portentos, de alta gloria,
A Plaga venturosa, o doce Clima,
(Que já sagraste co' a Presença tua)
Lustra de novos dons, de timbres novos,
Em virtude, em grandeza, em magestade.
A Planta, de que fui raiz fecunda,
Sempre mimosa de teu almo Influxo,
Bróte por Ordem tua hum fructo ameno,
Que adorne, encante, aformosêe a Terra.

De Lysia velador, propicio Genio
Tu me elegeste, oh Deos. Eu guardo, eu zelo
Fiel, grata Nação: mil e mil vezes
Se apurão no esplendor da Eternidade
Incensos que te dá meu Povo amado.
Requintada ventura, hum lustre, ignoto
Ao resto dos Mortaes, o galardôe:
Primario Templo teu no Mundo he Lysia,
Quasi como he nos Ceos, he lá teu Culto. „

Taes,

Taes, e tantas de Affonso as preces forão;
E ás preces annuio o Author dos Astros.

Revolve a Mão Suprema o Cofre eterno,
E entre milhões de Espiritos fulgentes
Hum que mais brilha, bemfazejo, estrema.

Oh vós, de inextinguivel Claridade
Serenos Filhos! Impalpaveis Entes!
Nuncios da Terra aos Ceos, dos Ceos á Terra
Quando implora o Mortal, e outorga o Nume!
Vós, leves meneando as alvas plumas,
Ao Solio, que dá leis do Téjo ao Ganges,
Trazeis hum Dia, que atavie os Tempos,
Hum Dom trazeis, que divinize o Mundo.

He teu Natal, grande Joáo, tua Alma
Este Dia, este Espirito, fadados
De caracter sem par, de bens sem conto
Pela Vóz que do Sol regula o gyro.

Donativo do Ceo, Prazer da Terra,
Que honras o Mundo todo, e reges parte,
Principe excelso, Principe adorado,
Enlaças coraçoes em flóreo jugo;
Ternura filial nos diz que reinas,
Não convulso Terror, não Leis de ferro.

Quaes folgão, limpas das terrenas fezes,
Almas formosas nos Elysios prados,

Vagão, risonhos, festivaes teus Povos
Amplo Dominio, que dos Ceos herdaste.

Tarde, mui tarde a teu Principio voltes.
Depois que o Tempo fatigar seus vôos,
Vá sumir-se comtigo a Natureza
No seio da lustrosa Eternidade:
Eis os votos de Lysia, e do Universo.

O NOVO SECULO,
ELOGIO DRAMATICO

Aos Faustissimos Annos do Serenissimo Principe Regente de Portugal. Recitado no Theatro do Salitre. Anno de 1801.

AURORA.

OH tu, Prole recente, ultima Prole
Do Numen que anniquila o bronze, o ferro,
Que absorve Gerações, que exerce os Fados,
Que vai minando o seio á Natureza,
E como que assoberba Eternidades!
Filho do Tempo, Successor não duro
De Seculo feroz, de Irmão terrivel,
Que Eurôpa mergulhou n'um mar de sangue,
Que a Virtude, a Razão, que as Leis, e a Gloria
Eclipsou, perseguio, desfez sem pejo;

Té-

Té ao bojo infernal cavando abysmos,
As Furias arrancou da Noite immensa,
As Furias, que, esparzidas no Universo,
Todo em Reino da Morte o converterão:
Graças aos Numes, o Tyranno he cinza,
O Seculo do horror volveo ao Nada;
Morta Esperança de viçosos dias
Resurge devagár, se move a medo;
Imagem festival de bens vindoiros
Na térrea superficie emfim vislumbra:
Por sombrio horizonte apenas ficão
Rastos sanguineos dos forçados vôos,
Com que a fera Discordia, a negra Erynnis
Da peste, que em seu halito dardejão,
Extensas Regiões purificárão.

Mas os Tartáreos Monstros não repousão,
Nas estremas da Terra inda retumba
O medonho clamor que sahe do raio.
Talvez nova impiedade enlute o Globo,
Talvez... tão feia idéa os risos furta
Da face com que alegro a Natureza.

Ah! Tu que aos Penetraes do immobil Fado,
Lá onde o pensamento a custo adeja,
Foste a Serie colher, Serie sem conto
De altos successos, em teu gyro inclusos;
Tu, que na Estancia onde os Futuros dormem
Com lume audaz a escuridão venceste,
E, o gremio do Possivel revolvendo,
Soubeste se a Ventura, ou se a Desgraça

De-

Deve sobre esta Máquina indecisa
Reger Sceptro de ferro, ou Sceptro de ouro:
Recrêa, oh Numen, cujas Leis supremas
Observo pontual na rósea Plaga,
Recrêa indagador, tenaz desejo,
Abrindo aos olhos meus clarão futuro.

SECULO.

Deosa brilhante, que atavião, cobrem
Grinalda de jasmins, docel de rosas,
Mãi dos Luzeiros com que douro as vestes,
Amores de Titão, delicias, mimo,
Que aljofares entornas sobre as flores,
Que dás puros cristaes ao leve arroio,
Sussurro ás viraçôes, gorgêo ás aves,
E o gosto de existir á Natureza!
Bem que os mysterios do immutavel Fado
Envolva escuridão, e acatamento,
Que do Mundo profano abate os olhos,
Comtigo, que és Deidade, e Socia minha,
Comtigo, que do Tempo exerces parte,
As Leis universaes vogar não devem.
Enxuga o doce pranto cristalino,
Que entre as flores de Amor, e a neve, e as graças
Na face te reluz: socega, escuta.

Aos Mentes sempiternos, onde o Fado
Em Palacios de bronze as leis promulga,
Resfolgando subi, subi tremendo

„ O Imperio de João, seus aureos dias
Gozem no Mundo o resplendor do Olympo. „

AURORA.

Oh transporte! Oh ventura! Oh Ceos! Oh Fado!
Sendo teu jugo assim, teu jugo adoro.

ELOGIO

Em parte imitado de Virgilio, e consagrado no Theatro da Rua dos Condes ao Nascimento da Serenissima Senhora D. Isabel.
Anno de 1801.

ACTOR.

MUsas, Musas do Téjo, alçai ao Pólo
Versos dignos de Reis, da Patria dignos.
Desenruga-se o Fado, os Tempos volvem
Quaes a Vate Cumêa os vio na mente.
O Mundo se renova, o Cáos triste,
Com que oppressa gemia a Natureza,
Em dias se desfaz de riso, e de ouro.
No manto côr de neve Astréa envolta,
As Eras de Saturno á Terra guia;
Desliza-se dos Ceos Estirpe nova,
Sorriso virginal, Penhor Divino
Apura, formosêa os ares nossos;
Em Zefyros mimosos se convertem

Os

Os duros Aquilões; Luzeiro errante
Surge, rutila da sinistra parte,
E com faustos Satélites discorre
Deste a aquelle Horizonte os Ceos de Lysia.
Ingente, magestoso, e qual outr' hora
Dourou a Alma de Julio o Ceo de Roma, (1)
Fantasmas desvanece, agouros varre.

Salve, casta, benéfica Lucina,
Fautora do gentil, do amavel Fructo
Que brota de sagrada, eterna Planta!
Salve, Prole de Heróes, Prole adoravel!
Tu vens embrandecer com teus encantos
A férrea Idade, o Seculo das Furias;
Amor, paz, innocencia ao Mundo offreces
Dos olhos infantis no doce lume.
Luzindo, vicejando em mil virtudes,
Irá teu coração; maior que os annos,
De glorias cingirás tua existencia,
Por ti conciliado o Ceo co' a Terra
Veremos, e por ti verificar-se
Quanto as Mentes Febéas tem sonhado.
Nos Tempos de João, nos Tempos nossos
Ha de o passo de Jove a Patria honrar-nos;
Hão de os Netos de Luso, ao Deos tão gratos,
Qual se vive no Ceo, viver no Mundo:
Mistos os Numes, e os Heróes veremos,
E, se rastos houver do Crime antigo,
Apagados serão por teus influxos.

De flores se matiza em honra tua

A leda Natureza: o térreo Seio
Levanta o myrto ameno, a Páfia rosa,
O Loireiro honrador, e o molle acanto.
Nas várzeas para ti se está sorrindo,
De aurea espiga toucado, o Mez de Ceres;
Vai teus louvores murmurando o Téjo,
E ao potente Oceano, ao Rei dos Mares
Leva teu nome, o teu Natal, teus Fados
Na voz, que adoça ao proferir o annúncio.

Ateão-se entre as alvas, brandas Nynfas
Doces debates: entre si contendem
Qual primeiro abrirá nas vitreas lapas
Teu Nome idolatrado, e qual primeiro
Teu aureo Berço, teu virgineo Corpo
Na téla imitará com sábia agulha.

Tumultuando os Ceos trovão de bronze,
Não murcha corações, não tolhe os hymnos
Que o transporte, que o júbilo desata.
O Numen da braveza, o Deos do sangue,
Ouvindo que teu Ser já luz no Mundo,
Do carro assolador saltando alegre,
O elmo, a lança, o pavez arremessando,
Ficará tão sereno, e tão macio,
Como quando entregava, acezo em gostos,
De Venus ao regaço a crespa fronte,
E co' as armas folgando os Amorinhos,
Do carácter deposto escarnecião,
Carácter surdo aos ais, aos prantos surdo,
Que huns olhos, que hum sorriso amollecêrão.

Me-

Melindrosa, gentil, Real Menina,
Cópia das Graças, dos Amores cópia,
Filha digna dos Pais, delicia delles,
Cresce, brilha, prospéra, exulta, vive:
Quaes são teus olhos os teus dias sejão,
Claros, formosos, innocentes, puros.

Querida Prole, a conhecer começa
A carinhosa Mãi, que magoaste
Com agro pezadume em longos dias;
Melhora os risos teus nos risos della,
E's Semidéa, ficarás Deidade.

ACTRIZ.

Para o penhor mimoso,
D'entre os sydereos lumes,
Olhai, benignos Entes,
Olhai, propicios Numes,

A providencia vossa,
Vosso favor merece
Quem tanto, oh Divindades,
Comvosco se parece.

Genio de luz composto
Córte os cer leos ares,
E dos Monarcas Lusos
Orne os pomposos Lares.

Ao marchetado Berço,
Risonho, se aproxime,
E alli requinte as graças
De Espirito sublime.

Seus luminosos Fados
Zelando em cofre de ouro,
Lustre, enriqueça o Mundo
C'o singular Thesouro;

Afague a doce Prole
Dos que são mais que humanos:
Della hum só dia occupe
O que não cabe em annos;

E, quando em tardas Eras
Voar d'entre os Mortaes,
O Ceo na posse della
Goze de hum Astro mais.

PRÓ-

(1) Esta imagem está usurpada por certa Poesia mais moderna.

PRÓLOGO

Para o Drama de Nuno Alvares Pereira, representado no Theatro da Rua dos Condes em 1801.

VArão digno de Lysia, ou Roma, ou Grecia,
(Quando Grecia existio, quando houve Roma)
Alta Planta de Reis, até dos Mesmos
Que, só Mortaes na essencia, o Téjo adora;
Pereira, aos seus, e a si pavez tremendo,
A Dragos, a Leões Alcides novo,
Vivo na Tradição, na Historia vivo;
Aquelle, a cujo ferro, a cujo raio
Da intriga, da traição cahírão Monstros,
E rôtas no alicerce, e dertocadas
As Torres da Ambição, do Orgulho as Torres;
Aquelle, que, insofrido a jugo estranho,
Foi base onde João manteve o Solio,
Que aposta durações co' a Eternidade;
Nuno, o maior talvez dos Lusos Martes,
Que á pública Razão, que ao bem da Patria
Deo sangue, deo suor, deo pensamentos,
Que, surdo á Natureza, em gloria absôrto,
No peito anniquilou privado affecto,
E, de louros sombria a fronte excelsa,
Fatigadas por Elle as tubas cento,
Em sagrado Retiro ergueo da Terra

(Ci

(Cá d'entre os Reis de pouco ao Rei de Tudo)
A mente, digna só da immensa Idéa,
Illusões expulsou, despio fantasmas,
Achou verdade o Homem, sonho o Grande:
Eis o que hoje na Scena, honrando-a, surge,
Aos Lusos esplendor, saudade, exemplo,
Semente que expellio milhões de assombros
Na Idade em que medrou, nas que a seguirão.

Mas não sómente, oh Patria, o claro Objecto
Te domine a attenção, te chame os olhos:
Se abala os corações Carácter grande,
Infausta Condição quem não commove?

A Musa em que apparece o grão Pereira,
Negramente fadada, urdio nas sombras
Difficil têa, que palpava incerta;
Do miserando Author (1) nos olhos tristes
Eterna escuridão pousou mais cedo,
Nos abysmos da Morte, á luz sumido,
Fervendo em santo amor, que as Leis arreigão,
Colhe entre espinhos de árida existencia
Fructos de gloria com que brinde a Patria,
Propicio nome, que lhe ameigue os Fados.

Que direito ao louvor! Que jus ao pranto!
Chora seu fado, oh Lysia, honra seu nome.

ELO-

(1) Thomaz Antonio dos Santos, e Silva, meu compatriota, cujo talento, e desventura o assemelhão a Milton.

ELOGIO AO PUBLICO,

Em nome de hum Actor do Theatro da Rua dos Condes, no dia do seu Beneficio. Anno de 1803.

REquintado artificio além da méta
Tentava da Illusão levar o imperio.
Graças mimosas, femininis encantos,
Espinhosos desdens, macio affago,
Prizão tão doce aos corações, o riso,
E o pranto, aos corações prizão mais doce:
Affectos que dulcisónos se exhalão
Na voz, orgão de amor, feminea, branda,
Ha pouco, em som viril falsificados,
Hum agro não sei que deixavão n'alma;
De ternas sensações (já dor, já gosto)
Vasio o peito, suspirava encher-se;
O pensamento, o coração pedião
Misto aprazivel de verdade, e engano.

A sabia Natureza, a Mái das Artes
Eis volve á Scena Lusa, e já com ella
Florece a Formosura, attrahe, sacia
Olhos sedentos, sôffregos ouvidos.
Zenóbia, Elisa, Cleofide acordão
De eterna escuridão, de férreo somno.
Dos Seculos o pezo ei-las sacódem,

E em níveas faces, em purpúreos labios,
No talhe magestoso, em alma, em tudo,
Vem reinar sobre a Scena, e são quaes forão:
O attento Espectador palmêa, exulta,
E a fonte das paixões borbolha, e corre
Por flóreo, natural, gentil caminho.

Eu, oh d'alta Ulysséa illustre Povo,
Eu, de ténues paixões frouxo arremedo
Em hábito fallaz exercitando,
Os quadros distingui moraes, e amenos,
Onde alegre Illusão com risos mente.
Meu passo, minha voz, vontade, affectos
A' Natureza emfim se restituem:
Qual me quiz, qual me quer, qual sou, pratico
O que Arte escaça, o que mesquinhas Luzes
A' mente escura, indócil me doárão.

Espectadores meus, que honrais meu dia,
Risonha complacencia os erros doure
Do inerte, humilde Actor, que a Patria implora.
Sede o que fostes, e talvez, surgindo
D'entre os nomes communs, será meu nome,
Oh claros Cidadãos, prodigio vosso.

ELOGIO AO PUBLICO,

Em nome de Leocadia Maria da Serra, no dia do seu Beneficio, e recitado no Theátro do Salitre em 1799.

ACTOR.

Por huma estrada só não se encaminha
O Genio lidador, votado á Fama:
As diversas paixões tem fins diversos,
São diversos os gráos, onde a Virtude,
Onde a Gloria aos Mortaes colloca os nomes.

Por entre o fogo, o pó, e o sangue, e a morte
Raios de ferro, ou bronze arrosta Aquelle:
Arde, freme, esbravêa, arqueja, espuma,
Em quanto, do Espectaculo atterrada,
Parece que recúa a Natureza.
Este em douta vigilia, e reclinado
Da planta de Minerva á sombra amiga,
Estuda os corações, estuda os tempos,
Sonda costumes, caractéres sonda,
E, corrigindo os mais, a si corrige.
Estoutro, desdenhando a baixa Terra,
Nos extasis Phebêos discorre os Astros;
Travão seus olhos do Futuro esquivo,
Da immensa Eternidade arranca os Fados:

Mor-

Mortal na condição, na voz he Nume.
Renascem Rafaeis, Fidias renascem;
O mágico Pincel prodigios verte,
E em milagrosas mãos a Pedra vive.

Tu, tambem, raro Dom, tu, Dom lustroso
De exprimir as paixões, de erguer á vida
Claros Heróes, que no Sepulcro dormem;
Tu, ante quem o Avaro ímpetos sente
De ir desaferrolhar thesouro inutil,
Malfeitor coração detesta o crime,
O que em sangue esparzio compensa em pranto,
E, ou receie o ludibrio, ou ame a gloria,
O Máo se torna bom, e o Bom perfeito:
Portentosa Illusão, que senhorèas,
Que encantás Corações cõ' a voz, e o gesto,
Tu na Posteridade aos que te exercem,
Se és delles dignamente exercitada,
Classe, e classe não infima, grangêas.

Quanto ao Sexo mimoso apura as graças
Est' Arte, a mais Irmãa da Natureza!
Congresso espectador! Vós o sentistes
Quando Aquella, que he hoje objecto amavel
Do público Favor. pintou nos olhos,
Nos labios, nas acções, nos ais, nos prantos
O terror, e a piedade, Alma da Scena,
O affecto conjugal, e a dor materna,
Envôlta em longos véos da cor da Morte!
Benignos Corações, allucinados

De

De eloquente, pathética apparencia,
Julgastes ver surgir da morta Idade
A Esposa de Raúl, (1) e em mil suspiros
Mandar o pensamento á Sombra amada.
Soárão vivas, lagrimas correrão,
Do transporte geral não dubia prova;
E a terna Gratidão, sagrado affecto,
Vem tributar-vos sentimentos puros
Na doce voz da revivente Elisa. (2)
(*Para ella*)
Chega, e vê que Espectáculo pomposo,
De illustres Cidadãos vê que Assembléa
Concorre a proteger-te, ouve que applauso
Generoso te exalta, e vai fundando
Em robusto alicerce a gloria tua.
Os dois formosos dons = temor, e pejo, =
Realces de teu Sexo, não supprimão
Da bella Gratidão sensiveis mostras.
Sólta a candida voz da singeleza,
Que em silencio te escuta hum Povo egregio,
Hum Povo, o mais feliz, e o mais amavel
De quantos sobre a Máquina terrena
Prodigios immortaes tem dado á Fama;
Hum Povo submettido a Leis maciás,
Que a mão de hum Semideos dos Ceos traslada,
O Povo de João, do Heróe, do Amigo,
Do Pai commum, do Bemfeitor da Patria,
Daquelle em que a Virtude he só grandeza,
Daquelle, que de si por nós se esquece,
Daquelle em cujos dias luminosos
D'entre os fusis dos Seculos dormentes

Re-

Rebentão de Saturno os aureos dias.
Enche hum sacro dever, e a voz desprende.

ACTRIZ.

Excelsa Patria minha, Espectadores,
Que tanto, e tanto honrais co' a voz, e os olhos
Meus tímidos ensaios sobre a Scena;
Propicio Tribunal, em que he julgada
Débil Mulher, que pávida caminha
Por espinhosa, incógnita vereda,
Onde o Genio talvez, onde o Costume
Tambem se desacordão, se extravião,
Ou tudo vem do ensino, ou vem do exemplo:
Recentes para mim o exemplo, o ensino,
Fertilizar minha alma inda não podem,
Nem conferir-lhe o tom, nem dar-lhe o gesto
Com que hum animo em outro se converte.
Mas vejo reluzir brilhante agouro,
Que, affagado por vós, me aponta ao longe
Digna da Patria n'um Futuro honroso.

Da Gloria no Horizonte os olhos fito,
E á pública, efficaz Beneficencia
Meus dias consagrando, anhelo o tempo
Em que os esforços meus, os meus desvélos
Crôe mais a Razão do que Indulgencia,
E eu clame, decantando alta victoria:
„ Porque he Gloria da Patria, estimo a Gloria:

PRO'-

(1) Raúl, ou Rodolfo de Vitre, Protogonista na Tragedia do Escravo, composição de Camilo Federici.

(2) A Esposa de Raúl.

PROLOGO,

Ou Argumento da Comedia intitulada = O Extremoso = recitado no Theatro da Rua dos Condes. Anno de 1800.

EXtremos, frenesis, queixumes, prantos
Da funesta paixão, desejo insano,
Que, envôlto no prazer, saltêa o peito;
Veneno abrazador, que os olhos bebem,
Que, disfarçado em nectar, se insinúa
No illuso coração, na mente absôrta;
Sentimento, oppressor da Natureza,
Da vãa Filosofia em vão repulso,
Innata commoção contradictoria,
Fonte de crimes, de virtudes fonte,
O Poder milagroso, inevitavel
De hum sorriso, de hum ai: divino encanto,
Cunho celeste, na Belleza impresso;
Delicias, afflicção, fraqueza, e força,
D'entre hum mesmo principio derivadas;
Raivosas sensações, não menos Furias
Do que Essas que no Averno estão rugindo;
Chammas de tanto ardor como as que zunem
No Tartáreo Vulcão, de lava eterna;
O Rei dos Males, o Rival da Morte,
O Ciume, o teu Raio, Amor tyranno,
Teu Raio, que a Razão derruba, estraga,

inda (Oh pasmo! Oh terror!) depois de extincto
ixa longo trovão soando n'alma:
o quadro moral, de tristes cores,
s quadro proveitoso, interessante,
e ao Luso Espectador se expõem na Scena.

nignos Cidadãos, sensiveis Entes,
e das ternas paixões sabeis o custo,
doce tyrannia encantadora
m que huns Olhos gentis dominão tudo;
tremosa Nação, tu, que idolatras
nue cópia do Ceo na Formosura,
ie elevas quasi além da Natureza
dois affectos em que os mais se absorvem:
ie tens no coração, que tens na idéa
ezos em laço de ouro Amor, e a Gloria,
ie, sentindo o que o Mundo apenas sente,
ioras no damno alheio o proprio damno,
is fraquezas de hum só vès as de todos,
conheces que Amor he quasi hum Fado,
im Fado universal, que arrasta, e fórça
loucura, á desgraça, ao precipicio,
ie he despótico Amor, e o Mundo escravo;
ie este Imperio fatal não tem rebeldes,
ie a soberba Razão succumbe ao jugo,
ás vezes (oh cegueira!) o jugo adora:
tremosa Nação! No grande Objecto
nprega mudamente os olhos d'alma;
e tão digno de ti, quão variado
e radioso matiz: verás que esmalte,

Que-

Que preço, que attracção, que luz confere
A' belleza exterior mortal belleza;
Por entre desatinos da vontade,
Tumultos da paixão, sem lei, sem freio,
Por entre confusões, por entre sombras,
Que do cego Amador o acordo enlutão,
Verás como florece, illesa, intacta,
A suave Innocencia, inda mais bella
Se em lide porfiosa obteve a palma.

Virtude os meios ama, odêa extremos,
Extremos são no Mundo ou erro, ou culpa:
Do mesmo que abrilhanta a Humanidade
Longe, longe, oh Mortaes, o injusto excesso.

Dramáticas acções tem só por alvo
O proveito commum: sarar costumes
Quando enfermos estão; com riso, ou chôro,
Com brandura, ou terror, fazer que brilhe,
Que triunfe a Moral: daqui se colhe
Lição profícua, prestadio exemplo.
A Escola da verdade está na Scena,
E tão pasmoso effeito ás vezes brota,
Que a virtude se aprende até no vicio.

ELOGIO DRAMATICO.

O Actor agradecido á Beneficencia Pública. Recitado no Theatro do Salitre em 1798.

INTERLOCUTORES:

Thalia, e o Actor.

Actor.

Filha de Jove, tutelar Deidade
Dos Vates immortaes, dos Genios grandes,
Que, sobre a Scena golpeando o vicio,
Sementes da virtude arreigão n' alma,
E as fezes das paixões lhe extrahem com arte:
Oh Musa festival! Não menos grata,
Não menos util á Moral, e á Vida,
Maneando o pincel com que semeas
A critica verdade, o sal, e o riso,
Não menos util, sim, não menos grata
Que a magestosa Irmãa, desentranhando
Da funda escuridão dos Tempos mortos
Exemplos que do mal nos acautelem,
Ou Modelos que ao bem nos encaminhem:
Os terriveis affectos da Grandeza,
Os crimes da Ambição, de Amor os crimes,
As artes da Politica impostôra,
O baque dos Imperios derrubados;

Os

Os Régulos, Catões, Horacios, Codros,
Rivais dos Numes, Victimas da Patria;
A Innocencia acolá gemendo em ferros,
Alli torcendo as Leis protervo Abuso;
Ora o Justo por terra, ora exaltado,
Ora ovante a Maldade, ora abatida;
Já com brutas paixões a humana Especie
Submersa no labéo, no horror, na infamia,
Já Virtude alteando a Natureza,
Em amplos Corações ardendo a Gloria,
E, fertil de portentos, conseguindo
Que, envôlta no Heroismo, agrade a Morte.

Assombros de Melpómene sagrada,
Voltaires, Crebillons, Ministros della,
Que a attenção subjugais, o gosto, a mente,
Vós culto mereceis, vós sois eternos,
C'os outros que immortaes vos precederão
D'alta Memoria na fragosa estrada.

Mas tu, Plauto do Sena, (1) eximio Vate,
Tu que, dos corações sondando o abysmo,
Com vista imperturbavel em si mesmos
Estudaste os Mortaes: Pintor insigne,
Que, o prazer, e o proveito entrelaçando
No engenhoso matiz das ledas cores,
Quaes são, quaes forão debuxaste os homens,
Das meãas condições fizeste o quadro,
E ao quadro breve reduziste o Mundo!

(1) Moliere.

Tu, que, não pago de instruir co' a penna,
Co' as vozes sazonaste os fructos della,
Tu és crédor tambem da Eternidade,
Alumno de Thalia! E por teu nome
Hoje espero impetrar da casta Deosa
Favor, benevolencia, abrigo, influxo,
Hoje que, deferindo ás preces minhas,
Do sacro Monte as veigas desampára,
Sahe d'entre o vario Circulo brilhante
Das divinas Irmãas, do Irmão divino,
De Fébo, que revolve, entende os Fados,
E no peito mortal se embebe ás vezes.

Oh Musa, que me attendes, que trocaste
Pelas margens do Téjo as do Permésso,
E no Clima gentil, que aromatizas,
Vês luzir florecente amenidade,
Vês tão risonho o Ceo, tão verde a Terra,
Sentes de mil Favonios os suspiros,
A ciciosa Turba, que vagueia,
Pulindo os ares, namorando as flores,
Quaes lá no cume excelso, Estancia tua?
Digna-te de influir-me activas forças,
Capazes de hombrear com meus desejos.
De ti pende o regrar-me a voz, e o gesto,
Para que nem transponha a Natureza
Nas azas de fervor desatentado,
Nem cobarde rasteje áquem da méta,
Roto o véo da illusão. Meus olhos pintem,
Mostrem meus labios a influencia tua,
Agora que de esplendido Congresso

Ma-

Magnanimo favor me especializa,
Geral beneficencia a mim dimana.

Honre os suores meus, oh Divindade,
A gloria de attrahir mais digno premio,
A gloria de aprazer aos Illustrados
Nest' arte de sentir paixões alheias,
Quasi transmigração a essencia nova.

A's supplicas mortaes propicia annues!
Feliz meu coração! Feliz meu rôgo!

Thalia.

Honrosa gratidão te inflamma o peito,
Da Patria o doce amor te ferve n'alma,
Sagrados, candidissimos objectos,
Que da Terra, e dos Ceos merecem tanto!
Prometto de inspirar-te em honra sua;
Não temas fraquear, terás comtigo
Nos lances, nas acções de mais momento
Não vesiveis os Manes instructores
Daquelles que no Tâmisis, no Sena
Ao claro nome seu padrões alçárão,
Ou revocando as generosas cinzas
De finados Heróes, ou exprimindo
Em carácter menor paixões mais brandas,
Cingidos de tal arte á Natureza,
Que a mente, pelos Seculos errante,
Oh Grecia! Oh Grecia! Teus milagres via,
E o mais em que se apraz a Humanidade.

Exer-

Exerce, Actor ditoso, exerce ás forças,
Que á Patria, de que és filho, estás devendo;
Confia na Assembléa espectadôra,
Na sublime Nação que affaga as Artes,
Que, á Virtude, ao Saber, e ás Musas dadá,
Tambem com mestra mão colheo meus louros.

Lá onde entrar não busão Tempo, e Morte
Os Ferreiras, os Sás perennes brilhão;
Elles no meu thesouro estão velando,
E o Genio creador, que os fez eternos,
Mil vezes das Estrellas deslizado,
Em lustrosos effluvios se reparte.
Por vós, oh Lusos Vates, que indá á Fama
Dareis com que afadigue as linguas cento,
E a Plaga occidental por vós espante
As outras, do renome (1) alheio escaças.

Actor.

Oh mais q̃ fausto agouro! Oh Patria! Oh Numes!
Oh Deosa protectôra! A teus influxos
Sagrarei por altísonos Cantores
De ethéreo resplendor croados hymnos.

Des-

(1) Não he Gallicismo: acha-se na Mal. Conq. e em outros Authores de boa nota.

Despedida de Antonio José de Paula aos Portuenses, no seu Theatro. Anno de 1802.

ALta Virtude, Sentimento augusto,
Que, absôrto, no esplendor, na dignidade,
Na grandeza, no ser, distancia, fórma
Das Estrellas, do Sol, do Mar, da Terra,
De quanto constitúe a Natureza,
Ergues de Ceos em Ceos ao Rei dos Entes
Nuvem de aromas, que perfuma os hymnos,
Quando além do Universo, além do Espaço
Se embebe a voz mortal no Seio eterno:
Divina Gratidão, que até rompêste
Por entre immenso horror, de Libya os ermos,
Que déste nos Leões exemplo aos Homens,
Que do novo Espectaculo assombraste
O vasto Circo da orgulhosa Roma,
Tornando carniceira, horrivel Féra
Ante o seu Bemfeitor macia, e branda!
Divina Gratidão, tu és, tu foste,
E orgão de meu dever serás co' a Patria.
Meus labios com teus sons aromatiza,
Dá-me a tua energia, impulso, alteza,
Converte-me em ti mesma, ou sê meu Nume.

Egregios, venturosos Habitantes
Do opulento, affamado, antigo Emporio,
Da que aos patrios Annais ampla Cidade

Nos

Nos Fastos deo materia, e nome a Lysia,
Filhos de excelsa Mái, da torreada,
Magestosa Rival d'alta Ulysséa,
Sensiveis, attendei-me, ouvi, benignos,
Verdade, e gratidão, que sôão d'alma.

Nos Campos desiguaes onde Thalia,
E a carrancuda Irmãa, com riso, e pranto
Melhorão corações, o vicio punem,
Ousei com rosto imberbe, e planta incerta
Dos Barons, (1) dos le Kains seguir a estrada
De fragoso terreno, e fim remoto.
No estudo, no suor, no ardor, no gosto
Meus dias envolvi, sonhei doirallos
De hum brilhante Futuro: honrar, e honrar-me.
Tentou Ave rasteira os vôos de Aguia,
Já no Clima natal, já n'outros Climas;
Cem vezes adejei, tremi cem vezes
Ante os cumes da Gloria, a mim vedados:
Queria o coração, não póde o genio.

Co' a mente recuando ao grão principio
Do mérito que luz na Scena heroica,
Do mérito que luz na média Scena,
Vi que, émulos, iguaes, o Actor, e o Vate
Devião florecer nas artes suas;
Que ao Genio imitador, na voz, no gésto,
Nos ais, no pranto, no terror cumpria
Reforçar a Illusão, que em igneo metro

De

(1) Célebres Actores Francezes.

De assombrosas paixões presenta o quadro
Ou mostra em tom meão communs affectos.

Eis aos olhos mentaes me offrece Athenas
A terrivel Tragedia, alçando o braço,
No semblante o furor, n'alma o remorso,
Entre luctos, punhaes, traições, venenos.
Além vejo Menandro, alli Terencio,
Plauto alli, motejando humanos vicios,
Correndo a grandes fins por tenues meios;
Olho os Mestres da Scena, os Orgãos della,
Que fazem da Illusão brotar proveitos,
Quaes nunca, ou mui d'espaço os dá Verdade;

Venerando Espectáculo da Idéa,
Graves objectos, que atterrais audacias,
Sereno, todavia, ouso arrostar-vos.
A Patria me protege, influe, excita,
A meu tremente adejo alenta os vôos,
Acólhe-me o fervor, me avulta o nada.

Illustres Cidadãos, Congresso amavel,
A' sombra de Ulysséa, á sombra vossa,
Meus fados abriguei, meu ser, meu nome.
Carácter grande, espirito sublime
Honra as margens ao Téjo, ao Doiro as margens;
Aqui confere o Genio, e lá confere
Beneficencia, amor, esteio ás artes.

Nadando o Coração n'um mar de affectos,
Ao mais sentimental que sahe d'entre elles;

A' magoada Saudade as vózes pede;
Que de violenta ausencia o custo exprimão...
Mas porque exerço a voz, se da amargura
A suprema eloquencia está nos olhos?
Vai zelada em meu peito a vossa idéa,
Zelada contra os Tempos, contra os Fados:
Da minha gratidão perenne, intensa
Serão mais hum triunfo a Morte, e o Lethes.

E tu, que, attento ás Leis, á Patria, á Gloria,
De Astrea imparcial Cultor, e Alumno,
O público Repouso estás velando;
Tu, alto pelos teus, por ti mais alto,
Que affagas, que mantens, que fertilizas,
Magnanimo, illustrado, as Artes bellas:
Prospéra, em honra tua, em honra d'ellas.
Dure, brilhe teu nome em quanto o Douro
Levar nas fartas ondas turbulentas
(1) Mais guerra que tributo ao Rei dos Mares.

A

(1) *Che guerra porte, e non tributo al mare.*
Tass. Gerusal. Liberat. Cant. 9. Stanz. 46.

A CONCORDIA
ENTRE AMOR, E A FORTUNA,
DRAMA PARA MUSICA
EM HUM SÓ ACTO,

Dedicado aos faustos Annos da Illustrissima Senhora D Anna Joaquina Cardoso Accioli, natural da Bahia.

Sasconda Amor nella mia cetra, e dia
Sol concenti d'Amor la Musa mia.

Metast. Epital

ACTORES:

Amor.

Venus.

A Fortuna.

Coro dos Amores, e das Graças.

Genios alados, que acompanhão a Fortuna.

A Scena se figura em hum Bosque aprazivel.

ACT-

ACTO UNICO,

SCENA I.

Amor, e os Amores.

Coro.

Oh Seculos formosos,
De candidos costumes,
Em vós Mortaes, e Numes
O júbilo igualou.

Amor.

QUe encanto, que alegria,
Graça, esplendor, pureza
Na infante Natureza,
Em todo o Ser, brilhou!

Então do tenro Mundo
A' superficie amena
Descendo a Paz serena,
A Terra em Ceo tornou.

Coro.

Oh Seculos formosos, &c.

Amor.

O Sol, então recente
Lá na recente Esfera,
De assídua Primavera
Té brenhas esmaltou.

As ondas preguiçosas
A espaços desmanchando,
O Mar fagueiro, e brando
N'arêa então brincou.

Coro.

Oh Séculos, &

Amor.

A hum tempo alli se vírão
O fructo, e flor pendentes;
Em limpidas correntes
O néctar murmurou.

Em vós, oh almos dias,
Amor era hum thesouro,
Em vós, oh dias de ouro,
Tudo sentio, e amou.

Coro.

Oh Séculos, &.

Amor.

Oh que saudade eterna
Turvára ao Mundo a face,
Se o Fado a Amor negasse
O bem que lhe outorgou!

Dos Deis ao rôgo, ao mando,
Do somno em que jazia
Surgio celeste Dia,
E a Natureza ornou.

Coro.

Oh Séculos, &.

Amor.

Hum dia em que mais leda
A rara nuvem córa,
E vem trajando a Auróra
Galas que nunca usou:

Hum dia em que tão bella,
Ou mais do que Acidalia,
Nascendo a meiga Analia,
O Imperio meu firmou.

Coro.

Oh Séculos, &.

Amor.

Alados Socios meus, fervente origem
Do jubilo supremo
Que as delicias do Olympo a Jove apura,
Numes do Coração, Reis do Universo,
Amores, Elle em nós hoje prospéra;
Hoje da Fonte d'immortaes luzeiros
De novo emana hum Dia,
Que exalte, que remoce a Natureza.
Salve, Natal de Anália,
Salve, Luz, com que Aurora
Mais que de tantas mil se ensoberbece!
Quando apontou vaidosa a vez primeira
Na de purpura, e de ouro
Tenue, bordada nuvem,
Que aljofares entoma,
Não tinha o brilho, a cor de que se adorna.
Eis os Campos de Amor, eis os meus Campos,
Aureo terreno amigo,
Por quem Paphos engeito, engeito Idalia,
Aureo terreno amigo,
Onde mais que mortal parece o gosto,
Onde embalsama os ares,
Onde serena os risos,
Dá viço, dá matiz, dá mimo ás flores
A saudar, fragrante
Respiração de Analia.
Analia, meu thesouro, e vosso encanto,
Merece a Amor, aos Ceos, aos Fados tanto,

ARIA.

Verdes Bosques, viçosas Campinas,
Dos Amores suave morada,
Onde Analia mimosa,
Engraçada,
Qual a rosa
Louçãa germinou.

Recamai-vos de tenras boninas,
Com que brinque Favónio ligeiro,
Que este Dia, dos seus o primeiro,
Dos Prazeres nas azas voltou.

SCENA II.

Os Amores, e a Fortuna, que desce rápidamente em hum Globo, ladeada de Genios.

Amor.

POrém aos olhos meus que objecto assoma!
E's tu, Deosa fallaz, és tu, Fortuna,
De fantásticos bens depositaria,
Tantas vezes, ou sempre a Amor contraria?

Fortuna.

Sou eu, Menino audaz, sou eu, que ufana
No dia mais crédor ás graças minhas,
Entre os mil Genios que meu Globo enfeitão,
Venho sobre estes Campos deleitosos

Ratificar-lhe as ditas,
Ditas, que em honra á minha doce Alumna,
Em honra á bella Anália,
Soltas das leis do Tempo, aqui florecem.
Pasmas, insano Amor, de que a Fortuna,
Cujas glorias motejas,
Mais brilhantes, mais sólidas que as tuas,
Baixe ao feliz terreno,
Onde raro penhor da Natureza,
Mortal quasi divina
Em dobro com meus dons, com meus affagos
Triunfa, resplandece?
Mais que a ti me pertence honrar seu dia,
Desdiz muito da minha a essencia tua,
He de outro grão meu Nume.
O respeito, o prazer, bastões, e os sceptros
São dádivas, são mimos
Desta mão bemfazeja,
Desta mão, que á de Jove apenas cede.
Com ella o Mundo antigo, o novo Mundo,
(Que, productor de Anália,
Sobresahe ao primeiro)
Com ella quanto existe abraça illustre.
E tu de vãos deleites,
Ou mortaes dissabores
Frivolo author, e venenosa origem,
De que os mesmos favores
Ao que os possue affligem,
Tu, que daros farpões atraiçoados
A's molles almas, de que és Deos, apontas,
Assim com voz proterva, assim me affrontas?

ARIA.

Queres, Menino insano,
Oppôr-te ás leis do Fado!
Do meu poder sagrado
Teu Numé he vão rival.

Senhoreava os Entes
Tua influencia outr' hora,
Mas o meu sceptro agora
He sceptro Universal.

Amor.

Debalde, varia Deosa, te glorias
Co' as dádivas que choves sobre o Mundo,
Frágeis, caducos bens, que o Vulgo anhela,
Do vicio vezes mil, e raras vezes
Da virtude instrumentos.
Anália encantadôra,
Alma brilhante no favor não cega
Dessa mão, que nomêas benfeitora,
Thesouros de candura, e de belleza,
Seus lúcidos costumes
Tem doce origem na Moral dos Numes.
Pensas acaso que teus dons serião
Capazes de atear não puro affecto
No Consorte prêclaro,
A quem protege Amor, Minerva escuda?
Esse, que em laços de ouro unido á Bella,
O néctar gosta nos encantos della?
Muito se deve a mim, tudo a seus olhos.

Da

Da gloria que remata os meus triunfos
Agentes milagrosos.
Atreve-se a Fortuna a ter-me em pouco?
Entre as Classes divinas
Presumes que teu grão me sobreleva?
Eu sou pura nascente,
Manancial perenne
D'alta harmonia, Universal, e eterna;
Sem mim ao Mar, á Terra, até aos Deoses
Pezo insoffivel a existencia fôra;
Por mim na Immensidade, errantes, fixos,
Milhões scintillão de assombrosos Mundos;
Por mim no seio das equóreas lapas
Ardem, cobição, reproduzem, crescem
Os mudos Nadadores.
Eu sou que ás varias, enramadas Plantas
Dou alma, dou fragrancia, flores, fructos;
Sou eu que aos bravos Tigres,
Aos jubados Leões converto as iras
Em rugido amoroso.
Por mim, tu, Rôla, arrulas,
Geme a tenra, innocente, ingenua Pomba;
Por mim subiste, annexo á Formosura,
Principio inexhaurivel de ternura.

ARIA.

Por Amor conseguem vida
Homens, peixes, aves, flores;
Do Ceo cabe aos Moradores
Rir da Morte,
Mas por sorte
Tambem meus escravos são.

Té Anália branda, e bella,
Que os encanta, que os desvela,
Já pendeo da minha mão.

Fortuna.

Tu, que ostentas de Rei da Natureza,
Que sacrilego arrogas
Té no arbitrio de Jove imperio summo,
E crês que a teus virores
Cede o raio, o pregão da Omnipotencia,
Rende graças ao dia
Em que Anália mimosa
Dispôz o orgulho meu para a brandura.
Se não fôra êste indulto,
Se o momento dourado êste não fôra
Em que serena abrindo
Os olhos divinaes á luz primeira,
Em vez de brando chôro,
Soltou sorriso brando,
E ser dos Astros vinda
Mostrou na face linda,
Fizera . . . . . .

Amor.

Amor.

Que fizeras, que attentaras,
Caprichosa Deidade,
Contra mais que celeste immunidade?

Fortuna.

Toda a tua altivez por mim repulsa,
Opprobrio teu seria.
Em quadro viras de affrontosas côres
Teus males, teus perjurios,
Pranto, e sangue por ti fervendo em rios;
A Suspeita rugosa
Perdida entre illusões, entre fantasmas,
Sombras palpando, e crendo;
Viras queixosas, pállidas Saudades,
Já fixos sobre a terra os turvos lumes,
Já váamente alongados
Para climas ditosos, onde os gostos,
Os bens do coração lhe some a Ausencia;
Viras sobre vulcão de flamma eterna,
Respirando traições, venenos, furias,
De viboras mordidos,
E viboras mordendo,
Os Ciumes, a peste, a morte d'alma;
Viras... mas este dia he sacro a todos,
Nelle até entre nós concordia reine.
N'outro, aos Ceos menos grato,
Menos grato á Ventura, á Natureza,
Confessarás, dobrando
Ao pezo da verdade insania altiva,

Que

Que o reforço, a columna,
A base do Universo he a Fortuna.

Amor.

Os bens, se alguns crias
Com tua influencia,
Iguaes são na essencia,
Iguaes no prazer.

Os dons que derramo
Com plácido rosto,
Differem no gosto,
Differem no ser.

Amor.

Da lívida suspeita, e vil perjurio,
Da traição, da inconstancia, e da saudade,
Do pranto, e do queixume,
Do rabido Ciume,
Inferno de apurados Amadores,
Fallás, oh Deosa injusta,
Como se fossem meus crueis Ministros,
Crueis Sequazes meus! Não consideras
Que o bando horrivel de tão negros males,
Que de Jupiter mesmo azeda instantes,
Prole não he de Amor, sim dos Amantes?
Damnos sem conto, que aos Mortaes fulminas,
Onde estão, fraudulosa? Onde se occultão
De raio vingador, que Anália vibra
Dos olhos fulgurantes,
Os Companheiros teus, iniqua turba?

On-

Onde enfunado Orgulho?
Veladôra Ambição? Mirrada Inveja?
Onde inerte Preguiça,
Que as almas adormenta
Desses que amimas, desses que te adorão?
Ah! Se não fôra deste Dia ameno
A gloria, o fasto, o resplendor, e a gala,
Que ethereo lustre iguala,
Talvez, voluvel Deosa,
Talvez tuas pizadas não seguissem
Beneficencia, Gloria,
O Júbilo, a Brandura,
Mais, mais sócios de Amor que da Ventura.

A R I A.

Quando a Virtude
Ventura he preza,
Torna a Belleza
Mais singular:

Que por si mesma
Não he Ventura
Arte segura
Para enlevar.

Mas ah! Benigna Mãi, tu, que em teu gremio,
De flores, e delicias enfeitado
Comigo a linda infancia acalentaste
De Anália melindrosa,
Descuidas-te em seu dia

Dia das Graças, dia dos Amores,
Descuidas-te de ornar com teus sorrisos,
Com tua voz divina
O solemne fervor, que tudo inflamma!
Eia, apressa-te, oh Mãi: com vivo adejo
Dirige aqui, dirige
Das Pombas amorosas
O niveo Par gentil, que entrão rosas.

SCENA ULTIMA.

Desce Venus em hum Carro tirado por Pombas, entre as Graças, os Rios, os Encantos, &c.

Venus. A

Cocega, filho meu, não foi descuido
Minha longa tardança;
Antes cuidado que de Anália bella
Me deve o genial, brilhante dia:
Era digno de mim, de Jove, e della
Findar tenaz porfia,
Antiga opposição, fatal discordia
Entre Amor, e a Fortuna.
Attrahidos vontade, e pensamento
A tão prestante objecto,
Na concha matizada os Ceos demando,
Entro de Jove os Paços,
E ante a Face immorral, com brandas preces
Extraio á Mão suprema
Alto decreto, que a Fortuna obriga

A ser-te sócia, oh filho, a ser-te amiga,
Em sacrificio terno
A' quella por quem és maior, mais Nume
Que por tantas, e tantas
Com que o Tâmise, o Tejo, o Tibre, o Sena
Susurrão de ufania:
Oh que Séculos vale a Amor seu dia!
Approuve, apraz aos Fados
Que de Anália se esquivem Tempo, e Morte;
Em seus dotes absôrta,
Razão me inspira que espontânea Venus
O cinto vencedor a Anália ceda,
E altar, e incenso, e culto.
Vamos, Fortuna, Amor, Encantos, Graças,
Da nova Deosa aos Lares,
De aureas Virtudes Templo,
Cantar seus dons, seu nome: eu dou o exemplo.

Coro.

Acorde melodia
Vôe, enfeitice os ares,
E os magestosos Lares
Soem prazer, e amor.

Venus.

Tu sempre a elle unida, (1)
Junto de Anália bella,
Goza nos olhos della
O Olympico fulgor.

Amor.

(1) A' Fortuna, apontando para Amor.

Amor.

Anália, que, sorrindo,
De corações se apossa,
He mais que imagem nossa
Na graça, no esplendor.

Fortuna

Nada possue a Terra
Que a tanto bem se iguale:
Os meus thesouros vale
Seu minimo favor.

Coro.

Acorde melodia, &c.

SALICIO A ELMANO.

EPISTOLA.

SObre erguidas montanhas, que rodêa
Da foz do Tejo a caudalosa enchente,
Longe dos olhos das travessas Lidias,
Co' a mente do Filósofo indagando
A sabia Natureza, que risonha
Em meigos quadros dividida observo;
Conservando em minha alma o Vate Elmano,

Sin-

Sinto correr veloz a pobre vida,
Pobre sem ti, sem ti, que o leme volves
De incógnitas idéas, que escapárão
Ao Cantor de Venusa, ao Mantuano,
Ao Vate Sulmonense. A Aurora assoma,
E em folgazãas coréas se avisinhão
Nynfas do monte a descantar nos valles
Quanto em sonhos a mente lhes fingira.

Eu, nutrindo no peito invejas brandas
Do tempo em que vivêra amante, e amado,
Desejava inda ter fagueiras Marcias
Para enviar-lhe as frases da ternura,
Frases mimosas, sem adorno, ou arte,
Prole fiel da simples Natureza.
Quando assim me entretenho, oh caso horrivel!
(Inda ao lembrar-me delle, ah caro Elmano,
Pulio nos olhos lagrimas de amigo,
Lagrimas ternas, que estancar não posso)
Lúgubre voz, que as Furias arrancárão,
Filha do Averno, me espedaça o peito,
Revôa junto á mim com azas negras,
E diz-me, soluçando: Elmano he morto!

Súbito o coração me escala o peito,
Tremo tres vezes, sem saber se vivo.
Não pesquizando a causa, eu gemo eu choro,
E rógo aos Ceos frenético, e sem tino
Elmano, Elmano meu, que me hão roubado.

De luto se reveste a fantasia:

Es-

Escuto logo os ais, ouço os lamentos
Das castas Musas, tristes, desgrenhadas,
Em torno ao louro Deos, que te promette.
Vejo os Amores, de encolhidas pennas,
Suspirarem por ti, depondo as settas,
Sem nada se lhes dar que Lidias, Marcias
Zombem do seu poder, façáo mil mortes;
E impunes deixão pavorosos crimes,
Que para te chorar só achão tempo.

Vagáõ-me na mente estas idéas,
E aos mil suspiros seus hião voando,
Cercados de amargura, os meus suspiros.

Eis que o Ceo bemfeitor por mais espaço
Não quiz soltar a rédea aos meus tormentos,
Eis da grata verdade a voz sonora
Envia em meu soccorro, e de improviso
Pôz termo ás afflicções, que me finavão.

Agora, Elmano, o mesmo Ceo piedoso
Te conserve qual és; e delle espero
Vejas apar de ti, como appetece,
Bom, são, e salvo, o teu fiel Salicio.

EPIS-

EPISTOLA,

RESPOSTA DA ANTECEDENTE,

Ao Illustrissimo Senhor Sebastião Botelho, da Casa dos Excellentissimos Condes de São Miguel.

Certum est in silvis, inter spelæa ferarum
Malle pati; tenerisque meos incidere amores
Arboribus: crescent illæ, crescetis, amores.
Virgil. Eclog. X.

SE lúgubre existencia amargurada,
Merece acaso de existencia o nome,
Se as lagrimas, se os ais, se a dor são vida
Se não he a alegria essencia della,
Consola-te, Salicio: existe Elmano.

Mas se emtorno ao sepulcro os Manes gemem,
Se, rôto o véo que a Natureza envolve,
Inda em nós, como d'antes arreigado,
O sentimento he Rei, e he Rei tyranno;
Se nos Montes da immensa Eternidade
Memorias, sensações, martyrios durão,
Levados deste Globo insano, e triste.
Se cada pensamento he lá verdugo,

Qual

Qual ao não pago Amante he sobre a Terra;
Se em miseros como eu, que em vão sonhassem
N'um só momento resarcir mil dias,
Se em miseros como eu, que tenhão visto
Feroz ingratidão falsar-lhe os gostos,
Inda lá deste horror a imagem reina,
E entre os ticos do Ceo negrejão Furias,
Que, mais, e mais bramindo, ardendo, assanhem
Os ciumes, a peste, a morte d'alma;
Se tanto de infelices Amadores
Póde o ferrenho, inexoravel Fado,
Suspira, temo amigo, Elmano he morto.

Não foi crua ficção de antigos Zoilos
Que de mim desparzio funereo annuncio.
Quem meus ais escutou, quem vio meus males,
E o duro, inevitavel seu progresso,
(Sendo hum só delles, o menor de tantos
Para os fios vitaes idoneo golpe)
Crêr não devêra que no anciozo Amante
Em morte infausto amor se convertesse,
E mais quando suspeitas luctuosas
Até da ausencia minha se ajudavão?

Só tu, Febêo Cantor, só tu, e Ulina
Ao Mundo o coração me tinheis prezo.
Ella foi-me cruel, tu me deixaste,
Eu sem ella, eu sem ti não era Elmano,
Era hum Fantasma, que gemia errante
Pelos ermos vastissimos da Morte,
Entre as Aves da Noite, entre os Ciprestes:

El-

Ellas que o ponto extremo em ais agourão,
Elles, que, amigos das caladas cinzas,
A's urnas dão piedosa, e triste sombra.
Sim, desappareci, voei; Sallcio,
D'ante os lumes do Sol, fechei meus dias
Na dôr, na solidão, na escuridade.
Quiz, quiz punir os temerarios olhos
Da desdirosa audacia, antes insania,
De verem, de attentarem cobiçosos
Celestes perfeições, ah! cujo néctar
Depois no coração se fez veneno!
Meus olhos castiguei, inda os castigo
Com total privação de quanto he gosto;
De peçonha amorosa, em que fluctúa,
Nelles o coração se está vingando;
Para se despicar cruel comsigo,
A menor distracção não soffre aos olhos;
Suave distracção (de que pódera
Tambem participar) não lhes consente
Que, errando aqui, e alli por entre Graças,
Como a abelha sagaz por entre as flores,
Em rosas, em jasmins, em neve, em ouro,
Nos melindrosos, virginaes feitiços
Vão colhendo o que a Terra em Ceo transforma,
E com maga illusão talvez presumão
De objectos mil, e mil no mais formoso,
No mais encantador gozar quem amão.

Só funebres imagens carrancudas,
Só pranto em fio o coração permitte
Aos de seu damno artifices incautos.

Não mais hão de arrostar, para alegrarme,
Não mais hão de arrostar senão Salicio,
Se inda olhallo huma vez os Ceos me derem,
Ao menos huma vez, huma! E quem sabe?
Póde ser ousadia esta esperança:
Tanto, ah! tanto a existencia em mim vacilla!

Tu, feliz, porque Amor, e a Formosura
Com tyrannicas leis, de ferrão pezo,
Alvedrio, e Razão te não suffocão,
Tu, que pões a altivez da Liberdade
Junto ao poder fatal, que as atropela,
Que, de alvas, meigas Nymfas ladeado
Lá nesses campos, onde o Tejo estende
As vagas de crystal por margens de ouro,
Cantas de amor, sem que de amor suspires:
Qual diz a fabulosa Antiguidade
Que vio no fogo a Salamandra illesa,
Ou qual, sem se abrazar, sem consumir-se,
O assombroso amianto em si mantinha
Ardor, que os lenhos corpulentos come.

Ai! Se desses gentis, loução objectos
Só jubilos extrahes, caricias, flores,
Teme que as flores viboras occultem,
E que sejas mordido onde animado
Dos risos da alegria Amor se enfeita,
E invisivel prisão nos forja, e lança:
He doce, he brando Amor em seu principio?
Amor em seu progresso he agro, he duro.
Olhos da cor dos Ceos, se o dia os arma,

E olhos da cor dos Ceos, se os veste a noite;
Virgineos labios, exhalando aromas,
Descendo a niveo colo anneis dourados,
Com que os Amores, e os Favonios brincão;
Lindas mãos, lindo seio, e tudo lindo,
Nectareos mimos de fagueiras Nises;
Penhas amolgão, marmores detretem;
E para mil troféos ganhar n'um ponto
A Belleza (ai de mim!) não, não carece
De quantas forças tem: qualquer sorriso,
Hum descuido, hú silencio, hũ gesto, hum nada,
São para os corações incendio, laços,
E ás vezes precipicio, e morte ás vezes.

Acautela-te, oh Vate. Amor não dorme:
A Noite em guerra o vê, e o Dia em guerra;
E o campo da batalha he todo o Mundo.

Hum meio ha só, talvez, que os golpes frustre,
Vibrados pela mão do Deos das settas
A's almas, que a Razão forrou de exemplos,
Taes como o exemplo meu, que a ti, que a todos,
Padeção co' a ternura, ou não padeção,
Deve (amigo farol) guiar nas ondas
Do Pego tormentoso, Amor chamado,
Até que vão surgir no Desengano,
Porto esquivo aos baixeis, nublado aos Nautas,
De frequente escarcéo lassos, e rôtos.

Hum meio existe, pois, e quão saudavel!
Contra a geral paixão, paixão suprema:

He, da Amizade no benigno seio
Apurar a existencia, os gostos della;
Não só viver em si, viver em outrem;
Ter duas possessões, dois soffrimentos
Já no bem, já no mal, e em turvejando (1)
A hora de pavor, que os Reis não poupa,
Ter jus de proferir com voz sumida
Ao amigo fiel, metade nossa:
„ Fiço existindo na existencia tua.

Dest' arte, e sem delirio, e sem remorso,
Vivas sedes de amar, de ser amado
No espirito se abrandão, se contentão;
Dest' arte puro affecto, alegre, e manso
Substitue a paixão, que vezes tantas,
Fonte de vicios, a constancia arrasta,
Enxovalha a moral, apaga o siso,
E entra n'um mar de pranto, ou n'um de sangue.

O Ceo te deparou, feliz Salicio,
Esse bem social, tão raro agora:
Tens no amavel Dircêo (2) tens hum thesouro
De alta amizade, cordial, fervente,
Daquella que luzio nos aureos Tempos,
E de que és tão crédor na ferrea Idade.
Com elle, com seu nome a lyra exerce;

O

(1) He verbo creado por mim, mas parece-me expressivo.

(2) O Senhor Joaquim Antonio Jeunot, Official maior do Desembargo do Paço.

O louvor da Virtude he lei nos Vates;
Por mais esse caminho aos Astros sobe.

Pinta o digno Consorte, a digna Esposa,
Os dois em que Hymenêo sempre he ternura;
Sendo, ou discordia, ou dissabor em tantos:
Nesses doces affectos innocentes,
Esquivo a Amor, teu coração se enleve.

Mas que serena, luminosa idéa
Do escuro da afflicção me surge n'alma!
Idéa só não hei... que luz! Que assombro!
Que imagem! Que visão! Eis a meus olhos,
Eis a meus olhos, em purpúreo globo,
Apar de Genios cem, risonhos, bellos,
Bella, e risonha, de rubis os labios,
A fronte de açucenas guarnecida,
De neve a face, que varião rosas,
Na dextra empunha divinal Donzella
Palma viçosa, do triunfo emblema!
Olhos, no eterno Sol purificados,
Inclina sobre a Terra, e c'um suspiro
(Suspiro que he prazer) perfuma os ares.

Ergue, ah! Ergue, Salicio, ao sacro Objecto
Vista maravilhada: elle te acena,
Elle chama por ti, por ti suspira,
E as delicias do Ceo deixou por ver-te.
He Marcina, he Marcina, a gloria tua,
Timbre de Amor, e da Virtude esmero;
He Marcina, he Marcina, aquella, aquella

Cujas graças mortaes, e externas graças
Seculos hão custado á Natureza;
He ella, cujo espirito brilhante,
Thesouro, que do Ceo cahio na Terra,
Teus momentos dourou, dourou teus fados;
Ella, que humana foi, mas só na morte,
Divina em tudo o mais. Oh tu, que outr' ora
De quantos em ternura o peito inflammão
Eras o mais ditoso! Attende, escuta
Que frase encantadôra a teus ouvidos
Vem das macias viraçõens no adejo:
„ Esse globo infeliz não tem Marcinas;
„ O extremo das paixões morreo comigo:
„ Memorias minhas teus amores sejão. „

Assim com vozes que distilão néctar
Te falla a Semidéa, e volve aos Numes
Entre os Filhos da Luz... talvez foi sonho
A santa Apparição! Talvez minha alma,
Affeita á sua idéa, a dar-lhe cultos,
Talvez a fantasia extasiada
Aos olhos corporaes fingio Marcina!
Porém, fosse illusão, verdade fosse,
Eu, victima de ingratas, eu, Salicio,
De paixão cega desgraçado exemplo,
Repito o que julguei que a tua Amada
Da rósea boca te enviava ao peito:
„ Neste globo infeliz não ha Marcinas;
„ O extremo das paixões morreo com ella:
„ Memorias suas teus amores sejão.

EPISTOLA

Ao Illustrissimo Senhor Sebastião Botelho.

. . . . . *Carmina possumus*
Donare, & pretium dicere muneris.
Horat. Lib. 4. Od. 8.

AO grão Vate Sálicio o Vate Elmano,
Como elle devedor á Natureza,
Mas não como elle devedor ao Fado,
Cá dos lares tristissimos que habita,
E onde quasi evapora em ais o alento,
Se he que a póde enviar, saude envia.

Acolhe, doce amigo, ás Musas dado,
Acolhe ingénuos sons de afflicta Musa,
Que entre flores outr' hora, entre delicias,
Entre os sonhos de Amor, verdade ás vezes,
Cópia do Ceo, no candido regaço
De alvas, fagueiras, perigosas Lilias,
Passou dias de gloria, instantes de ouro,
Do Téjo transparente á margem bella
Cantando a vida, como o Cysne a morte.

Comtigo fallo, que do Pindo houveste
O solemne Idioma, o tom dos Numes,

A voz, que longe vai, que longe sobe,
Que sôa além do Mundo, além dos Tempos;
Fallo comtigo, a ti, que tens na mente
O thesouro brilhante, inexhaurivel,
O igneo fóco de altivolas idéas,
Em que Jove reluz, qual he no Olympo;
Fallo comtigo, a ti, que tens na mente
Poder de eternizar, e eternizar-te.

Estranho não será nos teus ouvidos,
Aos milagres da Lyra, e do Estro affeitos,
Que, ufano do que foi, blasone hum Vate,
Já, claro como tu, nos dons de Fébo.

Contra a nobre altivez, que em mim resurge,
Uive o Zoilo mordaz, injurias ladre;
De rôjo pela terra a vil serpente,
D'aguia, que arrosta o Sol, deteste os vôos;
Sejão no Tribunal do Vulgo inerte
Sombra o fulgor, o enthusiasmo insania;
Veja olhados dalli qual ocio inutil
Seus mil suóres o Immortal de Esmyrna;
A cega Opinião, que reina em tudo,
Ponha embora a nivel Marões, e Bavios,
Que eu, tu, e algens (quão raros!) já vingando
Cumes, e cumes de entrepostas serras,
Trilhâmos fadigosa estrada immensa
Que vai da Natureza á Eternidade.

Dignamente de nós fallar podemos,
Não se ata o dezar nosso ao nosso alarde:
Quem

Quem de celestes dotes se gloria
Honra menos a si do que honra os Numes.
E se a Turba sem nome, avêssa aos Vates,
Este firmado orgulho em mim condena,
Bem da minha altivez meus ais vingão,
Bem descontado está nos meus desastres.
E nos tormentos meus a gloria minha,
Tormentos que me agourão tenue resto
Ao que he mais duração do que existencia.

Entre os damnos de Amor, e os da Ventura
Quasi lenho agitado em altas ondas,
E entre negros tufões, que oppostos bramão,
D'um lado, sobre nuvem com do Averno,
Olho a Deosa do mal, do horror, do pranto,
Vejo o que tu não vês, nem ver mereces,
(E nem eu mereci) vejo a Desgraça,
De ameaço no rosto, a mão no raio,
A meu peito assestando o tiro, a morte,
Mas sem de audaz vigor despir meu peito.

De Ulina ingratidões eis d'outro lado
Contra mim, como Furias, arremetem.
Aqui cerradas trévas me apavórão,
Esmorece o valor, naufraga o siso,
Sossóbra o coração: para a minha alma
Nas Procellas de Amor não ha Santelmo.

Preza á tantos martyrios a Indigencia,
Os apura, os irrita, os desespera:
He ella, caro amigo, he mais que Febo
Quem

Quem me arranca do espirito enlutado
O metro carpidor em que a deploro,
Qual nas margens do Tibre ao Venusino.

Tuas virtudes, teu carácter grande
Na Patria, que honras, a experiencia aclama;
Mas tenho a meu favor para invocar-te
Jus mais alto! és feliz, sou desditoso.

EPISTOLA

A ANALIA.

DEpois que derramaste em meus delirios
O orvalho da piedade, Analia minha,
Chamou-me a densa Noite aos tristes lares,
Tristes sem ti, meu bem, feios, e escuros;
Dignos porém de Jove, e Ceos de Elmano,
Se abrilhantados por teus olhos fossem,
Se o doce pezo de teu pé sentissem!

Toda em ti recolhendo a fantasia,
Achando Amor, e a vida em ti sómente,
E o Mundo, a Natureza, o Fado, a Gloria;
Sonhos julgando o mais, o mais fantasmas,
Cevei meu coração na tua imagem,
Na idéa de teus mimos, de teus labios,

Dos

Dos labios que desatão dentre as rosas
Em áureas fontes as delicias d'alma!

Engolfada a paixão n'um mar de encantos,
Ao solitario leito o corpo entrego,
Fatigo o pensamento, e cerro os olhos.

Eis que o fallaz Morfêo, cem vezes brando,
Mil vezes, (ai de mim!) duro aos Amantes,
Do teu fido Amador te expõe defronte
Raivosa, fulminante, inexoravel,
Dá boca, em vez de néctar, fel soltando,
Co'as Furias, e co'a Morte a abrir meus Fados;
A revolver o horror que tinhão dentro,
A ennegrecer meus dias, a ostentar-me
N'um desprezo cruel males sem conto,
O Inferno todo n'um a Deos terrivel.

Tremeo-me o coração, qual treme a folha,
Que os rápidos tufões bramando agitão;
Arripio-me, e suo, e choro, e clamo:
„Ai! Cumprírão-se, Analia, os meus destinos!
Foges de mim, de Amor; nem fé, nem votos,
Nem lagrimas, nem ais teu peito abrandão,
Esse, que outr' ora ao minimo queixume
Em meigas sensações se amollecia!
Analia, doce ardor de meus sentidos,
Dos olhos do Infeliz, que tanto amavas,
Não valem para ti, não valem prantos.

Ceos! O q̃ era! O que sou! Fui Rei, fui Numa
Quan-

Quando, mais Numes que eu, teus olhos davão
A' minha alma outro ser, quando, embebidos
Nos vôos que soltou meu pensamento,
A luz roldavão de amorosas sombras,
Ou, bálsamo de Amor, cahio teu pranto
Sobre meu coração, e á doce chaga
Foi refrigerio salutar, divino.

Oh mudança fatal! Mudança horrenda!
Negro Ciume, producção do Averno,
Tu, de serpes creado, envolto em chammas,
Do sempiterno horror surgindo á Terra,
Mil furias, mil delirios me entranhaste;
Dentro em mim fibra, e fibra atassalhando,
Tua essencia me déste: eu sou tu mesmo.

Trouxesses-me, cruel, a insania, o fogo,
A dor, o ultimo golpe, e não trouxesses
Ao misero Amador comtigo o crime;
Não me ensopasse teu veneno a lingua,
Não fervessem na voz blasfemias tuas,
O mimo, a candidez não profanasses
Daquella por quem vivo, e por quem morro,
Daquella que ultrajei, porém que adoro,
Daquella em cujas mãs, quando as soffro,
De hum Deos, que puné, se me antolha o raio,
Daquella.. o coração co' a dor não póde,
Não póde co' remorso, e nas angustias,
E nas palpitações dilata o golpe,
O golpe que só tem na morte a cura;
Se ha morte para os tristes, se o Destino

Não

Não dá (porque os tormentos lhe eternize)
Existencia de ferro aos Desgraçados.

Ai, Analia, ai meu bem, meu Ceo, meu tudo,
Inda que de meu mal terião feras
Compaixão, que não tens, e os meus suspiros
Marpésia rocha tornarião branda,
Nunca, nunca de mim te compadeças,
Insensivel contempla, ouve insensivel
Minha extrema afflicção, meus ais extremos;
Vê-me tintos de morte a face, os olhos,
Sente-me a voz perder-se entre soluços,
Ir-me fugindo a luz por sombra immensa,
A luz vital, e a chamma endeosada,
Estro incansavel, que, fervendo, erguia
Ao Ceo minha ternura, ao Ceo teu nome,
E tantas vezes já foi grato enleio,
Iman suave, que attrahio teu gosto,
Que a tua alma enlaçou... não, minha amada,
O misérrimo estado em que has de olhar-me
Huma lagrima só te não mereça.
Nenhum castigo expia atrozes crimes,
Sou réo, sou réo de Amor, e Amor me pune.
Adoro, beijo a mão que me fulmina,
Cedo a meus Fados, a teus olhos cedo,
Que teus olhos, Analia, são meus Fados:
Delles vivia Elmano, e delles morre.

Mas quando os membros meus já forem cinzas
Na estancia do Pavor, co' pé mimoso
Piza a funérea campa, e dize: „ amei-te,
„ Amas-

„ Amaste-me, infeliz: matou-te amar-me „
Este o só galardão que Elmano implora,
Este o só galardão, que entre os horrores
Da eterna escuridade, entre os fantasmas
Do abysmo tenebroso ha de suprir-me
O Ceo, teus olhos ... morro ... a Deos, querida.

Não pude proseguir, e hum grito, hum grito,
Todo amor, todo teu, me voa, e rompe
Do horrivel pezadello o férreo laço.
Somem-se as Larvas da illusão medonha,
Em minha alma outra vez a imagem tua
De sorrisos, de amores brilha ornada,
De constancia, de fé. Respiro, exclamo:
„ Analia o disse, o jura, Analia he minha;
A promessa de Jove he como a sua:
Oh Ceos! Vós não mentis, nem mente Analia.

EPIS-

EPISTOLA

Ao Illustrissimo Senhor Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, Desembargador da Relação do Porto.

O Vate Coridon, tão caro a Febo,
O Vate Ceridon cantava outr' ora, (1)
Que a metro sonoroso altas idéas
Ante os aureos tremós não se reduzem;
Que, opulenta de si, que em seus thesouros,
Thesouros divinaes, embellezada,
Digna Prole dos Ceos, a Musa engeita
Forrados camarins de Syrias télas;
Que delles não subio nas tubas cento
O illustre Malfadado, o Luso eterno,
Que alli novo esplendor á Natureza,
Maravilhas ao Globo alli não dera
O, que n'alma lhe ardeo, Furor sagrado,
Nem da Gloria na estancia hum grão sublime
Ao rígido Invasor dos Indios mares.

Mas ah Vincenio! Se os haveres, o ouro,
Puxando-nos á Terra, origem sua,
O adejo á Fantasia, ao Genio prendem,
Obstaculo mais duro he a Indigencia.

Que

(1) Garção.

Que vezes sentiria esta verdade,
Entre cadêas, innocente, e opprésso,
Longe da bella Esposa, e tenros filhos,
O atilado Cantor, por quem das trévas,
Das ruinas, do pó surgindo a Lyra,
Trouxe nas cordas de ouro o som Romano! (1)
Exemplo inda maior meus ais arranca.

Se o transcendente Espirito, que accezo,
Que, absorto em turbilhões de ethérea flamma,
Deo tanto a Lysia, e lhe deveo tão pouco;
Se Camões, o Immortal, não fosse aquelle
Que aos Seus em vão carpio, se achasse o Triste
Risos na Sorte, gratidão na Patria;
Se não curvasse a mente ao férreo pezo
De mil tribulações, de mil desastres;
Se infestos, se crueis, se carrancudos
O Misero, quaes vio, não vira os Fados,
Além da Humanidade o vêo alçára.
Precedendo, e seguindo assombro a assombro,
Em Numen convertido o Pensamento,
Feliz, qual fôra, se, infeliz, foi tanto!
Da Gloria no horisonte os olhos fitos,
Ufano, sobranceiro á desventura,
A' baixeza, ao desar com que nas almas
A servil Dependencia engenhos mirra,
Meneando o pincel, que portentoso
No véo da Eternidade imprime os quadros;
Dá carácter, dá luz, dá vida a tudo,
Ligára a perfeição co'a fantasia.

Mais-

(1) O mesmo Garção

Mais fero Adamastor, mais espantoso
Excedêra o trovão na voz merdonha,
Os membros gigantéos occuparião
Maior espaço do Ar, maior da Terra;
Inda mais dilatára a boca amorme,
Retorcêra inda mais os negros olhos,
Das procellas horrisonas toldado.

Nas columnas de neve encantos novos,
E no raro sendal tu, Cypria Deosa,
A's amorosas sedeo esquivaras,
Sem tolher invasões ao pensamento.
Mais pathética Igoez, Ignez mais bella,
Entre os penhores seus, entre os filhinhos
Ou cópia della, ou cópia dos Amores,
O despiedado Affonso embrandecêra.

Sim, Vincencio, a Penuria, morte do Estro,
Se alguns deixou viver, medrar na Fama,
Genios mil, Genios mil tem submergido
No Pego avaro que as memorias sorve.
He peste, he corrupção Fortuna immensa!
Della provêm dureza, orgulho, insania,
Que aos olhos do Mortal Mortaes avilta,
E outros vicios provêm; mas a ventura
Moderada, tranquilla, he dom do terno,
Util ao Sabio, necessaria a todos.
Não póde a condição luzir sem ella,
Sem ella Heróes talvez se antolhão monstros;
Sem ella a flor do Espirito emmurchece,
E roja o pensamento, azado a crôos.

Ah! Meus males pintei, pintando áquelles
Que urde a acerba Indigencia entre os Humanos;
Mas novos para ti não são meus males:
Já tens mais d'huma vez amaciado
Os agros, espinhosos dissabores
Que dura Mão fatal cravou nest'alma;
Já tens mais d'huma vez salvado Elmano
Do abysmo em que o lançou Destino adverso,
E de outro, inda mais feio, inda mais triste,
(A mortal extincção, o esquecimento)
Em verso, que não morre, o preservaste, (1)
Quando na locução, no tom dos Deoses,
De thesouros da voz senhor como Elles,
A Castro, insigne em letras, em virtudes,
Mandaste os fructos que orvalhou meu pranto.

E's magnanimo ainda, és o que foste,
Eu sou inda o que fui, sou desgraçado;
E, além de ser em ti caracter firme,
He já beneficencia em ti costume.
Musa opprèssa, infeliz se acolhe a ella:
Quem seus ais enfreou seus ais enfrêe.

EPIS-

(1). Allude-se a huma epistola, que o objecto desta dirigio ao Excellentissimo Principal Castro, enviando-lhe versos, que o Author compozera na prisão.

EPISTOLA

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de S. Lourenço, D. João de Noronha.
Anno de 1801.

Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.
Virgil. Æneid. Lib. 1.

SAbio Varão, que na rugosa idade,
No inverno da existencia, quando em tantos
Hé gelo o coração, e hé gelo a idéa,
Conservas o verdor do Sentimento,
O viço da Razão! Cultor de Pallas,
Da Virtude Cultor, que a tens no peito
Qual a teve no seio o Capitolio,
Antes que o luxo d'Asia o corrompesse,
E quando da charrua Heróes sahião?
Oh tu, que revolveste, e que revolves
Venerandos Annaes de Grecia, e Roma,
Onde, instinto a Virtude, instinto a Gloria,
Como feitos communs olhou portentos,
Tu, que entras o Liceo, que no Areopago
Sócrates vês, e Sócrates te sentes;
Delle a Filosofia, os dons possues,
E, outr'ora perseguido, outr'ora opprimido,

Delle (excepto a cicuta) houveste os males ;
Illustre, generoso, honrado, e grande.
Sem carecer de Avós, quaes mil carecem,
Sendo insignes os teus, quaes mil não forão:
Meus versos hoje a ti seu vôo alteão,
Vão hoje versos meus comtigo honrar-se,
Aura celeste respirar comtigo,
No asylo da Sciencia, da Piedade,
No asylo que teus dias abrilhantão,
Que a Moral tua purifica, e doura.

Longe hum Mundo apestado, hũ Mundo inferno,
Onde ardem Furias, e triunfa o Crime,
Onde negra Politica enroscada
Determina invasões, desenha horrores,
Gosta scenas de Morte, ao longe abertas,
Quer sorver sangue humano em taças de ouro,
Quer cinza os Campos, as Cidades cinza,
Quer, Nume assolador, dar leis ao Nada,
E em purpuras descança, e dorme, e folga,
Sonhando a execução de emprezas brutas.

Graças, Deos bemfazejo! Inda na Terra
Existem Lares que demande a Musa,
Virgem mimosa, candida, innocente,
Que teme ao raio, que ao trovão desmaia,
Que ao vicio nára, e que só préza o louro
Quando he crôa do Engenho, e não da Furia.

Graças, Deos providente! Inda na Terra
Vive a Sabedoria! Inda teus Olhos,

Teus

Teus olhos, de que ao Sol emana o lume,
Com paterno Sorriso em Lares pios
Se empregão, se detem, e os crêras parte
Da tua Habitação, dos teus Elysios,
Se podêra illudir-se a Vista immensa!

Noronha bemfeitor! Pintei a Estancia
Da Razão, da Virtude, a Estancia tua.
Que horas douradas, que formosos dias
Nella dos labios teus pendi, qual pende
De face encantadôra acezo amante,
Lá na quadra viçosa em que o delirio
Das galas da ventura se atavia!
Mas que fructo diverso em ti se colhe!
Colhe-se o fructo da Moral sagrada,
D'alta Religião, de aurea Sciencia,
De sãos principios, que debalde inverte
Tropel infecto de paixões damnosas!

O preceito no exemplo confirmavas,
Noronha, homem comigo, homem com todos,
E, ouvindo-te, hum ser novo em mim sentia.

Ah! Não taches, Senhor, ah! Não crimines
De ingrato, de esquecido o triste Vate,
Que foi por teu favor, por teus auspicios
Ao túmulo dos vivos atrancado,
Onde tôrva Calumnia o ferrolhára,
Estygia Sombra, que persegue os Genios!
Qual tu és bemfeitor, tal eu sou grato!
Em quadro paternal a imagem tua

Sempre me adorna, me esclarece a mente.
Semideos para mim N'alma te invoco;
Dos Infelices Pai! Tua constancia
Nas Procellas da vida he meu Santelmo, (1)
Constancia, que luzio na desventura,
Qual o Planeta magestoso, augusto
Com flammas de ouro dardejando as Sombras.

Se a beber novo brilho, idéas novas
Nas azas da Saudade a ti não vôo,
He que férreo dever, grilhão sagrado
No pobre, tôsco alvergue me acantôão.
Lucro mesquinho de vigilias duras,
Patrimonio dos Vates, (e não sempre)
Sustem meus dias, que parecem noites,
E esteio aos dias são de Irmãa, que tema
Curte comigo tormentosos Fados.

Em quanto o Genio cahe, cedendo aos males,
Nos aureos coches, que importárão crimes,
Campeão vãos Autómatos pompósos,
Soltos do pó, que o berço lhes manchára;
Nelles gloria, virtude, amor he ouro,
Nelles o annel reluz, a alma negreja,
Nelles a Natureza envergonhada,
Ao seio da Fortuna os arremessa,
De carinhosa Mãi lhes nega o nome,
E só na morte os haverá por filhos.

Ah! Meu grande projecto era cantar-te,
E a Sorte me desmancha o plano honroso,

Eis te peno, Senhor, eis te enterneço:
Releva-me o costume; usada ao pranto,
Minha Musa infeliz cantando arqueja,
E se em honra de alguem lhe alegro as vozes,
Só aos dignos do canto o canto envio.
Que ás lisonjas servís não sei torcer-me
Provo, esmaltando com teu nome o verso;
Pouco eu não fôra, se não fosses muito,
O que digo de ti de ti procede;
Do Nada torreões não ergo ás nuvens,
Em Seculo de infamias sou Romano:
Neguem-no os Zoilos meus, se a luz se negã

Tu, Romano inda mais, maior nos Fados,
Nos méritos maior! Sereno acolhe
De terna gratidão votiva offrenda:
He ténue, mas fiel, vulgar, mas pura;
E altamente cantar-te a quem foi dado?
Cabia teu louvor de Smyrna ao Vate:
Só nelle ha verso que te iguale a fama.

EFIS-

(1) Esta idéa he arrumpada em composição mais moderna.

EPISTOLA

Ao Senhor Joaquim Severino Ferreira de Campos.

Ut vidi! Ut perii! Ut me malus abstulit error!
Virg. Eclog. Alphesib.

TEus versos li, reli, canoro Alcino;
Graças, e graças me acordárão nelles
Do lethargo em que tinha a mente aberta
Em que sempre sonhei fataes verdades.
Não te assombres, amigo, assim se exprime
Pela voz da experiencia os Desengano.
Os Sonhos do Infeliz não são quimeras,
Negros filhos do Mal, ao Pai semelhão;
Colhem d'alma o terror, as sombras colhem,
De nós mesmos, em nós (digo nos tristes,
Nos miseros como eu) surgem, resurgem.
Já, quaes manchados Tigres famulentos,
Ferrão nos corações o dente, as garras,
Já de pezada, e lôbrega Procella
Vestem medonha cor, que as Furias trajão;
De Mar subitamente acapelado
Com rigido tufão revolvem serras;
Arde, retumba o Ceo, roto de raios,
Da Esperança o baixel em vão marêa; (1)

(1) Tem

Terrivel repelão lhe rasga o panno;
Repentino escarceo lhe roubá o leme;
Arfando aos astros vai, vai aos abysmos,
Nas ondas em montões negreja a Morte!
O Piloto Razão, sem luz, sem rumo,
Sóla inutil clamor, emfim desmaia,
E o lenho, entregue a si, dá nos rochedos
Do enorme, do voraz, do horrivel Pego.

Que he isto, Alcino meu, senão a imagem
De agros martyrios co' a existencia envoltos,
Prezos (parte integrante) aos Desgraçados?
Males, ou vele, ou durma, encontro n'alma,
Os olhos corporaes, e os olhos della
De tormento, de horror vem mil objectos,
Objectos sempre iguaes, os mesmos sempre,
Ou se a sustancia, e fórma alguns variáo,
Tomão fórma peor, peor sustancia.

Tu, vãa Filosofia, embóra avilte
Os Crentes nas visões do pensamento:
Turvo clarão de raciocinios tristes
Por entre sombras nos conduz, e a mente
Rastejando a verdade, a desencanta;
Nem doloroso Espirito se illude,
Se o que dormindo crêo, crê despertando.
Até no Afortunado a vida he sonho,
(Sonho, que só no fim se verifica)
E anciloso pezadêlo em mim, que a choro,
Em mim, que provo o fel da Desventura
Desde que levantei, que abri, carpindo,

O

Os olhos infantis á luz primeira;
Em mim, que fui, que sou de Amor o escravo,
A victima serei, e o desengano
Da suprema paixão, por ti cantada
Em versos immortaes, como o Principio
Ethereo, Creador, de que emanárão.

Nelles, oh Vate, recumando o nectar,
Por mão das Musas para ti filtrado,
N'alma se me entornou, fez-me serena
No opresso coração do pranto a fonte.
Eis, ganhando o sabor ao metro ameno,
Sobem lagrimas doces d'entre amargas.
Natureza, Razão, Filosofia,
Amor, o infesto Amor, o algoz de Elmano,
Thesouros do Prazer se me antolhárão
Nos quadros, que esparzio Pincel divino.

Milagres da Harmonia! Eu vos adoro,
Milagres da Harmonia, ah! Vós podestes
Mais em minha alma que experiencia, e Fados.
Trouxestes-me outro ser, outras idéas,
Até outro Universo, outros Destinos
Em aureas illusões á fantasia!
Sim, pareceo-me em vós a Natureza
Bella como sahio das mãos de Jove.

Cuidei que Amor suave, Amor piedoso
Recompensava hum ai com mil favores,
(Se hum ai no coração principio tinha)
Cuidei que em laço de ouro, em laço eterno

Os

Os Entes á Ventura Amor ligava,
Cuidei que era de hum Deos penhor, e prova.

Não de Ulina desdens, sorrisos della
Na face angelical suppuz que via,
Suppuz que em seu gentil, seu niveo colo,
Nos olhos divinaes o ardor cevando,
Cevando o coração na rósea boca,
Em mysterios de Amor despindo a essencia,
Me era dado elevar-me ao grão de Nume,
As delicias do Ceo gozar na Terra.
Então vociferei, como encantado.
Existir sem amar! Que horror! Q' Inferno!
Não: viva-se de amor, de amor se morra.

Mas dentro em pavorosa, antiga selva,
De teixos, de ciprestes assombrada,
Que das nuvens os véos, que os véos da noite,
Rebombando o trovão, rugindo o vento,
Tomárão mais escura, e mais horrenda,
Se afflicto, solitario Viandante,
Para aqui, para alli vagando incerto,
D'entre aquelle pavor sombrio, immenso
Vê romper hum clarão, que nasce, e morre:
A momentânea luz que lhe aproveita?
Co' a feia solidão recahe nas trévas,
E as trévas o relampago reforça.

Sonoroso Cantor, prezado amigo,
Eu sou do Caminhante a copia triste,
Teus versos o fulgor, que alguns momentos

Acla-

Aclarou na minha alma antigas sombras.
Ella no mal, na dor cahio de novo;
E a imagem d' alegria á minha idéa
O abysmo da afflicção tornou mais denso.

De hum lado as Graças, d'outro lado as Furias,
Attractivos daqui, dalli tormentos,
Surge Ulina outra vez, qual hé, qual era,
Dura, e querida, Divindade, e Monstro.
Para mim, para mim tropel de horrores,
(De horrores, cujo apuro és tu, Ciume)
Lhe abre o caminho, lhe dirige o passo:
A fértea Ingratidão precede a todos,
E contra o peito eburneo lhe respira
Atros vapores, que engolio no Averno.

Celestes Perfeições, morreis com elles,
Rosas de Amor, a Ingratidão vos murcha;
Com ella não brilhais, lumes formosos,
Magos sorrisos, não brilhais com ella:
Sois mancha, não sois gloria á Natureza,
Sois do Mundo o veneno, a peste, a morte.

Alcino, eu desespero, Alcino, eu morro.
Tu, que aos delirios meus a origem sabes,
Que os meus extremos viste, e o premio delles,
E que fructo colhi, que fructo acerbo,
Vê se Amor, se a Razão merecem culto,
Vê, quaes são: ella fraca! Elle tyranno!
A que tanto esplendor toma em teus versos

De Emanação de Jove arroga o nome,
E aos pés de ímpio Senhor cahe, vil Escrava!
Ah! Se negra paixão, que enluta os dias
Ao Vate carpidor, ao cego Amante,
No peito do Infeliz se anniquilára!
Se revivesse emfim o ardor sagrado
Onde funesto ardor só de ancias vive,
Como teu estro sobe, o meu subíra
Nas azas da Harmonia ufana, e leda,
Afoito demandando Eternidade.

De ti, Cysne de Amor, Cysne do Téjo,
Que imaginarios bens no canto adornas,
Por mais, e mais que estude os sons mimosos,
Ave das sombras, costumada ao pranto,
Gorgeio encantador colher não póde.

Amor sabes cantar, eu sei chorallo:
Innata propensão domina os Entes;
A Natureza em mim, e em ti murmura;
„ Elmano chore Amor, Alcino o cante.
Da Sorte, caro amigo, a lei sigâmos;
Nosso temperamento he nosso Fado:
Fado, comtudo, oh Jove, a ti sugeito.

EPIS-

EPISTOLA,

VINCENIO A ELMANO.

Estremado Cantor, que a Lacia Musa
Nas Brasilicas praias renascida, (1)
Ao patrio, Luso clima transplantando,
Qual outr' ora cantou o Venusino
Em honra dos Augustos, dos Mecenas,
Ao som da tua Lyra ergueste aos astros
O grande nome do immortal Coutinho,
Novo Fautor da Lusitana Gloria;
A ti, sublime Elmano, que em teus hombros,
Para tamanha empreza destinados,
Tomaste affoito o nobre, o vasto pezo
De transmittir seu nome á Eternidade,
Pezo, que a Lysia toda carregava;
A ti vou grato dirigir louvores
Pela parte, que a mim tambem tocava
Da empreza que tu só desempenhaste.

De Lysia filho sou, da Gloria sua
Huma porção tambem deve ser minha.
Oh! E ao Genio, que a Patria alçar procura
Ao rico Solio, que algum dia obteve,
Quando ao velho ajuntava hum novo Mundo,
Por mares nunca dantes navegados,
Não era eu devedor de grande parte

Da

Da divida commum aos Filhos todos?
Mais do que elles devia, e devo ainda;
(Nem he grandeza d'alma o confessallo,
Quando todos talvez o reconhecem)
Porém dividas minhas, e só minhas
Não são as que honrão de Coutinho o nome;
Nem podião jámais eternizallo;
Não fallo destas, não; d'outras maiores,
Que são communs a mim, e aos Lusos todos,
He que tu, grande Elmano, de teus cofres,
Das riquezas d'Apollo recheados,
Pela Nação pagaste, se não tudo,
Mais do que outro nenhum pagar podia.

Louvaste Heróe crédor a mil louvores:
Quem mais digno de ser por ti louvado?
Quem póde fazer mais a bem dos outros
Do que sacrificar escassos dias,
Que mesquinha reparte a Natureza,
Inteiros todos ao geral proveito?
De si próprio esquecido, noite, e dia
Nos cómmodos alheios meditando,
Dos prazeres perder, e do repouso,
A doce fruição, que as almas prende?
Não ser nada a Consorte, nada os Filhos,
Brandas prizões, que a Natureza forja,
Quando os outros deveres secundarios,
Que são do Cidadão, mas não do Homem,
Inteiro o dia, inteira a noite pedem!
Nevoso Inverno, Estío afogueado

Ser tudo o mesmo quando o Officio chama;
Quem póde fazer mais? Nem o Herôe mesmo,
Que assim, Elmano, docemente cantas.

Mas que não deverá quem taes extremos
De bemfeitora mão recebe, Elmano?
Eterna gratidão, renome eterno,
Que a Jove iguale o Bemfeitor dos Homens,
Eis a paga, que devem decretar-lhe
Sensiveis Corações agradecidos.
Tanto Lysia devia ao bom Coutinho,
E tu por Lysia tanto lhe pagaste.

Ah! Tão grata comtigo a Patria seja
Quanto merece, Elmano, a tua offrenda.
O padrão, que devia levantar-lhe
Por seu zelo incansavel, nos teus versos
Tu soubeste elevar, a quem reforça
Nos dois Mundos, que o Luso Sceptro abrange,
Audaz Navegação, util Commercio,
Exercicios, que a mesma Natureza
Parece ter a Lysia destinado,
Quando fez com que ao longo as costas suas
Fossem todas banhadas do Oceano,
E por immensos mares separando
Seus Vassallos fieis, e seus Dominios,
Hum só meio lhe ensina, huma só arte
De os poder ajuntar sobre amplos Vasos,
Que vão, que vem d'um Polo a outro Polo,
A ponte fabricando, que ha de unillos,

A este, que lá mesmo nas Provincias,
Que mais remotas são do Luso Imperio,
Ensina ao Lavrador a agricultura,
E faz que alegre os fructos colha em dobro,
Seus trabalhos mil vezes minorando:
A este, que as Colonias enriquece
Para mais consumirem do sobejo
De nossas producções, da industria nossa,
Politico sagaz, que vê ligadas
Sempre a nivel a producção, e o gasto,
Que, sabendo lançar ao longe a vista,
Das Gerações por vir domina a Sorte,
Pelo exacto compasso calculando
O que hão de produzir seus institutos,
O que lhe hão de custar, e decidindo,
Não por fracas ventagens momentaneas,
Mas por outras, que vem só Genios raros:
A este, a quem Justiça inflamma sempre,
Que o merito procura onde elle existe,
Que não sabe enganar, que traz no rosto
Patente o coração, e os sentimentos;
A este, que comsigo satisfeito,
Nunca tolhe o louvor aos mais devido,
Que do Principe o Nome, o Nome augusto
Cada vez mais amavel fazer busca;
Que o respeito, que ao Throno os Póvos devem,
No que diz, no que faz ensina sempre,
A este, grande Elmano, levantaste
Rico padrão, que Lysia lhe devia!

Ah!

Ah! Tomo a repetillo, seja a Patria
Comtigo quanto deve agradecida!

A minha gratidão te destinava,
Por que mais não podia, nos meus versos
Inteira confissão, prego solemne
Da divida geral de Lusitania:
Porém benigno Apollo, conhecendo
Os ardentes desejos da minh'alma,
Dos divinaes thesouros de seus cofres
Riquezas veio dar-me, de ti dignas,
Que offrecer-te podesse, e sem receio:
Dois manuscriptos são de letra tua,
Ambos filhos do Genio, que te inflamma,
Vê-se n'um trasladado de Lucano
O Bosque de Marselha antigo, e negro,
Que talvez nunca foi tão pavoroso
Como o he renascendo nos teus versos:
N'outro se pinta, com mais vivas cores
Do que Tasso pintou, a infausta Sorte
De Eduardo, e Gildipe, succumbindo
Do barbaro Inimigo aos golpes duros:
Os dois ternos Amantes desditosos,
Hum com outro abraçados, fenecendo!
Ah! Seu trance final tão bem descripto
Em teus versos está, que hão de teus versos
Pranto sempre extrahir d'olhos que os lerem.

Estes dois manuscriptos, que eu chorava
Como perdidos já, conforme sabes...
Perdidos! ... Como havião de perder-se,

Sem

Sem que as Musas houvessem de guardálles?
Sim, Elmano, em seus cofres, qual thesouro
Atégora os tiverão; foi Apollo
Quem mos restituio; por elle entregues
Me forão, quando via que, empenhado
Em ser grato comtigo, não poderá
Offrecer-te senão incultos versos.

Eia, pois, hum thesouro te remetto
Nos versos, qué te mando, e que o teu nome
Eterno hão de fazer, como a Coutinho
Os outros versos teus eterno fazem:
Ninguem premio máior té deo, Elmano.
Essa chamma divina, que te abraza,
Que mandará teu nome á Eternidade,
Além dos teus, que versos vivifica?
Se não reluz nos mais, que versos podem,
Não sendo os teus, fazer teu nome eterno?

Graças a Apollo, que a dourada lyra
Te deo, para com ella eternizares
As virtudes, e o nome de Coutinho!
Graças a Apollo, que me deo riquezas,
Para fazer-te hum alto donativo,
Capaz tambem de eternizar teu nome!

(1) José Francisco Cardoso, Author do Canto de Tripoli, vertido por Bocage.

ELEGIA

Na morte do Illustrissimo Anselmo José da Cruz Sobral.

Parva petunt Manes.
Ovid. Fast. Lib. 2.

NUmen do pranto, Numen da tristeza,
Tu, que tinges de escuro a fantasia,
Que oppões a Eternidade á Natureza!

Por meus versos esparge a côr sombria,
A côr dos corações, dos pensamentos,
No ponto acerbo, que nos sóme o dia.

Ais solitarios, miseros lamentos
As trévas firma do Silencio antigo,
Que reina entre o pavor dos Monumentos;

De honrosas, caras Cinzas ao jazigo
Co' a luz, que a todos patentêa o Nada,
Me guia, oh Desengano: eu vou comtigo.

De hum a outro Universo ah! Eis ali estrada,
Por milhões, e milhões dos frageis Entes
Desde a infancia dos Seculos trilhada;

Eis

Eis o terreno de fataes sementes,
Donde sóbe amargoso, o negro fruto,
Eis a méta infallivel dos Viventes.

Triste marmore alli, polido, ou bruto,
Recata estrago, horror: na feia Estancia
A Grandeza he miseria, o Fasto he luto.

Diffrenças da Humanidade, e da Arrogancia
O teu nivel, oh Morte, alli supprime;
Cessa entre os Grãos quimérica distancia.

De Virtude sómente o Dom sublime
Do Heróe, do Justo alli doura a memoria,
Como opaca memoria enluta o Crime.

Abysmos da Existencia transitoria,
No immenso, no voraz, no horrivel seio
Co' a vida não sorveis a humana Gloria.

Esteio em Corações, na Fama esteio
Logra, domando o Tempo, a Inveja, o Fado,
Grão Ser, que volve aos Astros donde veio.

Despojo de Sobral, Despojo amado,
Em quanto a Gratidão luzir na Terra,
Serás de ingenuas lagrimas honrado.

Debalde avaro Tumulo te encerra,
Debalde a Lei mais dura, em ti cumprida,
De teus saudosos Lares te desterra.

No extremo a Deos, na eterna despedida
Ganhaste ao Tempo seu feroz direito,
Perdeste o Mundo, e renovaste a vida.

Da Essencia, da Materia o nó desfeito
Deixou teu nome intacto, eximio, puro
Brilhar nas sombras do funéreo leito.

A mesta Viuvez, de manto escuro,
A sósinha, misertima Orfandade,
Medrosas do Presente, e do Futuro,

A ti, ao Bemfeitor da Humanidade,
Nos castos Domicilios consagrárão
Prantos ferventes, cordial saudade:

Teus feitos immortaes, que a Patria ornárão,
Que em perennal delicia hum Deos premêa,
De terna Gratidão na voz soárão.

Do Globo inficionado oh Mente alhêa,
Oh Alma, tão diversa, e tão lustrosa
Dos Entes na longissima cadêa!

Tão bella como o Olympo que te gosa,
Tão pura quanto o soffre a Natureza,
Mil vezes fraca, insana, ou criminosa!

Dos Homens commettendo a summa empreza,
Util viveste ao Mundo, e só fundaste
Em teu grande caráeter a grandeza;

Exer-

Exercеaste a Virtude, os Ceos honraste,
E, sôfrega anhelando os Atrios de ouro,
Nas azas da Esperança aos Ceos voaste.

Negra filha da Noite, Ave de agouro
Apontar-te não foi coa voz funesta
O rasto vil de posthumo desdouro;

Moral gangrena, que a Opulencia empesta,
Jámais te corrompeo, jámais; qual foras
Nas Eras de ouro, reluzias nesta.

Virtudes efficazes, bemfeitoras
Enchêrão sempre teus vitaes espaços,
Illesas das Idades tragadoras;

Quando, ferrenhos, túmidos, escaços,
Apenas Homens são, e impõe de Numes
Baixos Lucullos, despreziveis Crassos,

Que, da curva Indigencia entre os queixumes,
Se enlevão, com apáthica surdeza,
Da Ventura infiel nos fátuos lumes.

Espirito feliz, que da baixeza
Do térreo Globo te elevaste ao Clima,
Donde crês tenue ponto a Redondeza:

Se attentas nos Humanos, lá de cima,
Chorosos Corações, que a dor ancêa,
Com teu reflexo fortalece, anima;

Da-

Daquella, com que Amor inda té enlea;
Daquelle, a que a Ternura inda te prende,
A' Gloria tua o pensamento alhea.

Na lugubre Consorte a idéa accende
Do Olympico prazer, na Prole amada
A rigida constancia ao termo estende;

Encorna da estellifera Morada
Néctar piedoso, que a afflicção lhe adoce,
E n'uma, e n'outra face amargurada
Só jubilo Celeste o pranto engrosse.

EPIGRAMMA.

GRatis pespega o Verdugo
No pescoço ou laço, ou corte;
O Espadachim mata gratis,
O Medico vende a morte.

EPI-

EPIGRAMMA,

TIRADO DE MARCIAL.

SE me lembro, Elia, tiveste
De bellos dentes a posse:
N'uma tosse dois se forão,
Forão-se dois n'outra tosse.

Segura noites, e dias
Pódes tussir a fartar,
Pódes, que tosse terceira
Já não tem que te levar.

EPIGRAMMA.

NO Mundo ha gloria suprema.
(Roncava Euclidico Author.)
„ Qual he? (Diz Tafúl da gema)
„ Qual he! (torna o Cismador)
E resolver hum problema.

EPIGRAMMA

TRADUZIDO.

MOrdeo huma serpe Aurelia.
Que pensais que resultou?

Que

Que Aurelia morreo? Historia:
A serpente he que estoirou.

EPIGRAMMA

A HUMA CARA MUI GRANDE.

EXaminasse hum planeta
Com telescópio de cá:
Ver-se-hia a cara de Olena
Sem telescópio de lá.

EPIGRAMMA.

A
LAura divertio-se muito
N'uma função menos má.
B
Qual foi o divertimento?
A
Não ter o Marido lá.

EPIGRAMMA.

TRouxe-se à pobre doente
Hum récipe singular.
Morreo do récipe? Não:
Só da tenção de o tomar.

EPI-

EPIGRAMMA.

IN fide Parochi attesto.
(Escrevia inchado Cura)
Que soffreo Lopo Forçura
Da morte o golpe funesto.

Tal clareza não se achou
Dos óbitos no registo,
Mas attesto-o por ter visto
A receita que tomou.

EPIGRAMMA.

HUm Procurador de causas
Tinha na dextra de Harpia
Nojenta, ineuravel chaga,
Que até ossos lhe roia.

Exclama hum Taful ao vêllo:
„ Que pena de Taliáo!
Quem com a mão roeo tanto
Ficou roido na mão.

EPIGRAMMA.

COm tão má gambiá andas tanto,
Tanto daqui para alli!

Pro-

Procurador, não me engana:
Tu procuras para ti.

EPIGRAMMA.

Empobrece todo o Bairro
Fabio com penna, e condão:
Foi quatro mezes Letrado,
Quinze dias Escrivão.

EPIGRAMMA.

HUm Escrivão fez hum roubo.
Diz-lhe o Juiz: „ que razão
Teve para fazer isto? „
Responde: „ ser Escrivão.

EPIGRAMMA.

CErto enfermo, homem sisudo,
Deixou por condescendencia
Chamar hum Doutor, que tinha
Entre os mais a preferencia.

Manda-lhe o fôfo Esculapio
Que bote a lingua de fóra,
E envia dez garrafas
A' botica sem demora.

„ Com

„ Com isto, (diz ao doente)
A sepultura lhe tapo.
Replica o pobre a tremer:
„ Aposto que não escapo.

EPIGRAMMA.

ARrimado ás duas portas
Pingue Boticario estava,
E brandamente acenou
A hum Doutor, que passava.

Mal que chega o bom Galeno
Diz o outro com ar jucundo:
„ Unamo-nos, meu Doutor,
E demos cabo do Mundo.

EPIGRAMMA.

DIsse hum Avicena ao ver
Certo doente: „ he confusa
Esta molestia: por tanto
A malina se reduza.

Eis a mão facinorosa
Lavra potente receita,
Que anónima enfermidade
Torna em malina perfeita.

Co' a prompta metamorfóse
O infesto Doutór se alegra,
E diz, sorrindo-se: „ agora
Se matar, mato com regra.

EPIGRAMMA.

HUm Filósofo enfermou.
Não tinha mal de perigo,
Mas soffreo a Medicina,
Por agrádar a hum amigo.

Consentio que receitasse
Hippocrático Impostor,
E logo para hum criado
Disse, brando, e sem tremor:

„ Não deixes lá na Botica
Esse amargo fructo do erro;
Inda tem mais serventia:
Suppre os escritos de enterro.

EPIGRAMMA.

QUiz inda fresca Viuva
Casar, mas tinha esquecido
No alfarrabio dos enterros
Pôr o enterro do Marido.

Le-

Leve este papel ao Cura,
(Lhe aconselha hum maganão,)
Era excellente receita
Das que importão n'um milhão.

„ Padre, (diz ella, entregando
O papel que se lhe deo)
„ O meu homem tomou isto...
Toma o Cura: então morreo.

EPIGRAMMA.

Disse a Morte ao ver entrar
Milhões de almas nos abysmos:
„ Bravo! Bravo! Que colheita!
Muito devo aos aforismos!

EPIGRAMMA.

Os óbitos o volume
Consta que hum Cura perdeo,
E contou este desastre
A íntimo amigo seu.

De supprir o triste livro
Não póde occorrer-lhe idéa.
„ Ai! (diz o amigo) isso hé facil:
Compre huma Farmacopéa.

EPI-

EPIGRAMMA.

COmpôz para leve andaço
Hum Doutor, Doutor fatal,
Famosa receita, onde era
A menor dóse mortal.

Indo depois á Botica,
Desta sorte o dono o investe:
„ Receite a todos o mesmo,
Meu Doutor, e temos peste.

EPIGRAMMA.

HUm Doutor, accommettido
Das chufas de hum Boticario,
(Que não sei porque motivo
Se lhe quiz mostrar contrario)

Disse-lhe: inda que nós ambos
Somos dos humanos mágoa,
Mais do que eu faço com tinta
Faz sua mercê com agoa.

EPIGRAMMA.

HUm chapado, hum retumbante
Corifêo da Medicina
Certa Menina adorava,
E adoeceo-lhe a Menina.

Eis

Eis para curalla o chamão,
Pela alta fama que tem.
Geme o Doutor, e responde:
„ Não vou, que lhe quero bem.

EPIGRAMMA.

LE-se n'uma sepultura
De antiguidade Affonsina:
„ Aqui jaz quem não jazèra,
Se jazesse a Medicina.

EPIGRAMMA.

A Morte perdendo a fouce,
Crêo sua força desfeita:
Disse-lhe hum Medico insigne:
„ Aqui tens esta receita.

EPIGRAMMA.

DIsse hum dia o Fado á Morte
Que chuchasse hum tal Doutor,
Que punha em cada receita
Ao menos hum estupor.

„ Não ouso (responde a Parca)
A teu mando obedecer.
Se com Medicos se mente,
Té póde a Morte morrer.

EPIGRAMMA.

AQui jaz hum homem rico
Nesta rica sepultura:
Escapava da molestia,
Se não morresse da cura.

EPIGRAMMA.

HUm Velho cahio na cama.
Tinha hum filho Esculapino,
Que para adivinhações
Campava de ter bom tino.

O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai.
Diz-lhe o velho, suspirando:
„ Repara que sou teu pai.

EPIGRAMMA.

CHiron foi Medico insigne,
Segundo nos livros acho;
Porém cavallo o descrevem
Da cintura para baixo.

Doutor, em nada o semelhas;
Elle foi besta nos pés,
Nas ancas, mãos, e costado:
Tu só na cabeça o és.

EPIGRAMMA.

HUm Medico, antiga peste
Do triste Genero humano,
De costumado a enganar-se
Pôde acertar por engano.

Fez huma receita idónea,
A pezar do formulario;
Mas o que ao Medico escapa,
Lá vai ter ao Boticario.

EPIGRAMMA.

POdre Victima de Venus,
Metáfora da existencia,
Fiou-se de hum Boticario,
Homem de sáa consciencia.

Tinha o pustuloso enfermo
Huma gambia retorcida,
Que para a parte de fóra
Como que enxotava a vida.

Tenaz emplasto lhe estende
A Farmacopólia mão,
Com que dê nome á botica,
Dando cabo do aleijão.

„ Deixe estar, (diz o Mestraço)
Que isto logo, logo abranda.
Que succedeo? Pôr-lhe a perna
Terra para a outra banda.

EPIGRAMMA,
TIRADO DE OWEN.

P. O Q' he mais leve do q̃o ar? *R.* O fumo;
P. O q̃ he mais leve do q̃ fumo? *R.* O vento.
P. E q̃ o vento? *R.* A Mulher. *P.* Q' a Mulher?
R. Nada.

EPIGRAMMA.

BOjudo Farmacopólia,
De cangalhas no nariz,
Lia hum papel todos que a Gente
Prégão em vasabarris.

O papel era receita,
Isto bem se deixa ver:
Eis o algôz dos paladares
A molestia quiz saber.

Soube-a, pouco mais, ou menos
E exclama hum tanto impaciente:
„ O Medico allucinou-se,
Com isto sara o Doente.

EPIGRAMMA.

HUm homem rico, outro pobre
Grave molestia prostrou.
Qual delles morreo? O rico,
Que mais remedios tomou.

EPIGRAMMA.

PAra curar febres podres
Hum Doutor se foi chamar;
Que, feitas as cerimonias,
Começou a receitar.

A cada pennada sua
O enfermo arrancava hum ai.
„ Não se assuste, (diz Galeno)
Que inda desta senão vai.

„ Ah Senhor! (o Torna o coitado,
Como quem seu Fado espreita:)
Da molestia não me assusto,
Assusto-me da receita.

EPIGRAMMA.

HUm Geómetra zombou
Ao ver que Amante infeliz
Por linda Moça expirou;
Mas ao Sabio o que o matou?
Não dar co' valor d'um xiz.

EPIGRAMMA.

HOmem de genio impaciente,
Tendo huma dor infernal,
Pedia para matar-se
Hum veneno, ou hum punhal.

„ Não ha (lhe disse hum visinho,
Velho, que pensava bem)
Não ha punhal, nem veneno;
Mas o Medico ahi vem.

EPIGRAMMA.

SEmpre he teima de viver
A que tem Celio caduco!
Não sei que molestia possa
Chuchar-lhe da vida o succo.

Tinha huma chaga no bofe:
O bofe sem chaga está;
Hum aneurisma no peito:
Vestigios delle não ha.

De lhe cerrarem tres fontes
Nenhum damno resultou.
Isto ainda não he nada:
Té d'uma Junta escapou.

EPIGRAMMA.

HUma destas que adoecem
Porque hum mosquito as mordeo,
Disse para hum seu criado:
„ Chamem-me o Doutor Sandeo.

Eis o Hippócrates, que abonão
Honrosos cabellos brancos,
E eis subitamente a Dama
Aos soluços, e aos arrancos.

Donde lhe veio este excesso
Na Hippocrática presença?
De estar doente devéras:
E era o Medico a doença.

EPIGRAMMA.

Consta que hum Medico fôra
Inventor da Guilhotina.
Deo bem rapidez á morte!
Mostrou saber Medicina.

EPIGRAMMA.

Morte! (Clamava hum doente)
Este misero soccorre „
Surge a Parca de repente,
E diz de longe: „ recorre
Ao teu Medico assistente.

EPIGRAMMA.

A Morte foi sensual
Quando ainda era menina:
Co' Peccado original
Teve cópula carnal,
E pario a Medicina.

EPIGRAMMA.

HUm Medico, resentido
De certo seu offensor,
Ante hum amigo exclamava,
Todo abrazado em furor:

„ Para punir este indigno,
Este vil, tómára hum raio. „
Acóde o outro: „ ha hum meio
Muito mais facil: curai-o.

EPIGRAMMA.

POz-se Medico eminente
Em voz alta a recitar.
„ Récipe. (diz) ... de repente
Grita da cama o doente:
„ Basta, que mais he matar.

EPIGRAMMA.

FAbio, o meu dilecto amigo,
(Dizia Alfeo consternado)
Dos Medicos mais insignes
Está já desamparado.

„ Oh!

„ Oh! (Sahe dalli hum Sugeito,
De circunspecta presença)
„ Feliz, se o desamparassem
No principio da doença!

EPIGRAMMA.

A.

QUe vem do Chéfe dos Matas
Sustenta o Doutor Malsitas,
E com mil papeis o prova.

B.

Com que papeis?

A.

Com receitas.

EPIGRAMMA.

TInha huma dor muito aguda
Hum Homem. Veio hum Doutor,
E disse: „ com tres regrinhas
O livro já dessa dor.

Corre a tomar mão da penna,
Eis diz o Enferma a tremer:
„ Ai! Nada, senhor Doutor:
Antes penar que morrer.

EPIGRAMMA.

HUm Medico receitou.
Subito o récipe veio,
Do qual no bucho do Enfermo
Logo embutio copo, e meio.

„ A Deos até á manhãa,
(Diz o fôfo Professor)
Responde o Doente: „ a Deos
Para sempre, meu Doutor.

EPIGRAMMA.

INda novel Demandista
Hum Letrado consultou,
Que, depois de cem perguntas,
Tal resposta lhe tornou;

„ Em Cujacios, em Menóchios,
Em Pegas, e Ordenação,
Em Reinícolas, e Estranhos
Tem catredas de razão.

„ Sim, sim, por toda essa estante
Tem razão, razão de mais.
„ Ah Senhor! (o Homem replica)
Tê-la-hei nos Tribunais?

EPIGRAMMA.

CErto Averróes quiz ao prelo
Ver seus aforismos juntos.
Pôz-lhes o Editor singelo
„ Arte de fazer Defuntos.

EPIGRAMMA.

DIsse, em ar de novidade,
Lelio, que a rugosa Elvira
Soffrêra longa molestia,
De que a bem custo surgíra.

„ Creio: o seu Medico he bom.
(Proferio grave Pessoa)
Acode hum Taful: „ e eu sento
„ Que a molestia he que foi boa.

EPIGRAMMA.

ANte mim não vales nada:
(Disse a Morte á Medicina)
Eu de tudo quanto existe
Sou a fatal assassina.

„ Ui! (a Mãi dos aforismos
Responde á Parca amarella)
„ Olha a tola! Eu sou o mesmo,
Mas com mais methodo que ella.

EPIGRAMMA.

A Morte era huma idiota
Antes de aforismos ter,
Mas depois que ha Medicina,
Já sabe ler, e escrever.

EPIGRAMMA.

A Morte hum dia enjoou-se
D'um nome que se abomina,
Quiz o azedume adoçar-lhe,
E crismou-se em Medicina.

EPIGRAMMA.

A.
Vai curar o Doutor Campa
Sua futura Consorte.
B.
Já se não diz quando casa?
A.
Recebeia á hora da morte.

EPIGRAMMA.

LAvrou chibante receita
Hum Doutor com todo o esmêro
Era para certa Moça,
Que ficou sáa como hum pêro.

„ Tão cedo! He milagre = (ás senta
A Mái, que de gosto chóra =)
„ Minha Mái, não he milagre:
Deitei o remedio fóra.

EPIGRAMMA.

RFchonchudo Franciscano
Desenrolava hum Sermão,
E defronte por acaso
Lhe ficára hum Beberrão.

Tratava dos Bens celestes,
Proferindo: „ Ouvintes meus,
„ Que ditas, qûe immensa gloria
Para os Justos guarda hum Deos!

„ Falsos, momentâneos gostos
Ha neste Mundo mesquinho;
Mas nos Ceos ha bens sem conto.
Pergunta o bebedo: „ e vinho?

MADRIGAL.

ZEfyros, que brincais co'as tranças bellas
Da minha doce Anália,
Voai ás flores da viçosa Idalia,
Bem que na graça, e côr sáo menos que ellas.
Não he por vós, Favonios, que a frescura
Trazeis ao níveo seio,
E á face melindrosa, em que deliro:
He só porque receio
Que de astuto Rival, de audaz ternura
Comvosco se disfarce algum suspiro.

IMPROVISOS.

A minha Lilia morreo.

ASsim como as flores vivem
A minha Lilia viveo;
Assim como as flores morrem
A minha Lilia morreo.

Assombrando o negro dia,
Ave sinistra gemeo;
Cumprio-se o funesto agouro:
A minha Lilia morreo.

Desfalece, oh Natureza,
Accelera o fado teu;
Esta voz relogio ao Nada:
A minha Lilia, &c.

Fadou-me o caso medonho
Vate que nos Astros leo;
Os Vates são como os Numes!
A minha Lilia, &c.

Que he do Sol! Q'he do Universo!
Tudo desapparece;
Foi-se toda a Natureza:
A minha Lilia, &c.

A minha ventura, e Lilia
N'um só laço Amor prendeo:
Morreo a minha ventura,
A minha Lilia, &c.

Em parte da minha essencia
Minha essencia pereceo;
Não vivo senão metade:
A minha Lilia, &c.

Oh quanto ganhava o Mundo!
Oh quanto o Mundo perdeo!
Doce lucro, e triste perda!
A minha Lilia, &c.

Para exultar o Universo
A minha Lilia nasceo;
Para os Numes exultarem
A minha Lilia, &c.

Meu coração desgraçado,
Desgraçado porque és meu,
Evapora-te em suspiros:
A minha Lilia, &c.

As Estrellas se apagárão,
A Natureza tremeo,
Os Promontorios gemêrão,
A minha Lilia, &c.

Disse, ao ver sereno effluvio,
Que o puro Olympo correo:
„ Aquella he a alma de Lilia,
A minha Lilia, &c.

Instantes affortunados.

Sou dos que não querem vida,
Sou dos mais desesperados:
Valei-me, instantes da Morte,
Instantes affortunados.

São muito mais que momentos
Os momentos desgraçados,
São muito menos que instantes
Instantes affortunados.

D'entre os Ceos com alvas plumas
Lá nos Seculos dourados,
Sobre a terra, Amor, trouxeste
Instantes, &c.

Estes instantes volvêrão
Aos puros, Elisios prados:
Já nem a innocencia gosa
Instantes, &c.

Sinto de sorte a tristeza
Meus desejos costumados,
Que nem cobiço, nem sonho
Instantes, &c.

Hum coração como o meu.

Milhares de maravilhas
Tem Jove em tudo o que he seu;
Mas não tem nesse thesouro
Hum coração como o meu

Déste, Amor, á minha Amada
Hum semblante como o teu:
Amor, porque lhe não déste
Hum coração como o meu?

IMITAÇÃO ANACREONTICA.

EM torno de aurea colmêa
Amor adejava hum dia,
E, a mãozinha introduzindo,
Humidos favos colhia.

Abelha, mais forte que eu,
Porque de Amor não tem medo;
Eis do guloso Menino
Castiga o furto n'um dedo.

Chupando o tenro dedinho,
Entra Cupido a chorar,
E ao collo da Mãi voando,
Do insecto se vai queixar.

Venus carinhosa, e bella
Diz, amimando-o no peito:
„ Desculpa o que te fizerão,
Recordando o que tens feito.

O ténue ferrão da abelha
Dóe menos que teus farpões:
O que ella te fez no dedo
Fazes tu nos corações.

Se amor vive além da Morte,
Constancia eterna hei de ter;
Se amor dura só na vida,
Hei de amar-te até morrer.

GLOSA.

Fui onde o sabio Fatino,
Vate, pelos annos curvo,
Rompe o véo tapado, e turvo,
Que envolve as leis do Destino.
Entro a gruta, a fronte inclino,
E exclamo em vivo transporte:
„ Oh tu, que fallas co' a Sorte,
Eia, dize ao mais constante,
Ao mais abrazado Amante
Se amor vive al m da Morte.

Anália, Deosa na face,
Deosa até no coração,
Temeo que a minha paixão
Como as outras desmaiasse.
Para que o meu bem deixasse
De vacillar, de gemer,
Abalancei-me a dizer:
„ Despe, amada, hum vão temor;
Que por milagre de Amor
Constancia eterna hei de ter.

Talvez foi voto indiscreto...
Proseguia; eis, meneando
O grão Velho venerando
Tres vezes seu grave aspecto:
„ Que não ousa hum louco affecto!
(Me diz com voz desabrida)
Alma insana, alma atrevida,
Ha quem confie, ha quem jure
Que amor entre cinzas dure,
Se amor dura só na vida!

„ Doido Amante alluzinado,
Como ha de a paixão, como ha de
Ir alterar a igualdade,
Que aos Entes impôz o Fado?
Não ha permanente estado,
O Nada provêm do Ser.
Torna, vai-te desdizer,
E faze o teu voto assim:
„ Mais poder não cabe em mim,
„ *Hei de amar-te até morrer.*

Defender os patrios Lares,
Dar a vida pelo Rei,
He dos Lusos valerosos
Carácter, Costume, e Lei

GLOSA.

FErnando avilta o brazão,
De eternos Avós herdado,
Fernando, a delicias dado,
Perde gloria, e coração.
Eis o primeiro João
Surge fausto entre os azares;
Dissipa tôrpes desares,
E vai co' a tremenda espada,
Co' a Gloria resuscitada
Defender os patrios Lares.

Correm Tempos, e o Destino
De Lysia outra vez se altéra:
No berço Bellona fera
Bafeja Real Menino.
Cresce, e infausto desatino
O move contra Mulei: (1)
Ai! Segue-o submissa Grei,
Lusas mãos pendões desferem,
E até na injustiça querem
Dar a vida pelo Rei.

Ca-

Cahe o Moço miserando
Sobre as barbaras arêas;
Rebenta o sangue das vêas,
Inda victoria anhelando.
Férreo Jugo, intruso Mando
Nos turva os Annaes lustrosos:
Série de tempos nublosos,
Que a Roma cadêas lança, (2)
(Bem como os da Gloria) herança
He dos Lusos valerosos.

Rompe emfim de Lysia o somno
Alto impulso repentino,
E o Renovo Bragantino
Reluz no remido Throno.
Oh Lusos! Celeste abono
Verificai, merecei;
Duro assalto removei:
Jus vos dão para a victoria
Hum Deos, a Razão, a Historia,
Caracter, Costume, e Lei.

O

(1) Mulei Moluco, Rei de Marrócos.
(2) Invasão dos Povos do Norte na Italia.

O PASSARINHO PREZO,

FABULA ORIGINAL.

NA gaiola empoleirado,
Hum mimoso Passarinho
Trinava brandos queixumes
Com saudades do seu ninho.

„ Nasci para ser escravo,
(Carpia o Cantor plumoso)
Ninguem ha, ninguem no Mundo
Que seja tão desditoso.

Que he do tempo que eu passava,
Ora descantando amores,
Ora brincando nos ares,
Ora pousado entre flores?

Mal haja a minha imprudencia,
Mal haja o visco traidor;
Hum raio, hum raio te abraze,
Fraudulento Caçador.

Em que pequei? Por ventura
Fiz-te á seara algum mal?
Encetei, mordi teus fructos,
Como o daninho pardal?

Agres-

Agrestes, incultas plantas
Produzião meu sustento,
Inutil aos que se prezão
Do alto dom do entendimento...

Do entendimento! Ah malignos!
Vós, possuindo a razão,
Tendes de vicios sem conto
Recheado o coração.

Ah! Se a vossa liberdade
Zelosamente guardais,
Como sois usurpadores
Da liberdade dos mais?

O que em vós he hum thesouro
Nos outros perde o valor?
Destróe-se o jus do opprimido
Pela força do oppressor?

Não tem por base a justiça,
Funda-se em nossa fraqueza
A Lei, que a vós nos submette,
Tyrannos da Natureza.

Em offensa das Deidades,
Em nosso damno abusais
Da primazia, que tendes
Entre os outros animais.

Mas ah triste! Ah malfadado!
Para que me queixo em vão?
Que espero, se contra a força
De nada serve a razão? „

Aqui parou descançado
O volatil: carpidor;
Eis que vê chegar da caça
O seu barbaro Senhor.

Trazia encostado ao hombro
O arcabuz fatal, e horrendo,
E alguns passaros no cinto,
Huns mortos, outros morrendo.

Das penetrantes feridas
Ainda o sangue pingava,
E do cruento verdugo
As curtas vestes manchava.

O prezo, vendo a tragedia,
Coitadinho, estremeceo,
E de susto, e de piedade
Quasi os sentidos perdeo.

Mas, apenas do sossobro
Repentino a si tornou,
C'os olhos nos seus finados,
Estas palavras soltou:

Entendi que dos viventes,
Eu era o mais infeliz;
Que outros tem peor destino
Aquelle exemplo me diz.

Da minha sorte jágora
Queixas não torno a fazer:
Antes gaiola que hum tiro,
Antes penar que morrer.

PROGNE, TEREO, E FILOMELA,

Metamorfose extrahida das de Ovidio, Liv. 6.

BArbaros Esquadrões, que o Mar trouxera,
As muralhas de Athenas atterravão.
Terêo, da Thracia Rei, com presto auxilio
A' Cidade acudio, e os pôz em fuga,
Colhendo na victoria egregio nome.

O grato Pandion (1) ao grão Monarca,
Nas forças, na opulencia abalizado,
E alta Progenie do immortal Gradivo,
Deo, como em recompensa, huma das filhas,
O unio com Progne em vinculo amoroso.

Ao Rito, á Festa nupcial não forão
Presidente Hymenêo, Prónuba Iuno;
Nenhuma das tres Graças veio ao Tóro.
As horrorosas Furias o erigirão,
Em torno delle as horrorosas Furias
Nas dextras negrejantes empunhárão
Tóchas, roubadas a funérea pompa.
Sobre o docel do Thálamo sinistro
Pousou na infausta noite Ave agoureira;
Muda assistio ao conjugal mysterio:

An-

(1) Rei d'Athenas.

Ante ella Esposos forão, Pais ante ella.
Co' a vergôntea dos Reis a Thracia folga,
Mil incensos aos Ceos, mil graças manda,
E a festejo annual consagra o dia,
Em que ao feroz Terêo foi Progne dada,
Em que o fructo de Amor, Itys mimoso
Veio dar gloria aos Pais, e ao longo Estádo:
Tanto o Mortal ignora o que lhe he util!

Cinco vezes o Sol já volteára
Os Ceos, de Primavera em Primavera,
Quando Progne, affagando o dúro Esposo,
„ Se hum favor te mereço, ou me conduze
„ A abraçar minha Irmãa, (lhe diz) ou corre,
„ Corre a buscalla. Ao Sogro encanecido
„ Jura restituilla em curto espaço.
„ Huma impagavel dádiva, hum thesouro
„ Na Irmãa te deverei. „ Terêo se apromptá,
Arma os curvos baixeis, e a véla, os remos
Pelo Porto Cecrópio se introduzem.

Já surge, e do Pirêo (1) já desce ás praias.
Ledo o recebe o Sogro, as mãos apertão,
Travão conversação com triste agouro.
O Thracio a referir emfim começa
Os desejos, as súpplicas da Esposa,
E a affirmar o promptissimo regresso.
Ante elles Filomela eis appareoe,
Rica em trage, riquissima em belleza,

Co-

(1) Porto d'Athenas.

Como ouvimos dizer que nas florestas
As Dryades, as Náiades passêão,
Figurando-lhe a idéa o mesmo adorno.
Terêo, á face da estremada Virgem,
Fica absôrto, encantado, arde em silencio;
Qual flamma, que, nos campos ateada,
A relva, as folhas, as searas cóme.
Da Bella os olhos este ardor merecem;
Mas férvido appetite impetuoso
Pula no peito do anciado Amante,
E a tôrpe viciosa natureza
Do seu Clima brutal, propenso a Venus.
Cego anhelando á candida Donzella,
Impulsos tem de corromper-lhe as Servas,
E a Mãi segunda, que a nutríra ao seio.
Não só deseja obter por dons sublimes
A origem da paixão que o desespera,
Mas estragar por ella o mesmo Imperio,
Ou antes arrancalla, e defendêlla
Em pertinaz conflicto, em brava guerra:
Nada vê que não ouse, ou que não tente
Seu criminoso amor desenfreado.
No accezo coração não cabe a chamma,
A demora fatal soffrer não póde.

Da saudosa Consorte eis o Perverso
As preces, as instancias exaggéra,
E nos desejos della os seus disfarça:
Energia, e facundia Amor lhe empresta.
Quando além do que he justo eleva o rôgo,
De Progne com o ardor o córa, o doura;

Té

Té lagrimas co' as súpplicas mistura;
Como que fossem lagrimas da Esposa.
Oh Deoses! Quanto he cega a mente humana!
A maldade em Terêo se crê virtude:
No crime, na traição louvor grangêa.

Onde, ah! Onde, innocente Filomela,
Queres ir c'um Tyranno! Ei-la amorosa
Aperta o triste Pai nos lindos braços;
O bem de ver a Irmãa com ancia pede,
Pela Irmãa contra si de orar não cessa.
Com famulentos olhos a devora
O sôffrego Terêo, pasmado nella,
E, tocando-lhe, a insta a que affervore,
A que duplique as súpplicas urgentes.
Os braços com que cinge o patrio collo,
Os beijos que na mão paterna imprime,
Tudo aviva os estimulos, o fogo,
O tácito furor, que o vai ralando.
Quantas vezes a Filha ao Pai se abraça,
Tantas de o Pai não ser ao Thracio pêza:
Mais tôrpe fôra então, mais ímpio fôra.
Ambos o velho Rei com rogos vencem;
Ella folga, ella exulta, e dá mil graças
A' paternal bondade: a si, e a Progne
O que lhes he fatal propicio julga.

Sómente hum curto gyro ao Sol já resta;
Os ferventes Cavallos espumosos
Batem soberbos no declive Olympo:
Aprestão-se as Reaes, as lautas mezas,

Au-

Aureo licor borbolha em aureas taças:
Depois o grato somno aos olhos vôa.
Mas, longe dos encantos que o transportão,
Não dorme, não repousa o fero Amante:
Arde, e pinta na idéa a face, os olhos,
Pinta os gestos, as mãos, o mais que olhára,
E finge, como o quer, o que não víra:
Ao prazer afferrado o pensamento,
Lhe atiça a flamma, lhe desvia o somno.

Luzio a Aurora, e Pandion, chorando,
Ao Genro, cuja mão saudóso aperta,
O querido Penhor commette, e roga
Que o guarde, que o vigie. „ Amadas filhas,
„ Vós assim o quereis, (diz soluçando)
„ E tu, tambem, Terêo. Pois causa justa
„ Vos obriga, eu me rendo. Eis a minha alma,
„ Eis a filha te dou. Por mim, por ella,
„ Pela fé, por ti mesmo, e pelos Numes
„ Te imploro a amimes com amor paterno,
„ E que este doce alivio de meus annos,
„ (Annos cançados já) me restituas,
„ Cedo, ah! Cedo. Não tardes, não me enganes,
„ Que longa me será qualquer demora.
„ Tu, tambem, se tens dó de hum Pai magoado,
„ Vem logo, oh filha minha, oh meu thesouro:
„ Bem basta tua Irmãa viver tão longe. „
Assim fallando, o misero a beijava,
E as lagrimas na face lhe cahião.

Depois que a dextra mão por segurança

Hum

Hum ao outro pedio, deo hum ao outro;
O Ancião consternado á Prôle, ao Genro
Para o Neto mimoso, e Filha ausente
Dá mil ternas saudades, mil suspiros.
Apenas balbucía entre soluços
O lagrimoso a Deos, presagio triste,
Carrancudo terror lhe sóbe á mente.

Em pintado baixel eis Filomela,
Eis o remo a compasso as ondas volve;
O Mar ferve na prôa, e foge a Terra.
„ Vencemos, (diz o Barbaro) vencemos;
„ Meus desejos, meus gostos vão comigo.
E exulta, e póde apenas moderar-se,
Reter a execução de atroz intento.
Nunca os olhos distrahe do objecto amado,
Bem como a carniceira Ave de Jove,
Que tem bico revolto, e curvas garras,
Fraca lebre depõe no aéreo ninho:
Conhece que fugir não póde a preza,
Seguro o Roubador contempla o roubo.

Já do equóreo caminho os Vasos leves
Vencêrão a extensão, já, fatigados,
No patrio fundo as ancoras arrojão.
O audaz, Threicio Rei a antiga selva,
A deserto Palacio tenebroso
Guia de Pandion a triste Filha.
Alli, pallida, trémula, chorosa,
Pela Irmãa perguntando inutilmente,
Em remoto aposento o Monstro a cerra.

Frenético lhe expõe o amor nefando,
E com força brutal, com fera insania
Mancha, corrompe a virginal pureza
Da Misera, que em vão mil vezes clama
Pelo Pai, pela Irmãa, por vós, oh Numes,

Ella ainda depois está tremendo,
Qual cordeira mansissima, que ao lôbo
Foi por bravo rafeiro arrebatada,
E nem comtudo então se crê segura;
Ou qual candida pomba, que, escapando
D'entre as unhas mortaes do aggr cruento,
Tintas no proprio sangue as alvas pennas,
Se arripia de horror, e inda se teme
Do rápido Inimigo. Emfim, tomando
A ter alento, e voz a profanada,
Lastimosa Princeza, estraga, arranca
Os formosos cabellos desgrenhados;
Fere o peito gentil, desfaz-se em pranto,
E, alçadas para os Ceos as mãos de neve,
„ Oh bárbaro! Oh traidor! Oh Tigre! (exclama)
„ Nem súpplicas de hum Pai curvado, e triste:
„ Nem a fraterna fé que me devias,
„ Nem da inerme Innocencia o puro estado,
„ Nem as leis conjugaes te commovêrão!
„ Todas tens quebrantado: os teus furores
„ Manchão duas Irmãas com tôrpe affronta:
„ (Pena tão dura não mereço, oh Numes!)
„ Para não te escapar nenhum delicto,
„ Ah? Que fazes, cruel, que não me arrancas
„ Huma vida infamada, abominosa?

„ E oxalá que a tivesses arrancado
„ Antes do horrivel, execrando incesto!
„ Ao Lethes minha Sombra fôra illesa.
„ Porém se os Deoses tem poder, tem olhos;
„ Se tudo emfim não pereceo comigo,
„ Castigado serás, serei vingada:
„ Sacudido o pudor, direi teu crime.
„ Se entre Povos me achar, sabello-hão Povos;
„ Se entre bosques por ti ficar sumida,
„ Os meus males farei saber aos bosques;
„ Farei saber ás pedras os meus males,
„ E hei de apiedar com elles bosques, pedras;
„ Este firme protesto os Ceos me escutem,
„ E hũ Deos, se acaso hũ Deos no Ceo reside. (1)

Com estes ameaços o Tyranno
Sente no coração ferver-lhe a raiva,
Mas não menor que a raiva he nelle o medo;
E de huma, e de outra causa estimulado,
Da lustrosa bainha o ferro despe,
E ás tranças da Infeliz a mão lançando,
Em duros nós lhe enlêa os tenros braços.

Inclina Filomela o níveo collo,
Da espada, que vê núa, espera a morte;
Mas o Duro, o Feroz, por mais que a Triste
Lute, resista, invoque o patrio nome,
Com rigida torquez lhe afferra a lingua,

A

(1) Linguagem propria da desesperação, e vertida litteralmente.

A lingua que fallar em vão procura,
Lha extrahe da boca, e rápido lha corta.
A purpúrea raiz lhe nada em sangue,
Cahe o resto no chão, murmura, e treme,
Qual da escamosa serpe mutilada
A cauda palpitante, e moribunda,
Que ao corpo em que vivéo pertende unir-se.

Completa a negra acção, se diz que o Monstro
Inda mais de huma vez (horror não crivel!)
Cobiçou, sepetio prazer infame.
Depois de tão crueis, tão feios crimes,
Atreve-se, o Malvado, a ver a Esposa.
Progne entre sustos pela Irmãa pergunta:
Elle exhala do peito hum ai fingido,
Diz que he morta, e com lagrimas o abona.
Das Regias vestiduras se despoja,
Traja a sentida Progne escuras vestes,
Erige hum vão sepulcro, e sagra nelle
Inuteis oblações a falsos Manes,
Carpindo a Irmãa, que assim carpir não deve.

Já tem corrido Apollo as doze Estancias
Depois do caso enorme. Ah! Filomela
Que fará? Guarda attenta impede a fuga,
Rijos muros de marmore a rodeão,
Seu mal narrar não póde a muda boca.
Tens, oh Necessidade, agudo engenho,
A's grandes afflicções Industria acode.

Subtil, candida têa urdindo a furto,
Entre alvos fios põe purpúreas letras,
Indicios da ferina atrocidade;
E do sagaz lavor ao fim chegando,
O confia em segredo a meiga Escrava,
Lhe roga por acções o leve a Progne:
Ella o conduz, e o que conduz não sabe.

Eis a Rainha desenvolve a téla,
E lê, e entende a miseranda historia,
E cala-se (calar-se he quasi incrivel!)
A dor lhe tolhe a voz; termos que expressem
A sua indignação, não tem, não acha;
Nem se occupa em chorar: confusa, absôrta,
Mil horrendas tenções volve na mente,
E embebe-se na imagem da vingança.

Era o Tempo famoso, oh Deos de Thebas,
Em que as Sithonias Moças te festejão.
Aos ritos Bacchanaes preside a Noite;
No Rhódope de noite a voz aguda
Dos éreos instrumentos vai soando,
E de noite a Rainha os Paços deixa.
Do Deos nas ceremonias já se instrúe,
Já toma as armas furiaes, já cinge
A cabeça de pampanos, e pendem
Pelles cervinas do sinistro lado:
Ritual hástea leve ao hombro encosta.

Seguida das terriveis Companheiras,
Progne terrivel pelas selvas corre,

E

E nos furores que a paixão lhe excita
Vai imitando, oh Baccho, os teus furores.
Chega á dura prisão de Filomela,
Brama, grita: „ Evohé! „ E arromba as portas;
Arranca a triste Irmãa do horror que a cerca,
Nas Bacchicas insignias a disfarça;
Recata-lhe as feições co' as folhas de hera,
E a conduz assombrada aos Regios muros.

Vendo que toca o pavimento infando,
Filomela infeliz treme, descóra.
Mettidas em recôndito aposento,
Progne lhe despe as sacras vestiduras,
Progne d'afflicta Irmãa descobre as faces,
As faces lacrimosas, e inda bellas;
Temo abraço lhe dá, mas pôr-lhe os olhos
Não ousa a desgraçada, e se horroriza
De haver sido (a pezar de o ser sem culpa)
Complice, origem da fraterna offensa.
O macerado rosto unido á terra,
Jurar tentando, e referir-se aos Numes,
Não podendo co' a voz, co' as mãos exprime
Que a violencia lhe fez tão vil opprobrio.

Arde Progne, conter não sabe as iras;
Da malfadada Irmãa condemna o pranto.
„ Lagrimas (diz) não servem, serve o ferro;
„ Ou cousas mais crueis que o ferro: a tudo,
„ Por barbaro que seja, estou disposta.
„ Ou tragarei co' a chamma os Regios Lares
Suffocando no ardor das igneas ondas.

„ O Artifice infernal da injuria nossa,!
„ Ou os olhos, a lingua, o mais, que teve
„ Parte na tôrpe acção, n'acção maldita,
„ Co' ferro hei de arrancar, ou por cem golpes
„ A vida roubarei ao impio Monstro.
„ São grandes, são terriveis quantos modos
„ De vingança ideei, porém vacillo
„ Na escolha do peor. „ Em quanto Progne
Falla assim, para a Mãi vem caminhando
Itys, o tenro Principe formoso.

A' Rainha, ao sentillo, ao vallo, occorre
Nova maneira de vingar a infamia,
E, vibrando-lhe os olhos assanhados,
„ Ah! Como ao Pai na fórma he semelhante! „
Disse, e não disse mais. Projecta, escolhe
Acto espantoso, e ferve em ira muda.

Comtudo, ao tempo em que o Menino amavel
A saúda com júbilo amoroso,
E os braciuhos gentis lhe altêa ao collo;
Quando o vê misturar beijos suaves
Com doces mimos, com pueris branduras,
Hum tanto se commove a Mãi raivosa,
E os olhos, sem querer, se lhe humedecem.
Porém do coração, que bate, e arqueja,
Já se desliza o mavioso affecto.
De novo á triste Irmãa volvendo os olhos',
E ora nella attentando, ora no filho,
„ Porque falla, e me attrahe com mil caricias
„ Hum (diz Progne) e jaz muda, e chora a outra!

„ Es-

„ Este, oh Ceos! Livremente a Mãi nomêa;
„ E aquella nomear a Irmãa não póde!
„ Olha, vê com que Esposo estás ligada,
„ Filha de Pandion! Tu degenerás:
„ Com Terêo a piedade he crime horrendo.

Não continúa, e subito, á maneira
D'um Tigre da Gangética espessura,
Que por bosques opácos arrastada
Da veloz Corça leva a tenra cria;
Progne as mãos arremessa ao delicado,
Ao candido filhinho, e vai com elle,
E com a Irmãa cerra-se em huma estancia.

Alli ao Infeliz, que já conhece
Os negros Fados seus, que ah mãos levanta,
Que treme, que prantêa, e que se abraça
Ao seu querido Algôz „ Mãi! Mãi! „ clamando,
Alli ao Infeliz no peito embebe
A vingativa Progne agudo ferro:
Nem torce o rosto, nem repete o golpe,
Que hum só golpe lhe rompe o debil fio.

Filomela o degolla, e dilacera
Os membros em que ha inda hum resto d'alma!
Já parte delles pula em éneos vasos,
Parte range em subtil, duro instrumento:
Vai pelo chão correndo o sangue em rios.

Das cruentas porções a fera Esposa
Prepara detestaveis iguarias.

Ao

Ao Marido infiel, que tudo ignora.
Hum sacrificio finge ao patrio modo;
No qual hum só Varão ter deve ingresso,
Servos, e Cortezãos assim remove.

Assoma já Terêo no Throno herdado,
E em alta, festival, purpúrea meza
Come parte de si, devora o filho:
Tanta cegueira lhe ennegrece a mente!
„ Itys aqui trazei (diz elle) eis Progne
Dissimular não póde o gosto infando,
E, resolvendo emfim manifestar-se,
„ Tens dentro (lhe responde) o que desejas „
Elle olha emtorno a si, pergunta: „ aonde? „
E de novo procura, e chama o filho.
Mas nisto Filomela, em sangue envôlta,
Olhos accezos, desgrenhada a trança,
Entra, e do filho á mádida cabeça
A's faces paternas subito arroja.

Não teve em tempo algum tanto desejo
De fallar, de poder com agras vozes
Patentear seu júbilo ao Tyranno.
Elle sólta hum clamor, que arrôa as salas,
Derriba a fatal meza; invoca as Furias,
E ora tenta expulsar com ancia horrenda
As tragadas, funestas iguarias,
Ora lagrimas verte, e de seu filho
Sepulcro miseravel se nomêa.
Emfim de Pandion persegue a Prole,
Brandindo o ferro nú com mão tremente.

O corpo das Cecrópidas (1) parece
Que em azas se equilibra, e não he sonho,
Em azas se equilibra, e muda a fórma.
Huma rápidamente aos bosques vôa,
Outra, igual na presteza, aos tectos sobe,
E do assassinio as máculas não perde:
Inda do rubro sangue desparzido
Evidentes sinaes lhe estão no peito.

Terêo, fóra de si, e arrebatado
Pela dor, pelas furias da Vingança,
Ave adeja tambem, que na cabeça
Traz erguido penacho, e tem por armas
Longo bico mordaz: seu nome he pôpa,

O Successo fatal, sabido apenas,
Despenhou Pandion na sepultura.

(1) Descendentes de Cécrope, primeiro Rei de Athenas.

A METAMORFOSE DE IO,

Extrahida do Liv. 1. das de Ovidio.

NOs fundos Lares Inaco escondido,
Altêa com seu pranto as aguas suas;
Io, a Filha gentil perdida chora:
Não sabe se está viva, ou se entre os Manes,
Mas porque não a encontra em parte alguma,
Em nenhuma do Globo a julga o Triste,
E o peor se lhe entolha ao pensamento.

Volver do patrio rio a vira Jove.
„ Virgem digna de Jupiter, guardada
„ Para felicitar (lhe disse o Nume)
„ No Thálamo suave hum Ente humano!
„ Procura as sombras dos fechados bosques,
(E aos bosques lhe apontou) „ a calma aperta,
„ Dos Ceos está no cume o Sol fervendo.
„ Se temes ir sósinha aonde ha Féras,
„ De hum Deos acompanhada irás segura,
„ Não de hum Deos inferior, porém daquelle
„ Que o Sceptro universal na mão sustenta,
„ E o raio irresistivel arremessa.
„ Não, não fujas de mim. (que ella fugia)

Já de Lerna as pastagens, e os frondosos

Ar-

Arvoredos, Lircêos Io passára:
Eis em nevoas o Deos sumindo a Terra,
Lhe prende os passos, e o pudor lhe usurpa:

Juno os olhos em tanto aos campos volve,
E estranha em claro dia haver tal nevoa,
Nevoa tão densa como os véos nocturnos,
Que das agoas não sahe, nem sahe das terras. (1)
Olha em torno de si, não vê o Esposo,
E suspeitosa, pelo haver colhido
Já vezes cento em amorosos furtos,
Não o achando nos Ceos, „ ou eu me engano,
„ Ou li me aggravão „ (diz) e, deslizada
Da ethérea Habitação, parou na Terra,
Onde o sombrio horror desfez n'um ponto

Mas o Consorte presentio-lhe a vinda,
E em candida Novilha por cautela
De Inaco a Prole transformado havia;
Que depois de Novilha inda he formosa.

Saturnia, a seu pezar, lhe dá louvores,
Pergunta de quem he, donde viera,
Pergunta a que manada emfim pertence,
(De estar longe do caso indicios dando)
Que a Terra a produzio; responde Jove,
Para não ser o Author mais inquirido;
Nisto Saturnia em dádiva lha pede.

O Amante que fará? Cruel, se entrega
Os seus Amores, se os não dá, suspeito;

O que Pejo aconselha, Amor impugna:
Vencido pelo Amor seria o Pejo;
Porém se a sua Irmãa, se a sua Esposa
Negar huma Novilha, hum dom tão leve,
Póde talvez não parecer Novilha.

Já na posse da Adúltera, não despe
A Deosa todavia o seu receio;
Teme a Jove, e do aggravo está mordida.
Argos, o filho de Arestor lhe occorre,
E quer que lha vigie, e delle a fia.

De Argos cinge a cabeça hum cento de olhos,
Olhos que dois a dois, o somno alternão:
Desvelados os mais, na preza cuidão.
Em quaesquer posições attento a guarda,
Volta-lhe as costas, e tem-lo á vista.
Permite-lhe pascer em quanto he dia,
Em trasmontando o Sol, vai ferrolhalla,
E hum laço injusto lhe tomêa o collo.

Folhas agrestes, amargosa relva
Morde, rumina a triste, em vez de leito
Dão-lhe nem sempre de erva o chão forrado;
Matão-lhe as sedes em corrente impura.
Súpplices braços estender quizera
Para o seu Guardador; mas que he dos braços?
Intenta dar hum ai, sólta hum mugido:
Treme do som, da sua voz se espanta.

Hum dia ás margens vai, onde brincava,

A's

A's margens paternaes, vê n'agoa as pontas,
E, medrosa de si, foge do rio.
Inaco ignora, as Náiades não sabem
Quão pertencente lhe és, gentil Novilha.
Ei-la os segue; ás Irmãas, ao Pai, que a admirão,
Não só deixa que a toquem, mas se offrece.
O Velho ervas lhe colhe, e chega aos beiços;
Ella lhe lambe as mãos, as mãos lhe beija:
Terno pranto lhe corre, e se podéra
Soccorro a desditosa invocaria,
Seu nome, os fados seus articulára;
Mas, com letras enfim suppriudo vozes,
Servindo-se do pé, na área exprime
O triste annúncio da mudada fórma.

„ Oh Pai desventurado! (Inaco exclama,
Abraçando a cerviz, pegado ás pontas
D'alva Bezerra, da chorosa Filha)
„ Oh Pai desventurado! (Elle repete)
E's tu, filha infeliz, tu, procurada
Tantas vezes por mim, e em tantas partes?
Antes que ver-te assim, nunca te víra,
Menor seria então minha amargura.
Ah malfadada! Responder não sabes,
Altos suspiros sós do peito arrancas,
Mugir á minha voz he quanto pódes;
Não prevendo teus Fados, eu outr'hora
O tóro nupcial te apercebia.
Duas bem ledas esperanças tive:
Primeira o Genro foi, segunda os Netos!
Esposo, e Filhos nas manadas brutas;

Que-

Querido meu penhor, terás agora.
Nem posso tanto mal findar co' a vida;
Empece-me o ser Deos: afferrolhadas,
Defesas para mim da Morte as portas,
Se estende a minha dor á Eternidade.„

O oculoso Pastor, que lhe ouve as mágoas,
Ao lamentavel Pai remove a Filha,
E vai apascental-la em outros campos.
Sentado, de alto monte á vê, e á todos.

Que ella sinta, porém, tão duros males
Não póde o Rei dos Deos soffrer mais tempo?
Chamando o Filho que de Maia houveta,
Lhe ordena, lhe commette a morte de Argos.

Mercurio logo aos pés segura as azas;
Toma a vara somnifera, o galéro;
E, ataviado assim, demanda a Terra.
Galéro alli depõe, depõe talares,
Sómente o Caduceo na mão conserva;
Leva-o como Pastor, que seu rebanho
Co' toque do cajado aos pastos guia,
E de capora flauta os sons diffunde.

Da nova, doce musica tentado,
Argos ao Numen diz: „Quem quer que sejas,
Comigo aqui, Pastor, sentar-te póde.
Sitio melhor não ha para o rebanho,
Nem para o Guardador, assim na sombra,
Como em fertilidade.„ O Deos se assenta,

E

E em razões varias, que profere, e escuta,
Vai-se-lhe o dia. Adormecer intenta
Com a avena os cem lumes veladores,
Porém repugna o Monstro aos molles somnos;
E bem que os acolheo parte dos olhos,
Parte delles vigia. Emfim, porque era
Da flauta à invenção recente ainda,
A Mercurio o Pastor pergunta como,
Por quem fôra inventada. A isto o Nume
Diz então: „ Nas Arcádicas montanhas
Teve nome entre as Nynfas Nonacrinas,
Foi entre as Hamadriadas o assombro
A Náiade Syrins, Syrins, a esquiva.
Aos Sátyros hirsutos se furtava,
E aos mais Deoses campestres que a seguião;
Honrava nos costumes, no exercicio,
E na flor virginal a Ortygia Deosa.
Em trage venatorio era Diana:
A semelhança os olhos enganára,
Se arcos diversos não tivessem ambas,
Syrins hum de marfim, Latónia hum de ouro,
E assim mesmo enganava. Ella, deixando
O sombrio Lycêo, de Pan foi vista,
De Pan, croado do pinheiro agudo, (2)
E o Deos fallou-lhe assim... narrar faltava
O que lhe disse o Deos; que accezas preces
A Nynfa repulsára, e que fugíra,
Perseguida por elle até as margens
Do sereno Ladon; que alli parando,
Pelo estorvo das ondas, deprecára
A's cerúleas Irmãas que a transformassem;

Fal-

Faltava referir, que em vez da Amada,
Crendo que já nas máos a tinha preza,
Pan sómente abraçou palustres canas;
Que em quanto suspirava, os ares nellas
Fizerão tenue som, quasi queixume;
Que n'arte nova, que na voz suave
Enlevando-se todo, o Deos dissera;
„ Taes colloquios sequer terei comtigo.
Que, ás canas desiguaes, com cêra unidas,
Dera seu nome a Nynfa. Hia Cylénio
Proseguir, eis que vê do somno oppressos
Os olhos todos. Subito emmudece,
Roça-os co'a vara, e lhe carrega o somno.
Rápido logo alcando o ferro curvo
No vacillante collo o golpe acerta:
Cahe a cabeça; espadanando o sangue,
O sangue em borbotões macúla o monte.

Argos, jazos, emfim; de todo extincta
A claridade está de tantos lumes:
Sombra eterna re occupa os olhos cento.
Saturnia lhos extrahe, na cauda os prende
D'Ave sua, (3) e com elles a abrilhanta.

Mas freme a Deosa, não retarda as iras;
Da Argólica Rival aos olhos, e alma
Expõe a vexadóra, horrenda Erinnys.
Seus crueis aguilhões lhe enterra, a Furia,
Por todo o Mundo a Prófuga persegue.

Nilo, ao trabalho immenso, á espavorida

Car-

Carreirã universal tu só restavas.
Tanto que imprime o pé nas margens tuas,
Sobre os joelhos cahe, e aos Ceos erguendo
O que erguer só lhe he dado, os olhos tristes,
Com prantos, e mugidos luctuosos
Parece que se está queixando a Jove,
E que dos males seus o fim lhe implora.

Elle, o collo abraçando á sacra Esposa,
Roga-lhe que remate a pena acerba.
„ Perde o temor, (lhe diz) crê que incentivo
Io não mais será de teus desgostos; „
E o protesto formal co' a Estyge abona.

Apenas se embrandece ao rôgo a Deosa,
Torna á mimosa Nynfa o gesto antigo,
Torna a ser de repente o que era d'antes.
Fogem do corpo as sedas, vão-se as pontas;
O orbe, a fórma ocular se lhe restringem,
Abbrevia-se a boca, os braços volvem,
Volvem-lhe as mãos tãbem, tambem as unhas; (4)
Já sómente em dois pés está sustida,
Da Novilha não tem senão a alvura.
Receando mugir, fallar não ousa,
E a desusada voz ensaia a medo.

Celebérrima Deosa, agora a honrão
Aras, e incensos dos Egypcios Povos.

NOTAS.

(1) As nevoas que a Deosa não via sahir das agoas, erão as que costumavão resultar do impeto, com que o Penêo, rio de Thessalia, rebentava, e vinha do monte Pindo. *Ovid. Metam. Liv. II.*

(2) Este verso menos litteralmente póde ser assim:

Pan, que de Pinho agudo á fronte enrama.

(3) He o pavão.

(4) Este he quasi o unico verso que não verti litteralmente. Ovidio, segundo o seu gosto de circumstanciar miudamente as cousas, (o que ás vezes passa a defeito neste grande Poeta) diz que o casco dos pés da novilha se desfez em cinco unhas; mas isto que em Latim não era humilde, em Portuguez até seria insupportavel, &c.

CINYRAS, E MYRRHA,

Metamorfóse, extrahida das de Ovidio, Liv. 10.

Do Crime os quadros a Virtude apurão,
Esmalta-se a Moral no horror ao Crime.
O Traductor.

Cinyras, hum dos Reis da equórea Chypre,
Poderá numerar-se entre os ditosos,
Se Próle não tivesse. Eu determino
Cantar cousas terriveis: longe, ó Filhas,
Longe, ó Pais: e se acaso as mentes vossas
Ficarem de meus versos attrahidas,
Não julgueis verdadeiro o que me ouvirdes;
Oú, crendo o caso atroz, crêde o castigo:
Se permitte, comtudo, a Natureza
Que tão negros horrores a enxovalhem.

Feliz a Ismária (1) Gente, o Mundo nosso,
Que jaz distante do brutal, do indigno
Paiz onde nasceo paixão nefanda!
Embora seja fertil, seja rica
De mil perfumes a Panchaica terra,
Tenha alta fama em arvores, em flores,
Dê costo redolente, e grato amomo,

Nella cheiroso incenso os troncos sáem;
Que a myrrha que produz a faz odiosa:
Não vale o que ha custado a nova planta.

Nega o Filho de Venus que em teu peito
Seus lustrosos farpões cravasse, ó Myrrha,
Vinga seu facho da supposta infamia.
Com o estygio tição, e inchadas cobras
Vibrou lethal vapor sobre a tua alma
Huma das tres Irmãas. Ao Pai ter odio
Se he gravissimo crime, he crime horrendo
Amallo como tu. Por ti suspirão,
Ardem por ti mil Principes famosos;
Mil brilhantes mancebos do Oriente
Contendem pela gloria de gozar-te:
Hum de tantos Heróes escolhe, ó Myrrha,
Mas não seja o que tens no pensamento.

Em criminoso amor ella se inflamma,
A criminoso amor ella repugna,
E diz comsigo: „ onde me leva a mente!
Que espero, que imagino! Eternos Deoses!
Santa Religião! Santos deveres!
Direitos paternaes! Tolhei-me o crime,
Refreai meu furor, minha maldade;
Se comtudo he maldade o que em mim sinto.
Tão doce propensão porque a reprovão!
Os livres animaes amão sem culpa,
Sem culpa gozão, e a união do sangue
Mais suave união lhes não prohibe.
Felices animaes, feliz destino!

Creon

Creou penosas leis o Orgulho humano,
Negando o que permitte a Natureza.
He constante porém, que existem Povos,
Que ha Gentes entre as quaes a Mãi ao Filho, (2)
A Filha se une ao Pai, e as leis do sangue
Com duplicado amor se arreigão a'alma.
Oh! Misera de mim! Porque não tive
A dita de nascer naquelles Climas?
Minha Patria he meu mal... que idéas nutro!
Vedadas, importunas Esperanças;
Ah! Ide-vos: o Pai de amor he digno,
Mas sómente de amor que aos Pais se deve.
Se filha de Cinyras eu não fosse,
Poderia de outro modo amar Cinyras;
He meu como o Ceo quer, não como eu quero,
Aparta-nos fatal proximidade:
Se não fôra o que sou, feliz seria.

A remoto Paiz correr desejo,
Fugindo á Patria por fugir ao crime;
Mas o nocivo Amor detem meus passos;
Quer que veja Cinyras, que lhe falle,
Que o beije, se aspirar a mais não posso...
E mais, oh impia, a cobiçarte atreves!
Não vês que nomes, que razões confundes!
Rival da Mãi serás! Irmãa do Filho!
Mãi do Irmão! Não recêas, não te atterrão
As negras Furias, de vipérea grenha,
Que os olhos dos Perversos horrorizão,
Que ás Almas corrompidas se arremessão,
Brandindo o facho de sulfúrea chamma!

Pu-

Pura no corpo, no animo sê pura;
Não profanes, oh cega, não profanes
Da Natureza o vinculo sagrado.
Suppõe que affecto igual no Pai fervia,
Suppõe que era comtigo o que és com elle:
Alta Virtude lhe opprimira o gosto,
Sacrosanto dever a amor obstára...
Mas se o que sente a Filha o Pai sentiste,
Que importára o dever? Calou-se, e em tanto
Cinyras, a quem traz irresoluto
A turba dos excelsos Pertensores,
Para emfim decidir consulta a Filha;
Hum a hum lhos nomêa, e della inquire
Qual delles mais lhe apraz, que esposo elege.
Em silencio, no Pai, fitando os olhos,
Até a triste, e lhe luz na face o pranto.
De virgineo temor. Crê isto effeito
O illudido Cinyras; que não chore
A' Filha pede, as lagrimas lhe enxuga,
E une a ternas palavras ternos beijos.
Myrrha folga com elles, e obrigada
Do Pai que lhe insta, que outra vez pergunta
Qual dos amantes quer? „ Hum (lhe diz ella)
Hum queto igual a ti. Louva Cinyras,
A resposta sagaz, que não penetra.
„ Tão pios sentimentos nutre, oh Filha,
Conserva essa virtude. „ (O Rei lhe torna)
A' palavra virtude abaixa os olhos
A misera, por ver que a desmerece.

Era alta noite: os corpos, e os cuidados

Em

Em suave prisão liára o somno;
Mas a Cinyrea Virgem desvelada,
Da indómita paixão curtia as furias,
Louca, fóra de si. Já desespera,
Já quer tentar abominosa empreza:
Pejo, remorso, amor lhe lutão n'alma;
Não sabe o que fará. Qual tronco ingente
Em que abrio fenda o rustico instrumento,
Agora rende a hum lado, agora ao outro,
Por toda a parte ameaçando a queda:
Assim de impulsos varios combatido,
Vacillá o coração da acceza Virgem;
Anda de sentimento em sentimento,
E asylo contra Amor só vê na Morte.
A Morte emfim lhe agrada, e quer, e ordena
Perder n'um laço urgente a vida acerba.
Em alta, longa trave o cinto prende,
E diz com surda voz: „ a Deos, Cinyras,
Do meu trágico fim percebe a causa. „
Nisto accommoda o laço ao niveo collo.
Mas o murmúreo das sentidas vozes
Vai aos ouvidos da fiel Matrona,
Que aos peitos a crecu, que a serve, e guarda,
Repousando no próximo aposento.

Surge, corre, abre as portas, vê pendente
O instrumento da morte, e sólta hum grito;
Magôa o peito, as faces, e, lançando
As mãos ao duro laço, o tira, o rompe,
Em pranto se desfaz, abraça a triste,
Da desesperação lhe inquire a causa.

Mu-

quem he o amante? A industria minha
om que teu Pai nunca o suspeite „
súbito furor lhe sahe dos braços
osa Donzella, e sobre o leito
es apertando, eis diz: „ ah! Foge,
Deixa-me, cruel, poupa-me o pejo,
-me, ou cessa de indagar meus males:
intentas saber he crime horrendo. „
osa Matrona, ouvindo-a, treme;
os, co' a idade, e co' temor convulsas;
a, aos pés lhe cahe, e ora com mimos
om ameaços quer vencêlla.
a-lhe, se emfim lhe não descobre
ivel segredo, hir accusalla,
eclarar ao Pai tudo o que vira;
a-lhe tambem que, se a contenta,
ajudar-lhe os tácitos amores.
a cabeça á misera Donzella,
grimas lhe inunda o seio anhoso;
ezes quer fallar, fallar não póde,
lacrimoso aspecto envergonhado
co' as lindas mãos, até que exclama:
h feliz minha Mãi com tal Consorte! „
não disse, e gemeo. Súbito á Velha
frigido tremor penetra os membros,
arnes, os cabellos arripia.
entende o terrifico mysterio,
er com mil conselhos ver se applaca
estavel chamma incestuosa.
nenhum lhe aproveita a Virgem sabe,

Sabe que morrerá, se o fim não logra
Dos activos, freneticos desejos.

* Vive: (lhe torna a frágil Conselheira)
Em breve gozarás de teu... não ousa
Dizer Pai, e com sacro juramento
Sellou no mesmo instante ímpia promessa.

As Festas annuaes da flava Céres
Então as Mães piedosas celebravão;
Com roupas côr de neve então cobertas,
Davão louras primicias das searas
A' Deosa tutelar; urdião crôas
Das proveitosas messes, e se abstinhão
Do tacto varonil por nove noites:
De Amor lhe era o prazer então defeso.

Do Páphio Rei a Esposa ás mais se aggrega,
E com ellas exerce o Rito augusto,
No tóro conjugal só jaz Cinyras:
Eis a Velha subtil vai ter com elle,
Que perturbado está de Cyprio réctar,
E de huma illustre Virgem lhe declara
Verdadeira paixão com falso nome.
Louva-lhe as faces, louva-lhe os cabellos,
Louvà-lhe os olhos, tudo o mais lhe louva,
Delle exigindo consentir que expire
O virginal pudor na escuridade.
Os annos da Donzella o Rei pergunta;
„ He (lhe torna a sagaz) igual a Myrrha. „
Ordenão-lhe que súbito a conduza;

Vol-

Volve ao seu aposento a Seductôra,
E á Virgem diz: „ alegra-te, Princeza,
Vencemos. „ Não sentio a malfadada
Gosto completo, o coração preságo
Não sei que lhe annuncia; inda assim folga:
Tanto em discordia traz os pensamentos!

Era o tempo em que reina alto silencio;
Na immensa Esféra o gélido Bootes
Entre os frios Triões volvia o carro.
A Donzella infeliz caminha ao crime:
Envolvem densos véos a eburnea Lua,
Negro, térreo vapor enluta os astros,
Dos claros lumes seus carece a Noite.
Icaro, tu primeiro o rosto escondes,
E Erígone piedosa, a prole tua,
Do filial amor sagrado exemplo.
Tres vezes a miscrima tropeça:
Como que o Ceo lhe diz que retroceda;
Tres vezes sólta ao ar agouro infausto
No lúgubre clamor funóreo môcho:
Ella, comtudo, não suspende o passo;
A muda escuridão minora o pejo.
Leva a sinistra mão na mão rugosa
Da tôrpe, abominavel Conductôra,
E vai co' á dextra tenteando as trévas.

Da estancia paternal já chega á porta;
Abrem-lha já, já entra: os pés fraquêão,
Foge a côr, foge o sangue, e cahe o alento:
Quanto da atrocidade está mais perto,

Tan-

Tanto mais se horroriza, e se arrepende;
E deseja voltar desconhecida.
A infame Confidente a vai puxando;
Do Rei com ella ao thálamo se encosta,
E diz-lhe: „o que eu conduzo he teu, recebe-o.„

Eis no thálamo o Pai recebe a Prole,
E, sequindo-a tremer, quer dissipar-lhe
Com mil caricias o virgíneo medo.
Pela idade, talvez, lhe chama Filha,
E ella chama-lhe Pai. (ao negro crime
Nem taes nomes faltárão) Dentre os braços
Do incestuoso Amante emfim se aparta
Myrrha, levando em si da culpa o fructo.
Coube á noite seguinte o mesmo opprobrio,
E outras mais deste horror manchadas fôrão.

Finalmente Cinyras, cobiçoso
De ver o objecto que entre sombras goza,
Com repentina luz, que tinha occulta,
Encara, e reconhece o crime, e a Filha.
O excesso da paixão lhe embarga as vozes;
Colerico se arroja ao duro ferro.
Foge Myrrha, e da morte a noite a salva,
Foge Myrrha infeliz, discorre os campos,
Sahe da Arabia Palmífera, e Panchéa.

Nove Luas vagár sem tino a vírão,
Té que no chão Sabêo parou cançada.
Já do Fructo recôndito, e molesto

Apo-

Apenas sustentar podia o pezo.
Sem saber o que faça, o que deseje,
Temendo a morte, abborrecendo a vida,
Dest' arte implora o Ceo: „ Numes Oh Numes!
Se ante vós aproveita ao Delinquente
Confessar seus delictos, eu confesso
Que o meu crime he crédor d'alto castigo,
E á pena que mereço eu me conformo.
Mas porque nem vivendo affronte os vivos,
Oh Deoses, nem morrendo affronte os mortos,
Mudando a minha essencia, a minha fórma,
A morte me negai, negai-me a vida „

Taes preces algum Deos lhe ouvio propicio:
Eis, abrindo-se a Terra, os pés lhe sorve,
E em subita raiz ao chão se afferrão,
Alicerce tenaz do tronco altivo.
Os ossos ganhão forças mais que humanas,
Em succos vegetaes se torna o sangue,
Os braços, que ergue ao Ceo, mudão-se em ramos,
Os dedos em raminhos se convertem,
E a lisa pelle em desigual cortiça.
Crescendo a planta, já lhe cinge o peito,
Já vai cobrindo o collo: esta demora
Não soffreo a Infeliz, curvou-se hum tanto,
E o semblante gentil sumio no tronco.

Bem que despisse a antiga intelligencia,
Chora comtudo, e d'arvore sensivel
Tépidas gotas inda estão manando.

Co'

Pura no corpo, no animo sê pura;
Não profanes, oh cega, não profanes
Da Natureza o vinculo sagrado.
Suppõe que affecto igual no Pai fervia,
Suppõe que era comtigo o que és com elle:
Alta Virtude lhe opprimira o gosto,
Sacrosanto dever a amor obstára...
Mas se o que sente a Filha o Pai sentiste,
Que importára o dever? Calou-se, e em tanto
Cinyras, a quem traz irresoluto
A turba dos excelsos Pertensores,
Para emfim decidir consulta a Filha;
Hum a hum lhos nomêa, e della inquire
Qual delles mais lhe apraz, que esposo elege.
Em silencio, no Pai, fitando os olhos,
Atde a triste, e lhe luz na face o pranto.
De virgíneo temor crê isto effeito
O illudido Cinyras; que não chore
A' Filha pede, as lagrimas lhe enxuga,
E une a ternas palavras temos beijos.
Myrrha folga com elles, e obrigada
Do Pai que lhe insta, que outra vez pergunta
Qual dos amantes quer, hum (lhe diz ella)
Hum quero igual a ti. Louva Cinyras
A resposta sagaz, que não penetra.
„ Tão pios sentimentos nutre, oh Filha,
Conserva essa virtude. „ (o Rei lhe torna)
A' palavra virtude abaixa os olhos
A misera, por ver que a desmerece.

Era alta noite: os corpos, e os cuidados

Em

Em suave prisão liára o somno;
Mas a Cinyrea Virgem desvelada,
Da indómita paixão curtia as furias,
Louca, fóra de si. Já desespera,
Já quer tentar abominosa empreza:
Pejo, remorso, amor lhe lutão n'alma;
Não sabe o que fará. Qual tronco ingente
Em que abrio fenda o rustico instrumento,
Agora pende a hum lado, agora ao outro,
Por toda a parte ameaçando a queda:
Assim de impulsos varios combatido,
Vacilla o coração da acceza Virgem;
Anda de sentimento em sentimento,
E asylo contra Amor só vê na Morte.
A Morte emfim lhe agrada, e quer, e ordena,
Perder n'um laço urgente a vida acerba.
Em alta, longa trave o cinto prende,
E diz com surda voz: „ a Deos, Cinyras,
Do meu trágico fim percebe a causa. „
Nisto accommoda o laço ao niveo collo.
Mas o murmúreo das sentidas vozes
Vai aos ouvidos da fiel Matrona,
Que aos peitos a crecu, que a serve, e guarda,
Repousando no próximo aposento.

Surge, corre, abre as portas, vê pendente
O instrumento da morte, e sólta hum grito;
Magôa o peito, as faces, e, lançando
As mãos ao duro laço, o tira, o rompe,
Em pranto se desfaz, abraça a triste,
Da desesperação lhe inquire a causa.

Mas

A rímida Orithya envolve, abraça
Co' as fulvas pennas, e remonta o vôo:

Em quanto adeja rápido com ella,
As flammas agitadas mais se atêão,
E na aérea carreira impetuosa
O activo Roubador se não reprime
Até que pousa nos Sithónios muros:

Alli a Actéa, singular Princeza
Esposa foi do aligero Tyranno,
E Mái dos Gêmeos inclytos que abrírão
Não vistos mares no Baixel primeiro.

ATLANTE CONVERTIDO EM MONTE.

Livro IV. das Metamorfóses de Ovidio.

TRazendo o espólio do vipéreo Monstro, (1)
E equilibrado em azas estridentes,
Prezas aos leves péso, vagava os ares
O Argólico Persêo, Prole do Nume
Que a Dânae seduzíra em aurea chuva.

Sobre as crestantes, Libycas arêas
Pendente o Vencedor, cahírão nellas
Da Gorgónea cerviz sanguineas gotas,

E bebendo-as a Terra as faz serpentes:
Desde então de serpentes Libya abunda.

Logo, agitado por discordes ventos,
Para aqui, para alli, qual gyra a nuvem,
Descobre o Moço errante ao longe as terras,
E sobre o vasto Glóbo anda voando.

As Ursas boreaes vio já tres vezes,
E já tres vezes vio do Cancro os braços;
Mil ao Occaso foi, mil ao Nascente,
Pela aérea violencia despedido.

Emfim, próximo á noite, e receando
Persêo fiar-se della, o vôo abate
Na Hespéria Região, Reinos de Atlante.
O Heróe pede ao Monarca hum breve asylo,
Té que Fósforo esperte a luz d' Aurora,
E Aurora o carro de ouro ao Sol prepare.

Superior na estatura aos Homens todos
Era o Filho de Jápeto, era Atlante.
Deo leis na Terra extrema, e leis nos Mares
Onde os lassos Frisões mergulha Fébo.
Alli manadas mil do Rei Gigante,
Mil rebanhos alli pascendo erravão,
E ao seu não confrontava estranho Imperio.
Tinha hum vergel com arvore lustrosa:
As folhas então de ouro, e de ouro os ramos,
Aureos os pomos que pendião delles.

„ Grão Rei, (Persêo lhe diz) se amas a gloria
„ D'alta Estirpe, o meu ser provém de Jove;
„ E se és admirador d'acções famosas,
„ Hão de maravilhar-te as acções minhas.
„ Rogo-te a graça de nocturno hospicio.

Mas de Oráculo antigo o Rei se lembra,
A Thémis no Parnaso ouvio outr'ora:
„ Ha de vir tempo, Atlante, em que dos fructos
„ A arvore tua despojada fique:
„ Filho o seu Roubador será de Jove.

Receoso do furto, havia Atlante
Torneado o pomar com rijos muros,
E horroroso Dragão lhe pôz de véla:
A Forasteiro algum nos seus Dominios
Guarida não concede, expulsa todos,
E a este diz tambem: „ vai para longe,
„ Se não quetes de ti ver longe a gloria
„ Dos mentirosos feitos, se não queres
„ Longe, mais longe ainda o Pai que ostentas. „
E, ajuntando a violencia aos ameaços,
Intenta sepellir além das portas
Persêo, que lhe resiste, e substitue
Palavras fortes a palavras brandas.

Nas forças inferior se reconhece:
Quem podia igualar de Atlante as forças?
„ Já que a minha amizade em pouco estimas, „
(Diz o affrontado Heróe) „ recebe o premio. „

Nis-

Nisto co' a mão sinistra, e desviando
Primeiro os olhos para a parte adversa,
Lhe mostra de Medusa a face horrenda.

Eis feito o enorme Atlante hum monte enorme:
Barbas, melenas se lhe tornão selvas;
São recostos da serra as mãos, e os braços,
O que já foi cabeça agora he cume,
Dos ossos os penedos se formárão.

Para todas as partes se dilata;
Crescendo mais, e mais, altura immensa
Torna emfim: (vós, oh Numes, o ordenastes)
Todo o pezo dos Ceos descança nelle.

(1) Medusa, a Górgona; os seus cabellos erão serpentes, e o seu rosto convertia em pedra os que o olhavão.

O ROUBO DE EUROPA POR JUPITER.

Livro II. das Metamorfóses de Ovidio.

O Grão Jove no Ceo Mercurio chama,
E sem lhe declarar o amor que o fere,
„ Vai, Ministro fiel dos meus Decretos,
„ Vai, Filho meu, co' a sólita presteza;
„ Desce á Terra (lhe diz) donde se avista
„ Tua Mai reluzindo (1) á destra parte,
„ E que os seus Naturaes Sidón nomeão.
„ O armentio real, que ao longe a relva
„ No monte anda a pascer, dirige á praia.

Disse, e já da montanha o gado expulso
Caminha á fresca praia, onde costuma
A do Sidónio Rei mimosa Filha
Esparecer, folgar co' as Tyrias Virgens.

A magestade, e amor não bem se ajustão,
Jámais o mesmo peito os accommoda.
Do Sceptro a gravidade emfim depondo
O Pai e o Rei dos Deoses, Jove, aquelle
Que armada tem do raio a sacra dextra,
E que ao mínimo aceno abala o Mundo,
~~Veste forma taurina~~, entre as manadas
Muge, e piza formoso as brandas ervas.

He côr da neve que nem pés calcárão,
Nem co' as azas desfez o Sul chuvoso;
Altêa airosamente o móbil collo;
Das espádoas lhe pende, e bambalêa
A candida barbella, as breves pontas
D' industriosa mão lavor parecem,
Ganhão no lustre á pérola mais pura.
Não tem pezado cenho, olhar terrivel,
Antes benigna paz lhe alegra a fronte.

A Filha de Agenor admira o Touro,
Estranha ser tão bello, e ser tão manso.
Ao principio, inda assim, teme tocar-lhe;
Vai-se depois avisinhando a elle,
E as flores, que apanhou, lhe applica aos beiços.

Ei-lo já pela relva salta, e brinca,
Já põe na fulva arêa o níveo lado.
A Virgem pouco a pouco o medo extingue,
E agora offrece brandamente o peito,
Só para que lho affague a mão formosa,
Agora as pontas, que a real Donzella
De recentes boninas lhe engrinalda.

Ella, emfim, que não sabe a que se atreve,
Ousa nas alvas costas assentar-se.

De espaço á beira mar descendo o Nume,
Põe mentiroso pé n'agoa primeira,
Vai depois mais avante, emfim nadando,
Leva a Preza gentil por entre as ondas.

Ella de olhos na praia, ella medrosa,
Segura huma das mãos n'uma das pontas,
Sobre o dórso agitado a outra encosta:
Enfuna o vento as sussurrantes vestes.

Despida finalmente a falsa imagem,
Eis apparece o Deos, eis brilha Jove;
* E em teus bosques, oh Creta, Amor triunfa.

---

(1) Maia, huma das Pleiades.
* Este verso he meu.

CADMO, E HERMIONE.

Do Livro IV. das Metamorfoses de Ovidio.

DA serie dos teus males já vencido,
E de fataes, maléficos portentos,
Tu, Filho de Agenor, tu, triste Cadmo,
Sabes da Cidade que erigido havias,
Como se os Fados della, e não teus Fados
Te perseguissem lá. Depois de longos
Terrenos vagudar, parou na Illyria
Co' a prófuga Consorte. Alli, gravados
Da desgraça, e da idade, a estrella adversa

Me-

Memorando dos Seus, e discorrendo
Nos curtidos trabalhos, Cadmo exclama:

„ Ah! Sagrada talvez era a Serpente,
„ Que no bosque matei, quando expellido
„ De Sidonia me vi por lei paterna!
„ Sacro seria o Monstro, em cujos dentes
„ Pela terra espalhei semente infensa!
„ Pois se dos Numes o furor se apura
„ Tanto, e tanto em vingallo, imploro aos Numes
„ Que em comprida serpente me transformem.

Disse, e como serpente eis-que se alonga,
Eis na cútis nascer vê dura escama,
Cerúleas nodoas variar-lhe o corpo:
Na terra cahe de peitos: manso, e manso
Os membros se confundem que o sustinhão,
E em boliçosa cauda se affeiçôão.

Restão-lhe braços; braços que lhe restão.
Estende o Malfadado, e diz, banhando
De lagrimas a face, ainda humana:

„ Vem, doce, vem, misérrima Consorte,
„ Em quanto ainda em mim de mim vês parte;
„ A mão, em quanto he mão, recebe, aperta,
„ E em quanto não sou todo enorme serpe.

Queria proseguir, mas de improviso
A lingua se lhe fende, ei-lo com duas;
Falecem-lhe as palavras: quantas vezes

Se

Se intenta deplorar, tantas sibila?
Só lhe deixa esta voz a Natureza.

Co' a mão ferindo o peito, á Esposa clama:
„ Cadmo, espera; infeliz, despe esse monstro:
„ Q'he isto! Q'he dos hombros, q̃ he dos braços!
„ As mãos, os pés, e a côr, e o rosto, e tudo!
„ Porque, Poder do Céo, porque, Destinos,
„ Me não mudais tambem na fórma horrenda á

Diz, e elle da Consorte ás faces lambe,
E o (que ainda conhece) amado peito:
O collo, que lhe foi, que lhe he tão caro,
Cinge com mimo, e como póde abraça.

Todos os Companheiros, que o rodeão,
Atterrados estão, porém co' as linguas
Os lúbricos Dragões vão affagallos.
Que súbito são dois, e os juntos corpos
Fazendo hum só volume, e serpeando,
Se escondem pela próxima floresta.

Dos Homens todavia inda não fogem;
Não tem dente mordaz, não tem veneno;
Não fazem damno algum: tão que já foi
Os benignos Dragões inda se lembrão.

E'SACO, E HESPERIA.

Do Livro XI das Metamorfoses.

E'Saco, Irmão de Heitor, se não sentira
Na flor da bella idade estranhos Fados,
Grão nome entre os Heroes talvez tivesse,
E á fraterna igualasse a gloria sua,
Posto que fosse Heitor de Hécuba filho,
E E'saco de Alexirhoe, a qual he fama
Que a furto o produzio lá no Ida umbroso.

Aborrecendo a pompa das Cidades,
Remoto do paterno, insigne Paço,
Nos montes se escondia, amava os campos;
Illesos de ambição, mui raramente
No Correzão tumulto hia envolver-se.

O caracter, porem, bravio, agreste,
Inimigo de Amor, não tinha o Moço.

Hum dia ás patrias margens a formosa,
(1) Cebrena Hespéria vio do Sol aos raios
A livre trança de ouro estar secando,
Hespéria, á quem mil vezes entre os bosques

(1) De Cebrenia, parte da Tróada, na Asia

Já seguíra inflammado. Ao vêllo a Nynfa
Com tanta rapidez foge do Amante
Qual do lobo voraz medrosa corça,
Ou como a fluvial ádem ligeira
Foge ás unhas crueis, se he assaltada
Longe do lago pelo açor violento.

Corre o Troyano ardente após a Ingrata,
Persegue Amor veloz o veloz Medo:
Eis serpe occulta no caminho erroso
Volve á planta fugaz o curvo dente,
Nas vêas lhe introduz mortal peçonha,
Supprime a fuga, supprimindo a vida.

O misero Amador, de mágoa insano,
Abraça o lindo Corpo agonizante.
„ Eu me arrependo, (grita) eu me arrependo;
„ Nynfa, de te seguir, mas não previa
„ Este caso fatal, nem desejava
„ Victoria tão custosa, e tão funesta.
„ Dois forão, infeliz, os teus verdugos:
„ Deo a serpente o golpe, eu dei a causa,
„ E eu fôra inda peor que o seu veneno,
„ Se a morte minha não vingasse a tua. (1)

Disse, e do cume de cavada rocha
Ao pelago se dá, porém doída
Tethis o acolhe brandamente, e logo
Veste de plumas o nadante corpo,
Seu cobiçado fim negando ao Triste.

El-

Elle, raivoso de existir por força,
De ter com duros laços opprimida
Alma, que da prizão sahir deseja,
Menêa, assim que as sente, as azas novas,
Vôa, mas outra vez baixando ás ondas,
Se intenta submergir! vedáo-lhe as pennas.

Mais o Amante se enraiva, e teima, e torna
A sumir-se no mar: da morte a estrada
Tenta, retenta alli, seu fim, sem fructo.

Amor lhe gasta, lhe macêra as carnes;
O collo se lhe alonga, (2) o mar lhe agrada,
E dos mergulhos seus provém seu nome. (3)

(1) O texto diz: Não consolasse a tua.

(2) O original falla tambem nas longas pernas da ave, mas o vocabulo perna he baixo na nossa Poesia.

(3) O corvo marinho, ou mergulhão = *mergus.*

A GRUTA DO SOMNO.

Liv. XI. de Ovidio.

Junto aos Cimmérios, n'um cavado monte
Jaz huma Gruta, de ambito espaçoso,
Interna habitação do Somno ignavo.

Nos extremos do Ceo, do Ceo nos cumes
Nunca lhe póde o Sol mandár seus raios;
A Terra exhala rasteiras neyvas;
O crepúsculo incerto alli he dia,
Alli não chama pela Aurora o gallo;
Do lugar o silencio nunca rompem
Os sollicitos cães, os roucos patos,
Sagazes inda mais, mais presentidos.
Não fera, não rebanho alli se escutão,
Nem ramo algum que os Zéfyros embalem;
Nem alterados sons de voz humana:
O calado Socego alli reside.
De baixa, e rôta pedra sahe, comtudo,
Lagoa do Lethes pequenino arroio;
Que, por entre os mexidos, leves seixos
Com murmúreo suave escorregando,
Convida mollemente ao molle somno.
A' boca da sombria, ampla caverna,
Florecem mil fecundas dormideiras;
Innumeraveis ervas lá se criáo,

De

De cujo cume, oh Noite, extrahes os sonhos
Que húmida entornas pela Terra opáca.

Porta alguma não ha na estancia toda:
Volvendo-se, ranger, bater podera;
Ninguem vigia na fragosa entrada.

De évano hum alto leito está no meió,
E em negras plumas, que véo negro envolve,
Repousa o Deos co' a languida Indolencia.

Emtorno, varias fórmas imitando,
Jazem os Sonhos vãos: são tantos quantas
Na loura messe as trémulas espigas,
Quantas na selva umbrosa as móveis folhas,
E os gráos de arêa nas equóreas praias.

O Somno em tantos mil não tem Ministro
Mais destro que Morfêo, que melhor finja
O rosto, o modo, a voz, o traje, o passo,
A propria locução; porém sómente
Este afigura os Homens, outro em fera,
Em ave se converte, ou em serpente:
Icélon pelos Deoses he chamado,
Os Humanos Fobétor o nomtão.
Ha terceiro tambem de arte diversa:
He Fântasos, que em pedra, em terra, em onda
Em arvore, e no mais que não tem alma,
Súbito, e propriamente se transforma.

Hums atterrão de noite os Reis, e os Grandes;
Outros por entre o Povo errantes vôão.

Este Episodio da Metamorfóse de Ceyx, e Halcyone, não foi traduzido seguidamente; omitti a falla de Iris, e o effeito della, porque não pertendia verter senão a descripçaõ da Gruta do Somno, e dos seus Ministros.

A APOTHEOSIS DE ENEAS.

Livro XIV.

JA' do piedoso Enéas a virtude
Enternecêra os Deoses, extinguíra
Da propria Juno a malquerença idosa;
E, firme a herança do crescente Ascânio,
Repouso ao Pai cabia, era já tempo
De ir lograr-se dos Ceos o Heróe Troyano.

Venus por elle interessára os Numes,
E, de Jove abraçando o collo augusto:
„ Pai, nunca repugnante a meus desejos,
„ De teu amor (lhe diz) o extremo apura,
„ Clementissimo attende ás preces minhas.
„ Meu caro Enéas, que he por mim teu neto,
„ Grão de Nume inferior alcance ao menos,
„ De algum modo nos Ceos meu filho admitte.

„ Bem

„ Bem lhe basta huma vez entrar no Reino
„ Onde he tudo aversão, tristeza tudo,
„ E haver passado por estygias ondas.

Soou a approvação dos Deoses todos,
Nem Saturnia ficou de aspecto immovel,
Antes affavel annuio ao rôgo.

Então lhe disse o Pai: „ Sois dignos ambos
„ Tu, e teu Filho da celeste graça.
„ Cumpre o desejo emfim. „ Calou-se Jove.

Com vozes gratas a exultante Deosa
A mercê retribue, e, conduzida
Nas auras leves pelas níveas pombas,
Desce á margem Laurente, onde serpêa
O Numicio, de canas assombrado,
Levando ao mar visinho as vítreas agoas.

A linda Cytheréa ordena ao Rio
Que tudo o que he da Morte a Enéas lave,
E em silencio no mar depois esconda.

As ordens o Deos húmido executa;
Tudo quanto he mortal extrahe de Enéas,
E co' a pura corrente o volve puro:
A parte só que he optima lhe deixa.

Eis a amorosa Mãi o aromatiza,
Unge de oleo divino o corpo amado,
Honra-lhe os labios de ambrosía, e nêctar,

Deos

Deos o faz, que dos Povos de Quirino (1)
Indígete he chamado, e sóbe ás Aras.

(1) Deos do Paiz.

A APOTHEOSIS DE ROMULO, E HERSILIA.

Do mesmo Livro.

TAcio morrêra, [a] e Rómulo aos dois Povos [b]
Equilibrava as leis, quando Mavorte
Dos Mortaes, e Immortaes ao Rei supremo
(Deposto o morrião) fallou dest' arte:
„ O tempo he vindo, oh Pai (por quanto Roma
Em robusto alicerce está segura,
E hum só braço a modera) he vindo o tempo,
Em que alto galardão, promessa antiga
A mim, teu filho, a Rómulo, teu neto,
Crédor do grande premio, se effeitue,
E o destinado ao Ceo se roube á Terra.
No Concelho dos Deoses tu outr' hora
Me disseste, Senhor: (e o pio annuncio
Gravei no coração, gravei na mente)
Erguido aos Ceos por ti será teu filho:
Ratifica a palavra sacro-santa. „

Ao Guerreiro annuio o Omnipotente;
Os ares condensou de crácas nuvens,
No raio, no trovão pôz medo á Terra.

O impávido Gradivo, á luz, e estrondo,
Vê que he dado o sinal do rapto augusto,
E, firmado na lança, ao carro salta.
Brutos, oppressos de temão sanguento,
O sonoro flagello açoita, esperta.

Dirigindo-se o Deos por entre os ares,
Pára no Palatino, umbroso cume,
E ao Filho, que alli julga os seus Quirites,
Arrebata dalli co' a mão nervosa.

Nas auras se lhe vai quanto he da Morte,
Qual a plúmbea porção que sahe da funda
Seu reçumante humor perde voando.
Toma o Romano Heróe radiosa face,
Face mais digna da Morada eterna,
Tal como a que se vê na purpurada
Imagem de Quirino, Imagem sua.

Por morto o claro Esposo Hersilia chora:
Eis dos Ceos a Rainha ordena a Iris
Que baixe ao Mundo, e que á Viuva excelsa
Estas benignas vozes pronuncie:
„ Oh da Gente Sabina, e Lacia Gente
Honra primaria, singular Matrona,
Já digna Esposa d'um Varão sublime,
Do Deos Quirino agora Esposa digna!

Não chores, se, teu Inclyto Consorte
Morrendo estás por ver, segue-me os passos;
Comigo ao bosque vem, que lá overdeja
No cimo Quirinal, e assombra os Lares
Do Monarca Romano. „ Iris submissa
Pelo arco immenso de vistosas cores
Desce rápidamente: ei-la na Terra,
E o que ella a Junè ouvio lhe escuta Hersiliá.

„ Oh Deosa! (proferio a alta Matrona,
De pejo os olhos elevando apenas)
„ Qual dellas és não sei, mas sei que és Deosa:
Não cabe esse esplendor a hum Ente humano.
Guia, ah! Guia-me a ver o ausente Esposo:
Se olhallo inda huma vez me dais, oh Fados,
A presença dos Ceos terei na sua. „

Nisto ao Romúleo monte se encaminha,
E leda o sobe co'a Thaumantia Virgem.

Súbito, das estrellas despegado,
Vem direito á montanha ethéreo lume;
Os cabellos de Hersilia toca, inflamma,
E com ella após si revôa aos astros.

De Roma o Fundador nos Ceos a acolhe;
Muda-lhe o corpo antigo, o antigo nome,
Ora lhe chama, e de Quirino ao lado
Goza com elle dos Romanos cultos.

PO-

a Companheiro de Rómulo no Governo.
b Sabino, e Romano.

POLYDORO HE MORTO POR POLYMESTOR. POLYCENA HE SACRIFICADA NO SEPULCHRO DE ACHILLES.

Traducção do Sacrificio de Polycena, Princeza de Troya, e da Metamorfóse de Hécuba, sua Mãi, tudo extrahido do Liv. XIII. das de Ovidio.

LA' defronte da Frygia, onde foi Troya,
Jaz Terra pelos Thracios habitada;
Della Polymestor o Imperio tinha,
A quem furtivamente, oh Polydoro, (1)
Teu Pai te confiou, para educar-te
Longe da confusão, e horror da Guerra:
Arbitrio salutar, se ao Deshumano
Comtigo não mandasse aureos thesouros,
Premio do Crime, estímulo do Avaro.

Apenas cahe Dardania envôlta em cinzas,
O Bistónio Tyranno empunha hum ferro,
O crava na cerviz do tenro Alumno;
E, como se a traição sumir podéra
Co' miserrimo corpo assassinado,
Do cume de hum rochedo ao Pégo o lança.

(1) Filho de Priamo Rei de Troya.

Na Thracia fundeára o bravo Atrides,
Mar sereno esperando, e vento amigo:
Eis da Terra, espaçosamente rôta,
Tão grande Achilles sahe qual era em vida,
C'um ar ameaçador, co' mesmo aspecto
Que tinha quando horrivel quiz vingar-se,
E contra Agamemnôn brandio a espada.

„ Esquecidos de mim, partis, oh Gregos!
(A féra Sombra diz) Morreo comigo,
Comigo se enterrou minha memoria!
A idéa do que fui! Sêde mais gratos,
Sem honra não deixeis o meu sepulchro:
Polycena, por vós sacrificada,
De Achilles indignado applaque os Manes. „

Cala, e desapparece. Os Socios duros,
Ao terrivel Fantasma obedecendo,
Do regaço materno a Triste arrancão,
Da materna anciedade unico allivio.

Forte, e mais que Mulher, a infeliz Virgem
Ao túmulo funesto he conduzida,
Para victima ser da irada Sombra.

Co' a fantasia em si, depois que a chegão
Para as Aras, crueis, onde conhece
Que ao sacrificio bárbaro a destinão
E depois, vendo em pé, vendo a seu lado
Pyrrho co' ferro nú, e os olhos nella,
„ Hum sangue generoso eia derrama,

Der-

Derrama, (ao Impio diz) não te demores,
No peito, ou na garganta o ferro embebe.
(Nisto a garganta offrece, offrece o peito)
Polycena de escrava odêa o nome;
Deos nenhum com tal victima se abranda.
Mas quizera que a Mãi desamparada,
Mãi deploravel me ignorasse os Fados:
Só ella de morrer me encurta o gosto;
Bem que não minha morte, a vida sua
Ella deve carpir. Vós affastai-vos;
Meu rôgo he justo: do virgineo corpo
Tirai as mãos viris, não morra escrava:
A'quelle que intentais (qualquer que seja)
No sacrificio meu tornar benigno,
Ha de ser mais acceito hum sangue livre.
Se ha, com tudo, entre vós alguem, oh Gregos,
Piedoso a extremas súpplicas, a Prole
De Priamo, d'um Rei (não a Cativa)
Vos pede que entregueis, mas sem resgate,
O cadaver sanguento á Mãi chorosa.
Com lagrimas alcance, e não com ouro
O luctuoso jus de honrar-me as cinzas,
De lhes dar sepultura: em quanto pôde,
Com ouro a triste Mãi remia os Filhos.„

Disse, e o pranto, que intrepida sustinha,
O Povo não susteve: até chorando
O Ministro feroz lhe enterra a custo
Consagrado punhal no ebúrneo collo.

Eis o pé lhe fallece, ao chão baqueia,

E hum ar d'intrepidez mantem morrendo.
Ao cahir inda então se não descuida
De encobrir o que he lei ter-se encuberto,
Resguardando o decóro ao casto pejo.

As Troyanas, carpindo-se, a levantão,
De Priamo a Progenie alli recordão;
Quanto sangue vertêra huma familia,
Que em outr'ora chorárão. Chorão hoje
O teu Destino, oh Virgem, chorão hoje,
Regia, misera Esposa, o teu Destino;
Régia, misera Mãi! Nos tempos faustos
De Asia fecunda symbolo florente!
Agora inutil, desdenhado Espolio,
Que Ulysses vencedor não quereria,
Se o memorando Heitor á luz não deras!
Ó grão nome do Filho apenas serve
Para obter hum Senhor á Mãi anciosa,
Que, nos trementes braços estreitando
O corpo, falto já de alma tão forte,
As lagrimas que deo á Patria, aos Filhos,
E ao Consorte infeliz, dá hoje a esta.

A ferida co' as lagrimas lhe inunda,
Ternos beijos depõe nos labios frios,
E affaga o virginal, querido seio.
Revolvendo, empastando as cans no sangue,
Diz isto, ou mais, e o coração lhe estala:

HECUBA CHORA POLIGENA.

„ O Filha, ultima dor, (pois que me resta)
Ultima dor da Mãi! Sem vida jazes!
Golpe, que sinto em mim, vejo em teu peito!
Todos, todos os meus assim morrêrão.
Tambem ferida estás! Serás isenta
Do ferro, por Mulher, eu presumia,
E, Mulher, succumbiste ao ferro iniquo!
De teus Irmãos o Algoz foi teu verdugo;
O Mal, o Horror de Troya! O fero Achilles!

Quando ás frechas mortaes de Apollo, e Paris
O Barbaro cahio, eu disse: „ agora
Já que temer não ha do infesto Achilles „
E havia que temer: tornado em cinza,
Os restos do meu sangue inda persegue,
No túmulo o Tyranno he sempre o mesmo.
Para fartar-lhe a crua, a negra sanha
Fecunda fui. Dardania jaz por Terra,
Em catástrofe atroz findou seu fado;
Mas inda para mim Dardania existe,
Lavra da minha dor inda o progresso.

D'antes tantas grandezas possuindo,
Tantos Genros, e Filhos, Crôa, Esposo,
Hoje em desterro, na indigencia agora,
Do sepulchro dos meus desarraigada,

Sou

Sou quinhão de Penélope, que altiva
Ha de ás Matronas de Itacha mostrar-me
Curvada ás suas leis, dizendo: „ he esta
A Mái de Heitor, de Príamo a Consorte. „

Depois de tantas perdas tu, oh Filha,
Que do lucto materno eras allivio,
Sobre túmulo hostil verteste o sangue!
Dei-te o ser para victima de Achilles.
Porque vivo, ai de mim! Serei de ferro?
A que, rugosa idade aborrecida,
Me reservas no Mundo? Injustos Deoses,
Para que me guardais senão sómente
Para novos horrores, prantos novos!

Quem venturoso a Príamo julgára
Depois da, que deo Troya, horrivel queda!
Foi feliz em morrer, não te vio morta
Filha minha, e perdeo co' a vida o Throno.

Serão teus funeraes, oh Virgem régia,
Dignos do teu natal? Será teu corpo
Nos avitos sepulchros encerrado?
Não, já nos não compete esta fortuna:
Chôro, e tôsca porção de estranha terra
(Dadiva maternal) só te pertencem.
Perdemos tudo... ah! Não, resta-me hum Filho
Por quem supportarei mais tempo a vida,
Unico Filho agora, o que algum dia
Da estirpe varonil era o mais tenro,
E que ao Ismário Rei foi commettido

Nes-

Neste mesmo lugar?.. mas porque tardo,
Triste Filha, a levantar o peito, e rosto,
Do mortífero golpe ensanguentados?

HECUBA DA' COM O CADAVER DE POLYDORO: FRENETICA DE DESESPERAÇÃO, COMEÇA A ULULAR, E HE TRASFORMADA.

COm vagaroso pé caminha á praia,
Desgrenhados os candidos cabellos:
„ Uma me dai, Troyanas, (diz á triste)
„ Para as agoas colher de que preciso.„
Eis o corpo infeliz de Polydoro,
Lançado pelo mar, vê sobre a area,
E do Threicio ferro o golpe fundo.

As Troyanas exclamão: fica muda;
Ao peito a voz, e o pranto retrocedem;
Afflicção lhos devora: está qual pedra.
Já põe n'adversa terra olhos immóveis,
Já furibundo aspecto aos Ceos levanta;
Olha do Filho o rosto, olha a ferida,
Porém mais a ferida do que o rosto:
Com isto se arma de ira, e de fereza.

Requintada a paixão, dispõe vingar-se,

Dis-

Dispõe como se fosse inda Rainha,
E enleva-se na imagem da vingança.

Qual braveja a Leôa, a quem furtárão
Tenra prôle feroz, que inda criava,
E do seu Roubador, com ancia horrivel,
No rasto vai, tal Hécuba, envolvendo
Os frenesis, e o pranto, a dor, e a raiva,
Lembrada do que fôra, e não do que era,
Corre a Polymestor, ao réo do crime,
Hum colloquio lhe roga, e nelle affecta
Que lhe quer entregar thesouro occulto,
Para que chegue illeso ás mãos do Filho.

O Fraudulento a crê, e estimulado
Da fome de ouro, a segue a ermo sitio.
Astuto, em brando tom lhe diz: „ não tardes,
„ O thesouro me dá que ao Filho envias,
„ Quanto mes tens entregue, e me entregues
„ Que tudo elle possua aos Deoses juro.

De olhos sathudos Hécuba o contempla,
Ouvindo o vão protesto, arqueja de ira,
E subito, em soccorro as mais chamando,
Arremete ao Perjuro, ao Fementido,
Pelos olhos crueis lhe enterra os dedos,
(Dá-lhe força a raiva) e lhos arranca.
As mãos tenta embeber pelas feridas,
E, do pérfido sangue enxovalhada,
Lacéra mais, e mais: não ceva a furia
Nos olhos, (que os não ha) mas onde os houve.

As

As Gentes do Tyranno, embravecidas
Do cruento espectaculo, arremessão
A' vingadôra Mãi pedras, e lanças.
Rouco, irado murmúreo ella soltando,
Contra as pedras investe, e morde as pedras:
Os labios se lhe alongão de repente,
E ergue canina voz, fallar querendo.

Ao sabido lugar deo nome o caso:
Hécuba (ainda assim) por longos tempos
Teve dos males seus tenaz memoria,
Mosta ululando na Sithónia Plaga.

Os Gregos commoveo seu duro fado,
Dos Troyanos fieis dobrou a angustia,
Aos Deoses fez piedade, e a propria Juno;
Juno até confessou que Hécuba triste
Seu desastre fatal não merecêra.

O

O BOSQUE DE MARSELHA,

Descripção, tirada da Farsalia de Lucano, Livro III.

LA' junto de Marselha havia hum bosque,
Nunca dos longos Seculos violado.
Co' sagrada imperia os ares denegria,
Amedrontava o Sol co' as altas sombras.
Nymfas, Sylvanos, Pan, que rege as selvas,
Alli não tem poder, alli só reinão
Numes, que exigem barbaras offendas;
Aras crueis as Furias erigirão,
Roxêa-lhe tronco, e tronco o sangue humano.
Alli, se fé merece à Antiguidade,
Sobre os ramos forçar-se as aves temem,
Temem as feras acolher-se ás covas.
Não sôa o vento alli, nem bate o raio,
Nem folha alguma os zéfyros consente:
Hum mudo horror as arvores abrange.
De origens tôrpes negras agoas fervem;
Dos Deoses máos os simulacros feios
Carecem de arte, são informes troncos.
A mesta pallidez, que os vultos cobre,
A surda corrupção, que os vai roendo,
Nos absôrtos Mortaes terror infunde;
Receião Numes de apparencia estranha:
Tanto augmenta o pavor, tanto o requinta
Ignorar que Poder, que Deoses teme!

O Era

Fra geral rumor que alli se ouvião
Mugir as grutas, vacillando a terra,
Que o derrubado teixo alli sohia
Aos ares outra vez alçar a coma,
Até sem consumir-se arder o bosque,
E enroscados dragões silvar nas plantas.

Não dá proximo culto ás Aras tristes,
Nem o infesto lugar frequenta a Gente:
Espavorida o cede aos Deoses tôrvos.
Quando no ethéreo cume o Sol chammeja,
Ou quando a opáca Noite afêa o Polo,
Dos ritos feros o Ministro mesmo
Teme entranhar-se nas funestas sombras,
E o Senhor encontrar do bosque horrendo.

César ordena que derribe o ferro
As arvores, que, intactas d'outras guerras,
E entre altos montes nús encadeadas,
Do Romano arraial surgião perto.

Eis os Braços guerreiros estremecem,
Os fortes Corações eis enregela
Do Ermo escuro a terrivel magestade:
Crem que, se as sacras arvores ferirem,
Hão de os férreos, vibrados instrumentos
Voltar-se contra os Impios, que os menêem.

Julio, que do terror os vê tomados,
Rápido a hum delles a bipenne arranca;
Ergue-a, n'um tronco ingente a descarrega.

A'a

A's Cohortes se volve, assim lhes falla:
„ Porque nenhum de vós talhar duvide
„ A selva, onde pensais que habitão Deoses,
„ Crede-me, embora, o réo do sacrilegio. „

Diz, e a pávida Turma obediente,
Sem repellir o horror, succumbe ao mando:
Teme a ira dos Numes, e a de César,
Porém mais a de César, que a dos Numes.

Já nodosos carvalhos cahem por terra,
Cahem por terra os soberbos, duros olmos,
No chão baquêa o fúnebre cypreste,
Que a luctos não plebêos he consagrado.
Pela primeira vez, Dodóneo (1) bosque,
Depões a idosa rama, e já sem ella,
Sem sombra, que te ampare, o dia admittes.

Mas inda se mantem, cahindo, a selva
Com seus restos espessos Gállia geme,
Olhando o feito audaz; porém, reclusa
A crente Mocidade entre as muralhas;
Exulta: quem julgára que serião
Impunemente os Deoses affrontados!

Ex-

(1) Metatóricamente.

Extrahido da Jerusalem de Tasso, Cant. 9.

ENtre os Heróes Christãos, q̃ pelo esforço
Antes Jerusalem mais se affamárão
Na do feroz Soldão nocturna guerra,
Latino reluzio, nascido em Roma.
Dás lidas marciaes, da longa idade
Inda gastas as forças não sentia;
Com cinco Filhos, quasi iguaes, ao lado
Nas hórridas pelejas sempre andava.
Elles, antecipando ao tempo a fama,
De férreo pezo as frontes opprimião,
E os membros juvenís, inda crescentes:
Pelo paterno exemplo estimulados,
Amolavão no sangue o ferro, as iras.

„ Vamos (o Pai lhes diz) lá onde hum Impio
Co' a fuga dos Christãos se ensoberbece,
O horror, o estrago, as mortes, que fulmina,
Em vós o innato ardor não diminuão:
Hé gloria trivial, se a gloria, oh Filhos,
De algum passado trance não se adorna. „

Assim brava Leôa os filhos bravos,
A quem do collo a juba inda não desce,
A quem das mãos crueis, da horrenda boca
Inda as terriveis armas não crescêrão,
Leva comsigo ás prezas, aos combates,

E os vai com tôrvo exemplo encarniçando
No Caçador que os bosques lhe perturba,
E as féras menos fortes affugenta.

Seguem o Pai sublime os cinco Incautos,
O enorme Solimão salvão, cingem,
E n'um só ponto hum só arbitrio, e quasi
Hum espirito só, seis lanças vibra.
Mas, cegamente affoito, o de mais annos
Sacóde a sua ao chão, co' Turco cerra,
E tenta em vão co' a penetrante espada
Derribar-lhe sem vida o grão ginete.

Porém, qual monte exposto ás tempestades,
Qual monte sobranceiro ao mar que o fere,
Supporta, firme em si, trovões, e raios,
Os indignados Céos, ondas, e ventos:
Assim o audaz Soldão a altiva fronte
Tem fixa contra os ferros, contra as hastes,
E áquelle que o ginete lhe golpêa,
Entre as faces, e os olhos fende o rosto.

Aramante ao Irmão, que vai cahindo,
Piedoso estende o braço em que o sustenta:
Piedade louca, e váa, que ao damno alheio
Une trágicamente o proprio damno.
O Pagão contra o braço o ferro inclina,
E o que a elle se atêm com elle aterra:
Cahem ambos, hum sôbre outro desfalecem,
E misturão, morrendo, os ais, e o sangue.

Eis, de Sabino a lança espedaçando;
Com que o Moço gentil de longe o infesta,
Lhe arremessa o cavallo, e de arte o colhe,
Que por terra, tremendo, o deita, o piza.
Do delicado corpo adolescente
Sahe a alma à grande custo, e deixa triste
Da vida as auras plácidas, os dias
Ledos, e ornados de mimosa idade.

Vivos Pico, e Laurente inda restavão;
Com que hum só parto os Pais enriquecêra,
Par florecente, igual, que tantas vezes
Origem fôra de suave engano!
Mas se os fez Natureza indistinguiveis,
Já diffrentes os faz a hostil braveza:
Oh dura distincção! Em hum divide
Do busto o collo, ao outro o peito rasga.

O Pai, (ah já não Pai!) Ah Sorte injusta,
Que n'um ponto o privou de tantos Filhos!
A sua morte vê nas cinco mortes,
Na progenie infeliz, de todo extincta;
Nem sei como a velhice he tão constante,
Tão forte, e tão vivaz na extrema angustia,
Que inda respire, que peleje ainda!
Mas as tristes acções, as faces tristes
Não vio talvez dos moribundos Filhos,
E do acerbo espectáculo a seus olhos
Parte as amigas trévas encobrirão.

Comtudo, não perdendo a infausta vida,

Nada lhe era o vencer. Do proprio sangue
Pródigo freme, e sôffrego do alheio;
Nem se conhece bem qual mais deseja
Se morrer, se matar. „ Tão desprezivel,
„ Tão fraca he esta mão, (grita ao Contrario)
„ Que de tantos esforços nenhum póde
„ Contra mim provocar-te a negra sanha!
Cala, o golpe mortal despede ao Fero,
Que, rôto o rijo arnez, lhe rompe o lado,
E por larga abertura o sangue ferve.

Ao grito, ao golpe contra o Velho ancioso
O Bárbaro volveo a espada, as furias.
A loriga lhe abrio depois do escudo,
Que vezes sete duro couro envolve,
E o ferro lhe embebeo pelas entranhas.
Eis Latino infeliz soluça, expira,
E com vómito alterno ora lhe salta
O sangue da ferida, ora da boca.

Qual no Apenino vigorosa planta,
Que as iras desdenhou de Aquilo, e de Euro,
Se furão desusado emfim a arranca,
Com a queda emtorno as arvores derruba:
Tal cahe o Heróe, e o seu furor he tanto,
Que leva após de si mais d'um que afferra,
E de Homem tão feroz he fim bem digno
Fazer, até morrendo, altas ruinas.

GILDIPE, E EDUARDO,

Extrahido da Jerusalem de Tasso, Cant. 20.

O Ferido combate ardendo estava
Entre o Campo Christão, e o Campo Egypcio.
Nisto o bravo Soldáo co' a Morte, e as Furias
Corre, escumando, aos Bárbaros se aggrega,
Grão reforço lhes he, mas breve, inutil:
Parece horrendo, momentâneo raio,
Que repentino vem, que bate, e passa,
Porém que da veloz carreira infesta
Deixa vestigio eterno em rôtas penhas.
Cem Guerreiros, ou mais derriba o Turco:
Sequer entre milhões de extinctos nomes
A memoria de dois se roube ao Tempo.

Tristes Esposos, férvidos Amantes,
Eduardo, e Gildipe, os Fados vossos
Duros, acerbos, e os illustres feitos
(Se a meus Toscanos versos tanto he dado)
Sagrarei entre Espiritos famosos,
Porque a série dos Evos, quaes portentos
De virtude, e de amor, vos olhe, e aponte,
E algum terno Mortal com doce pranto
Honre os lamentos meus, e a vossa morte.

A generosa Dama, esporeando

O dócil Bruto audaz, lá se arremessa
Com o Esposo fiel por entre as Turbas;
Onde o feroz Pagão derrota os Francos:
Com golpe sobre golpe o colhe em cheio,
O escudo lhe desfaz, lhe rasga o lado.

O Cruel, que no trage a reconhece,
Diz com agro, colérico sorriso:
Oh! Eis o Rufião, e a Apaixonada.
„ Muito melhor te fôra agulha, e fuso
„ Que por defesa haver armas, e Amante.

Cala-se, e de furor todo abrazado,
Vibra estocada temeraria, e fera,
Que ousou, rompendo o arnez, entrar no peito,
Que dos golpes de Amor só era digno.
Súbito a Triste, abandonando o freio,
Indicios dá de quem desmaia, e morre:
Ai! Bem o observas, misero Eduardo,
Não lento Defensor, mas desditoso.

Que fará neste lance? Ira, piedade
A varias partes n'um só tempo o chamão:
Huma a suster seu Bem, que vai cahindo,
Outra a vingallo do hórrido Homicida.
Amor imparcial o persuade
A que a piedade escute, escute a ira:
Eis co' a sinistra mão sustem a Esposa,
E co' a raivosa dextra exerce o ferro.

Mas ah! Vontade, e força, divididas

Contra o duro Pagão bastar não podem;
Não mantem a Infeliz, nem o Verdugo
Do seu doce prazer conduz á morte;
Antes o ímpio Soldão lhe corta o braço,
Piedoso arrimo da Consorte amada:
Cahir a deixa o Misero, e comprime
Os membros della c'os seus proprios membros

Qual olmo, a que a vinosa, a fertil planta
Com abraço tenaz se enreda, e casa,
Se ferro o parte, ou raio o desarreiga,
Leva comsigo a terra a sócia vide:
Elle o verde atavio lhe desfólha,
Elle mesmo lhe piza as gratas uvas,
E como que lhe dóe mais que seu fado
O fim da amiga, que lhe morre ao lado.

Tal cahe o Amante, e só se dóe daquella
Que em companheira eterna o Ceo lhe outorga.
Querem, não podem proferir palavras,
Fórmão suspiros em lugar de vozes;
Hum olha ao outro, e por costume antigo
Hum com outro se abraça em quanto existe.
O dia n'um só ponto aos dois se apaga,
E as Almas juntas aos Elysios vôão.

A COLOMBIADA,

OU A

FE' LEVADA AO NOVO MUNDO,

Poema de Madame du Bocage.

EU canto o Genovez, de Urania Alumno,
Da Inveja, e dos Infernos perseguido,
O Nauta, que do Tejo foi tão longe
Desencantar os Indicos thesouros,
Que da Aurora ao Poente, o Mar domando,
Para a Fé conquistou Mundo ignorado.

Oh Mãi de Orfeo, (que pela voz de hum filho
Typhis, Iason no Pégo enfeitiçaste,)
Consente, para mais, á minha audacia
Que do Ismario Cantor imite os versos.
Se Bosques attrahio, Monstros, e Furias,
Homens enternecer meus sons não podem?
Musa, do sexo teu o Imperio estende,
Une á femínea voz a Lyra eterna,
Mostra aos Humanos que tambem no Pindo,
Assim como em Cythéra, os cantos nossos,
Caros aos Deoses, os Heróes affamão.

Do Solsticio do Inverno á flórea Quadra
Febo precipitava os turvos dias,
Desde que sobre os mares, vencedôra

Das

Das Procellas horrísonas, vagava
Longe do patrio seio a Frota Ibéra.
De Ilha em Ilha evitava estéreis climas
O próvido Colombo: a seus desejos
Ditoso, grato asylo emfim se offrece,
Mostrando a seu favor sorrir-se os Fados.
Este Heróe, nunca trémulo ante o prigo,
Na bonança acautela as tempestades.
Desce a Noite; elle teme infesto escolho,
E, até que a luz diurna o Polo aclare,
Congregando os baixeis áquem do porto,
Assim de seus Guerreiros falla aos Chefes:

„ Rivaes destes que o Bósforo vencêrão,
Compete a vosso ardor mais alto premio:
Os males nossos tem nos Ceos a palma.
Quem das avitas glorias dorme á sombra,
Perde na escuridade a luz da origem.
Nós que havemos tégora em prigos cento
Calejado a constancia, eia, surjamos
Nessa fronteira, incógnita enseada:
De Fernando os pendões alli se arvorem.
Dado que feros Povos nos insultem,
He nosso escudo o Ceo: proezas nossas,
Para estender seu culto, a vida igualem. „

Diz, e dest' arte lhe responde a Turba:
„ Claro Almirante! Affronta o Mar, o Inferno,
Que todos sem terror te seguiremos
Aos dois Polos do Mundo. Os annos vôão;
Mas da injuria dos Seculos vorazes

Na-

Nada tem que temer lustrosos feitos. „
Ferve a taes vozes o Soldado, espera
Novos Mundos ganhar, ver outra Colchos.

O nome dos Heróes que honrárão Grecia
Distinguia os baixeis. Hum Pinho annoso,
Filho robusto da hyperbórea Terra,
Vélas do Argos sustenta em aurea pôpa.
O prudente Mattheus, rival de Typhis,
Guia hum novo Jason, conduz Colombo.
O cauto Chefe, que a seus olhos sempre
Tem de Helena os Irmãos, sobre estes lenhos
Atear-se a discordia vio cem vezes.
Alli Julio encaminha illustre Cabo,
Mendes segue Pinzão; traidor Ximenes,
Tu reges Telamon. Busca-se Alcides,
Ah! Váamente: escarcéos e devorárão;
Torres, seu Director, já não existe.

Patria do meu Heróe, Genova illustre,
Fieschi, em ti nascido, a seus trabalhos,
A seus feitos magnanimos se aggrega;
Alba no Orfêo conduz, e Boile, o douto.
Este Sabio as estrellas não medita,
O iman, sujeito aos erros, não consulta:
Olha sómente o Ceo para implorallo,
E o Ceo por elle annue á santa empreza.

A gloria esquecerei, que haveis ganhado,
Invencivel Cortez, Pizarro affoito?
Ambos, hum no Calais, outro no Zétes,

Dos

Dos alados Heróes tomando o vôo?
Vós de Castella, e de Africa os ginetes
A' expedição levais. Morgan valente
Dogues no Hilas açama, exercitados
Em jogo marcial. Por Chefe o tratão
Hastins, Arcy, Murrai, Stanhope, e activos,
Para alongar seu nome, a Patria deixão.
O Neustrio Marcoussy, caro a Colombo,
O segue no Thesêo, que lhe he sujeito:
Boulainvilliers, Amboise, e Aidie, e Argennes,
A's suas leis submissos, lá florecem.
Triunfantes no Sena estes Guerreiros,
Tentão novas emprezas: sobre os mares
Quer o valor Francez dar pasmo ao Globo.
Pelêo, e Ajáx, na Andaluzia armados,
Pendem de Margarit, e de Garcia.

Vasos mais leves, de que escondo os nomes,
Emtorno do Almirante as ondas talhão.
Dos Chefes que perdêra o fim deplora,
Mas, applacando a mágoa nos que restão,
Sem temor voga ao porto, e junto delle,
Dos Pilotos á voz se ferra o pano.

Em tanto que a Esperança industriosa
Promette aos Hespanhóes mil bens, mil palmas,
Que Diana, esparzindo o raio incerto,
Nas agoas a folgar delfins convida,
Por ellas, onde brilha a sua imagem,
Manso, e manso os baixeis co' a terra emprôêo.
Mas Entes infernaes, da Grecia Deoses,

Que

Que tem na India altares, e outros nomes,
Oppõe-se ao Genovez, de quem se temem.

Para tràçar taes Monstros, Musa minha,
Restituir Cythéra a Venus podes,
Podes restituir o Olympo a Juno:
Satân em meus pincéis Plutão semelha,
E os Manes do Cocyto as ondas passão.

Boiá, Teules, Zemès, estygios Numes,
Que adora cego Povo, a Europa ignoro,
Ajuntão de seu Rei os estendartes.
No ruido de aspérrimas correntes
As tartáreas Falanges se annuncião;
Serpentes, que das ígneas restas brotão,
Os silvos fórmão lá, que em Lemnos se ouvem,
Quando n'agoa se extingue o ferro ardente.

Teules, que tem na Esfyge Eólio mando,
Leva aos pés de Satân o horror que inspira.
Nos seus olhos em braza he sangue o prante,
Tem de hum lado o terror, tem de outro a morte;
Das tormentas a chave á mão lhe he sceptro.
D'atra nuvem de enxofre, onde fluctuão
Mil cabeças medonhas, surge delle,
E o turbulento Inferno, á voz do Monstro,
Como as agoas do Lethes, se abonança:
Té no Perjuro, no Traidor, no Ingrato
O remorso emmudece alguns instantes.

„ Rei desta Região sombria, horrenda,

(Ve-

(Vozêa a Furia insana) onde aras tuas
Se perfumão de incensos, no Indio clima
Do Téjo os Filhos soffrerás que reinem?
De hũ Deos no outro Hemisferio ás Leis se adorão,
Nosso Inimigo eterno em parte o Globo
Attrahio com seus Dons: ah! Se Elle outr'ora
Cavou o immenso abysmo onde penamos,
Golpe fatal, que nos prepara, ao menos
Cuide-se em rebater. Por novo Mundo
Elle quer alongar suas Conquistas,
Elle quer transmittir-lhe as Leis, e Altares.
Que! Debaixo dos Seus os Templos nossos
A' Gloria sua servirão de base,
Gloria que se eternize em nosso estrago!
Sem defender teu jus, victorias cedes?
Pondera que hum Mortal, do Averno injúria,
Contra nós o Universo a armar se atreve.
O instructo Genovez, nos males firme,
Conhece o equóreo fundo, e mede os astros,
Conquista os corações, subjuga as almas.

De tão forte Guerreiro emprezas temo...
Trance me he duro elogiar Contrarios,
Mas o assustado orgulho ingénuo falla:
Vencido do pavor, se os riscos péza,
No interesse, e no prigo he só que attenta.
A Esquadra, que receio, o termo attinge
De alta intenção: meu unico regresso
He no centro das ondas sepultalla.

„ Entrega aos Furacões (Satân responde)

Es-

Esse Povo atrevido: os Elementos
Todos em damno seu se desenfrêem:
Derrama no Universo a raiva tua.
O Mar treme de ouvillo, e todo o Inferno;
Do embate de mil mãos faiscas saltão,
Como das rochas sahem que rompe o ferro,
Ou quaes costumão rebentar de corpos
Que inflamma o choque eléctrico. Eis o Abysmo
Ao mágico motim responde em ecos,
Como em crébros trovões o Ceo rebrama.

A passos gigantêos caminha Teules
A's horriveis abóbadas profundas,
Onde as Cohortes procellosas fremem.
Abre co' a ferrea chave as bronzeas portas,
Que, rápidas volvendo-se nos gonzos,
Por pouco o Monstro audaz não derrubárão.

Os subterrâneos Suis, que assaltão nuvens,
De cem respiradoiros arrebentão,
E o mar em monte, e monte aos Ceos altêão.
Que os Heróes lhe exprimente hũ Deos permitte
Ao negro Inferno. Súbito a bonança
Se converte em tormenta escura, enorme.
Gemem de susto as Alcyóneas aves;
Nas ondas os baixeis arrebatados
Como que vem dos Ceos no mar sumir-se.
Entre as torrentes, que derretem nuvens,
Mãos congela o terror, e as prende aos cabos;
Tudo estala, e, deixado o panno aos ventos,
Debalde implora os Nautas amarellos.

Tres

Tres vezes vio Mattheus luzir a Aurora
Desde que a Frota errante em mãos de Eólo
Foge da praia, a que aproou Colombo.
Arte falece em tanto mal; e os gritos
Co' estrépito das ondas misturados,
Vão rebombar no Pólo. O grande Chefe,
Colombo, cuja voz já não se escuta,
Nas preces do Pontifice encurvado,
Dest' arte, a bem commum, seu Deos invoca:

„ Creador, que, Presente em toda a parte,
Ares, terras, estrellas equilibras,
Tu, que, remindo hum Povo, abriste as vagas,
Pódes pôr freio ao mar c'um volver d'olhos.
Queres nossos baixeis sumir no abysmo?
Se o fim da grande empreza he malogrado,
Ai! Quem trará teu Nome a terra ignota?
Por ti, por ordem tua o prigo arrosto,
E quantos me ladêão. Sorte avêssa
A teu sabor, grão Deos, mudar-se póde:
Sómente o Favor teu nos punge, e alenta.
Terra nos dá, Senhor, que prometteste
A nossos males, ás fadigas nossas.

Todos applicão dolorosos prantos
Do Sacerdote á voz; do prigo o susto,
Principio de mil votos, enternece
O Numen bemfazejo. Em breve as ondas
A superficie alizão. Duros Ventos,
De Espirito celeste agrilhoados,
Outra vez, a tremer, entrão nas grutas.

Mal

Mal que os Nótos aos Zéfyros consentem
Reconduzir bonança aos amplos mares,
O Norte em nuvem franca offrece hum Astro,
Dos Navegantes esperança, e guia.
Este lume os consola, e qual descende
Sobre os mimos de Abril vapor suave,
E lhe ergue o tronco, e lhe reforça os fructos,
Dos ares o socego ás almas vôa,
E o que o medo abateo, o esforço eleva.

Colombo, que jámais provou receios,
Ao seu Typhis commette as rédeas do Argos;
Quer que a maior das Ursas deixe á dextra,
E, esperando a manhãa, vogue ao Poente.
O horizonte branquêa: o fulvo Apollo,
Occulto inda aos Mortaes em atrios de ouro,
No carro matinal roxêa os mares,
E manso dia azul promette aos Nautas.
O ar se esparze de aromas, quaes a Arabia
De Africa, e de Asia nos confins vapóra.
Porque farte o desejo aos Navegantes,
Este imprevisto bem de outro he seguido:
O Astro diurno aclara extensa Costa,
Que, vária, os olhos assaltêa, encanta.

Rochas de hum lado sobre o mar pendentes,
A industria imitão, sem favor da industria.
Por mão da Natureza affeiçoadas
Em monstros, em gigantes, o murmúreo
Gerão de vozes cento: alli parece
Os Povos deste Clima estarem juntos.

Equó-

Equóreo movimento, abrindo as penhas
Em hum, em outro assalto, entre ellas fórmão
O ríspido fragor que ás praias Eco
Traz sobre as plumas dos loquazes ventos.

O outro lado do porto, aos Nautas franco,
He flóreo, fructuoso anfitheatro;
De arêas de ouro se orla, onde agoas puras
De lindas conchas o atavio ostentão.
Mil Pescadores para encher canôas
Nas ondas a colheita em vão não buscão.

De férteis margens Habitantes ledos,
Que terror vos infunde a Esquadra nossa!
Pejadas redes d'entre as mãos vos fogem.
Em quanto, por ganhar vossa alma incerta,
Vos mostrão dons, que vos destina o Chefe,
Elle as vélas dirige ás praias vossas.
O prumo consultado abona o porto,
E, vogando sem custo a prôa ás margens,
Abre facil ingresso em fundo rio.

Verdes arbustos este asylo assombrão:
Arroios mil nas próximas collinas
Escorregando vem de pedra em pedra.
Arte em nossos jardins pintar costuma
Estes brincos gentis da Natureza:
Cá por cascatas humedece as ervas
Deslizada corrente. As amplas cheias
Valles diversos na carreira abrindo,
Fecundão campos, e accelerão fructos.

Bem

Bem que no mesmo gráo do Hisperio Clima,
Destes o Estio inférteis os não torna:
Dos lugares que em fábulas se enfeitão
Sois, oh Ilhas, que eu canto, imagem viva.

O Outono que a miudo as anuvia,
Inundadas jámais as vio de chuvas;
Sem que aos olhos o dia apouque os lumes,
De nuvens brando véo tempéra ás calmas.
Quando no ethéreo cume o Sol fervia,
Tutelares Favonios, adejando,
As fadigas do Ibero amaciavão.
Lança ferro, e cobiça de repouso
Faz com que as agoas deixe, e salte em terra.

N'um visinho rochedo olhada Turba
Lhes determina o passo, e pasma ao vêllos.
O Chefe, que a conduz, por cava senda
Vai dirigindo o pé. Da face as rugas,
As cãas dispersas, e avultados membros,
Sem arte, ou vestidura, o gráo lhe indicão
Melhor que inutil Séquito pomposo:
A sua candidez encanta, e brilha
Mais que o ouro dos Reis que a Persia acata.
Se os trages, as feições, e Iberios lenhos
Attrahem co' a novidade o Velho agreste,
A voz da Gente sua, e della os gestos
Aos nossos Européos a vista assombrão;
E igualmente admirado o vario Povo
Se contempla entre si. Com alma ingénua,
Sem medo os Indios a Colombo exprimem,

Apon-

Apontando-lhe os Ceos, que o julgão vindo
Lá da Estancia immortal das Divindades.

O Almirante caminha ao Chefe inculto:
Moço Européo (que em Ilha solitaria
Naquelle Mundo novo achado havia,
E na Esquadra acolheo) de Lingua serve.
Que dita inopinada! (he crivel fosse
Divina permissão) penetra o Velho
A linguagem do Intérprete, que explica
Os desejos do Heróe nesta sustancia:

„ Oh tu, que deste Povo o Rei pareces,
(Se he a hospitalidade aqui virtude,
Qual teu rosto benéfico denota,
Em quanto estes amenos, faustos campos
Com vista esperançosa observo, admiro)
Sabe que injusto, que invasor projecto
Aqui me não conduz por vastas ondas.
O infortunio me traz: sê meu refugio,
E além dos mares teus prometto em breve
Ir de teus beneficios, de teu nome
Informar o Universo. A' voz do Chefe
Os Hespanhóes a reverencia união,
No campestre Ancião fitando os olhos.

O Indio dá puro credito ao que escuta:
Seu coração lavado ignora o medo,
Assim como as astucias desconhece.
A seus amigos diz: (sómente amigos
Comitiva lhe são) „ porque se agrade

Dos alimentos nossos o Estrangeiro,
Exquisitos, gratissimos aromas
Dem aos nossos licores nova graça. „

No chão curva o joelho, assim fallando,
Quanto a caduca idade lho toléra;
Passo a passo depois Colombo arrosta.
„ Ente divino, (diz) que o mar talhaste
Sobre monstros alígeros, a terra,
Onde has baixado, te dará sem termo
Os bens de que a fornece a Natureza.
Reino aqui: meu desejo he contentar-te.
Segue-me aos valles nossos, vê, contempla
Tão ditosa morada: os teus Sequazes
Terão lá, como tu, seguro asylo. „

Segue o Chefe Européo do Velho os passos;
Com elle vai o Intérprete, e apôs elles
Caminhão Marcoussy, Morgan, Fieschi,
E os mais abalizados Filhos do Ebro.
Toma tudo hum ser novo ante seus olhos:
Os fructos, e animaes naquelles bosques,
Carregadas as arvores de incenso,
Nada tem que arremede os campos nossos;
O Sol espraia alli fulgor mais vivo.
Se da planicie aérea o leve bando
Do alambre, e do rubi lá veste as côres,
Seus desabridos sons a orelha offendem,
Não sabem, Filomela, o teu gorgêo.

Lá vive o colobri, lá tem seus ninhos

Ave,

Ave, cuja plumage em nossos Climas,
De Réaumur por arte, inda he formosa,
Selvático animal naquellas Plagas
Do Homem goza o valor, feições, destreza;
O alóes em cada seculo florece
Com grande estrondo alli, e o Povo Indiano,
Que hum leite nutritivo extrahe do côco,
De huma folha em vapores a Preguiça
Costuma embriagar. Serve á Molleza
Do algodoeiro o fructo; entre os manjares
Saboroso cacáo lhe súppre o néctar.
O ananás, o cajú, e o mangue, e o cedro
As brandas viraçóes aromatizão:
Com mil nomes alli, não só com estes,
Deosa das flores, Zéfyro embellézas.

Ledos os Hespanhóes, de bosque em bosque
A vóz consultão do Nestor que os guia.
Em meio de seus fructos, aves, sombras,
De tão novos objectos, e tão varios
Elle a virtude, os préstimos ensina
Ao pasmado Européo, que o ouve, e o segue:
Se o Velho devagar dirige os passos,
O que exprimindo vai resume o tempo.

De altos pinhos á sombra emfim se avista
A porta da selváticá vivenda.
De enfadosos insectos ignorada
Esta aprazivel gruta, aos olhos deixa
Gostar sem turbação calados somnos.
De Apollo os raios pelo cimo aberto

Dos muros no alabastro a luz desparzem.
Este amplo abrigo os Séculos cavárão;
A Equidade, a Cándura, a Paz o escudão,
E unico esmalte he seu gentil Donzella,
Que ao Velho amavel a existencia deve.
Nua, qual Eva está: sua innocencia,
Igual á de Eva, sem pudor aos olhos,
Offrece encantos seus, lhe he véo mimoso:
As Graças não conhece, e estão com ella.
Outro atavío algum lhe não consentem
Do que a plumage azul com que lhe abrangem
A candida cintura: he mais formoso
Este adorno, porém, que o de Acidalia:
O Qbjecto, em que reluz, seu preço ignora.
Livres madeixas mollemente ondêão
No seio virginal, por onde apenas
Os thesouros de Amor vem apontando,
Que ainda não crestára o patrio clima.

Dos Hespanhóes o número, a presença
No tenro coração lhe infunde assombro,
Nos olhos divinaes lhe pinta o medo,
E as delicadas mãos, que elegem fructos,
Hum momento, a tremer, suspensas ficão.

Não temas, (diz o Pai) Zamá, não temas.
Filhos dos Ceos, dos Mares, ou do Acaso,
Estes Entes, que vês, sem perturbar-nos,
Hão de participar desses manjares
Que para mim dispões com arte, e gosto.

Eis

Eis de palmeiras em tecida casca
A secos peixes acompanhão aves; (1)
Torquazes pombos vem, e os dons de Ceres
Tu, fecunda banana, alli compensas.

A Indiana Mocidade, o Velho, a Filha,
E a turba dos Ibéros, assentados
De pavilhão grosseiro á grata sombra,
No banquete frugal tem todos parte,
E n' abundancia a precisão se alegra.

A reinar começava entre os Convivas
Amiga confiança, o bem que apura,
Depois de longo trato, os gostos nossos.
Apenas a vital necessidade
Seus desejos fartou, sempre admirado,
O bom Pai de Zamá, o Ancião benigno,
Que pelo Hóspede seu de si se esquece,
C'os olhos em Colombo, assim lhe falla:
(O Intérprete ao Heróe diz o que escuta.)

„ Caro Estrangeiro, cujo nobre aspecto,
Cuja doce eloquencia me annuncia
Que a tua geração provêm dos Numes;
Vendo que ás precisões da Humanidade
Te submette o Destino, eu me atrevêra
Dos Homens entre o número a contar-te,
Se acaso nossos Pais por seus Maiores

Não

(1) Bogios diz o texto, mas temi atediar o Leitor.

Não soubessem que, sós em todo o Mundo,
Os unicos Senhores somos delle.

Gerados pelo Sol no térreo seio,
Dia, e dia apressâmos seu regresso
Com votos, e com supplicas; sentimos
Que só por seu fulgor tudo respira.
Acatão-lhe o poder da Noite os lumes,
A luz dos raios seus absorve os astros.
Ethéreas flammas, que nos ares vemos
Tantas vezes cahir, fôrão, por dita,
Principio de teu ser? Vens destes Mundos,
Aonde por incógnitos caminhos
A Morte nos conduz, e onde sem conto
Mulheres divinaes o gosto encantão?
Os fructos, as delicias, os licores
Daquelles formosissimos lugares,
Dando-te por ventura essencia nova,
Entre nós as feições tomou discordes?
Expõe-me os fados teus, dize que meios,
Que assombros, que mysterios te hão guiado
Por entre os ares á terrena Estancia?
Tua sabedoria, e teus desastres
Me commovem, me attrahem; recente affecto
Me interessa por ti, por teus destinos.

Fim do 1. Canto. A

Havendo cessado os motivos que me impellirão á traducção do 1 Canto, não tentei a de todo o Poema da illustre du Bocage, a cuja familia tenho a gloria de pertencer; mas não quiz tambem privar-me do louvor público, se o merecer na versão que apresento, &c.

A CULTURA DAS VINHAS,

Canto, traduzido do Francez.

A Code, Vinhateiro, ás vozes minhas;
Teus oiteiros dispõe: sazone o cacho,
Nas adegas depois se envase o néctar.

Eu vou cantar Beneficencias tuas:
Meu estro altêa, oh Deos, que preservaste
Do naufragio do Mundo hum Ente pio,
Grão Patriarca das Idades duas,
Que, da vinha Cultor, seus usos soube.

O Homem, subido da maldade ao cume,
O raio vagaroso assoberbava,
E, disposto á vingança emfim o Eterno,
Já hia' exterminar perjura Estirpe.
Hum Justo o suspendeo, Noé sómente,
Só, em todo o Universo, obteve a gloria
De que os Ceos d'entre os Impios o estremassem.
Assim que a lígnea Estancia elle findára
A Terra com seus Povos foi priscripta:
Ferrenho o Polo, o Polo inexoravel
Ante os olhos atónitos derrama
Torrentes, atéli nos ares prezas.
Sôlto o Oceano da barreira immovel,
Onde a mão do seu Deos lhe estreita as furias,

Sahe, corre, ferve, brama: inunda a Terra.
Tudo morre entre as ondas, tudo morre:
A arca só do Universo he a esperança.

Nisto o Senhor, e o Pai da Natureza,
Por sua Rectidão desaggravado,
A Cólera mitiga, acena aos Ventos,
Que, os Ceos acrysolando, a Terra enxugão.
Pouco a pouco resurgem penhas, serras;
O remidor Baixel no Armenio monte
Encalha, finalmente, as ondas fogem,
Por aqui, por alli a estrada abrindo,
E como que as montanhas nascem' dellas.
Entra, mugindo o mar no leito enorme,
E volve ethérea lynfa ao seio ethéreo.

Mas do salvo Mortal qual he o espanto!
Que lúgubres mudanças pavorosas
Vê no seu domicilio! Eis alterada,
Eis d'agoa a Terra aberta em fundas bocas.
Os matizes perdeo, perdeo o esmalte,
He confuso montão de lodo, e rochas.
Já nas rôtas, misérrimas entranhas
Os succos lhe não correm. Fero ainda,
De nuvens todo o ar se entenebrece:
O Homem treme, e receia outros naufragios.

Mortal, não descorções. Deos promette
Que nunca a Terra ingrata os Mares sorvão.
Attenta no Arco, de alliança abono,
Que, d'hora avante, a Divinal Clemencia

En-

Entre si, e entre nós de todo firma.
Eterna Mão por beneficios novos
A Terra formosêa, onde gravára
Do seu vasto Furor sinaes tremendos;
Hum Deos se digna de ensinar aos Homens
Arte ditosa, que em licor celeste
Muda espremidos, saborosos cachos.
Este néctar possante innova as forças
Do Mortal quebrantado, os risos gera,
E co' a fecunda, cordial virtude
O Mundo consolou de equóreo estrago.

Juntas cepas Noé dispôz em ordem,
Armado do podão, talhou sarmentos.
Ao pezo de seus pés purpureados
O cacho rebentou, e ante seus olhos
Correo, pondo-lhe espanto, o vinho em ondas.

Armenia te gostou, nectáreo succo,
A Grecia com fervor te quiz no seio;
De Colonia, e Colonia em mãos a vinha,
Passou dos Orientaes ao Campo Ausonio.
O Ebro vestio com ella as praias suas,
E para haver seus dons o Gallo antigo
Rochedos commetteo, transpôz montanhas.
Cedo o Erídano o vio co' as mãos ovantes
Roubar-lhe o çumo dos vinosos bagos.
Antes de submetter-se ás leis de Roma
O Arecómico Volco em nossos climas,
Já do Rhódano a vinha ornava as margens.
D'entre seus lagos Maguelone admira

La-

Ladeiras que de pâmpanos se adornão.
Submisso ao jugo do adoravel Probo,
Desdenha os fructos d'azinheira o Celta,
Os bosques arráncando, acolhe as vides;
E com seus vinhos igualmente o Belga
As frias agoas tinge ao Vessa, ao Rheno.

Tocando a rica Planta o chão Germano,
Seus verdes braços á Panonia estende;
Mas porque aos tenros, melindrosos filhos
Recêa os golpes da geada infesta,
Climas foge onde a Ursa, o Carro assomão,
E da fogosa Ecliptica os ardores
Sobre arêa Africana escádeas tórrão.

Entre estas flammas, e os gelados Polos,
A' sombra de hum Ceo brando existem Plagas,
Onde os Favónios amacião Bóreas,
Onde chuveiros o calor temperão,
E na carreira obliqua o Sol constante,
Abre para os Mortaes, lhes assegura
Fructos formosos, e formosos dias.

Eis o terreno ás cepas deleitoso:
Lá surge a parra, madurece o cacho;
Mas ha paragens alli mesmo ingratas,
A que repugna sem virtude a cepa,
E a que nunca se afaz. Parca, ou estéril
He sobre chão barrento, he forte em pingue,
Mas tristemente fértil. Esconder-lhe

Cum-

Cumpre, no abrigo de amoravel clima,
Septentrional carranca, e ventos bravos.

Ama o escaço pendor h'um bello oiteiro,
Onde a terra sulfúrea, leve, unida
Em chão fragoso co' a volante arêa,
Recebe toda a luz do Sol mais vivo.
Alli, (mercê dos reflectidos lumes)
De optimos fructos se enriquece a vinha;
Seixos, por lavra, e lavra alli já gastos,
Cospem chamma efficaz, que aos troncos salta.
Assim vemos a pedra onde elle, occulto,
Do frio, duro seio he arrancado;
O aço prompto a golpêa: sahe do embate
Ignea centelha, e pula, e brilha, e morre.

De altissimos oiteiros no recosto,
Onde a cepa firmar-se apenas póde,
Fervente aluvião, que vem dos montes,
Valles com teus plantíos alastrára,
Se duplicados, vigorosos muros
Da Procella ao furor não fossem diques.
Est' arte o aravío he dos fecundos
Cerros que o Tarn, e o Rhódano humedecem.
Lá diligentes mãos vi dia, e dia
Trazer dos valles os torrões lodosos,
Cobrir das rochas a nudez agreste,
Communicar-lhes vida, e fecundallas.
Emendando a madrasta Natureza,
Assim, oh Arte, anfitheatro fórmas
De flores, fructos, e arvores, que, erguido

Em

Em ledas gradações, aos montes sobe,
Onde as messes, e as cepas nascem, pendem.

Cavaste os regos. A' expriencia tóca
Escolha dos plantíos, e distancia.
De arreigados pimpolhos, que verdejem
Com Primaveras tres, servir-te podes,
Desses alumnos teus, que no viveiro
Primicias de raizes te offertárão,
Mas isto, assás custoso, assás inutil,
De experto Vinhateiro he regeitado.
Imita-o, corta essas estacas fáceis,
Que houveras escolhido em troncos férteis.
Arrancados á Mãi, renovos tenros,
Enfeixados, cativos, n'goa, ou terra,
Grãos esperando a que os destine a Sorte,
Logrem frescura, e sem raizes vivão.

Lá quando o turvo Aquario em nossos climas
Faz que reinem com elle a neve, os gelos,
Conduze ténues hastes: a esquadria
Em angular feição divida a Terra:
Quer vigoroso chão que mais se apertem,
Que se desunão mais quer huma encosta.
Dê-se extensão maior aos seus carreiros,
Se provar devem da charrua o ferro.

Que mão déstra, os plantíos concordando,
Misturar saberá géneros varios?
Bebida singuiar compôr dusejas?
Faze liga gentil de uvas diversas.

Es-

Esta, que abunda de calor, de força,
Dá corpo aos vinhos, lhes carrega as côres.
Aquella, de sabor mais aprazivel,
De condição mais branda, offrece aos labios
Licor delicioso, e vivo, e leve.
Cacho de superficie alambreada
Vinho annuncía espiritoso, ardente,
Mas que em breve se altéra. Alguem que saiba
As misturas, e os numeros contar-lhes,
As ondas contará que sobre as praias,
Ou contra as arduas penhas, vem romper se.

Segue-lhe usos, e leis em todo o sitio,
Regra austéra, excepções porêm soffrendo.
Segura nos seus votos, a experiencia
Do consummado Vinhateiro he guia.
Morrendo algum renovo, abaixa, enterra
De cepa hum mergulhão, com que visinhe;
Successôra do Irmão, do sitio herdeira,
Mãi seja alli de descendencia nova.

Facil, prompto em subir, não poucas vezes
Dobra a prazer dos ares o sarmento,
E a custo se mantêm. Delle apiedada,
Soccorre Natureza o debil ramo,
Com tortuosas mãos o corpo lhe arma.
Eis o pâmpano alonga os verdes braços;
Ajudador visinho em torno busca,
E se ampara com elle: he necessario
Prever-lhe as precisões. Alta na Hetruria,
Casa-se a vinha ao olmo inda criança.

Des-

Desde o seu nascimento ambos unidos,
Hum por outro abraçados, vivem, crescem
Os ramos amorosos, e não tarde
A arvore offrece aos olhos admirados
De uvas, e parras orgulhosa a fronte.

He proficuo tanchão bastante apoio
Ao sarmento, entre nós menos altivo.
Da ufana Ibéria nos ardentes combros,
Nos que a margem do Rhódano acompanhão
Jámais soccorro alheio elles implorão:
Força propria os sustêm, sem risco sobem,
Não temem furias de contrarios ventos,
E os ramos seus com desafogo estendem.

Honra de teus vergeis, a vinha ás vezes
Ouro alardêa, e púrpura dos cachos;
Por formosa latada eleva os fructos,
Trepa, e roça no cume encaniçado,
Ou curvando, inda tenra, a docil rama,
Os parreiraes de pavilhões te crôa.

Quando o murcho sarmento as galas despe,
Vai podar, bem que ainda não voltasse
Do cultivo a sazão. Se acaso imitas
Ordinario vagar dos Vinhateiros,
Se do geral costume és cégo escravo,
Té que os primeiros zéfyros suspirem
Mando não ousas ter nas vinhas tuas.
Em vindo a Primavera acorda o succo,
Anda de vêa em vêa, anima os ramos,

E

E, encontrando a ferida aberta, e fresca,
Em lagrimas de mais elle se escôa,
Evapóra-se emfim; porêm o Inverno
No podado sarmento aperta, e cura
Quantos canaes lhe lacerára o ferro;
Modera os prantos seus, e assim cativo
O succo se mantêm, que augmenta os fructos.

A's lavras, finalmente, a Primavera
Solto exercicio dá. Nas mãos nervosas
Tomão férreo instrumento os Vinhateiros:
Aos golpes os torrões lá se amollecem,
Roção-se as pedras, se atavia o campo,
E de saibro visinho as cepas livres,
Do Sol aos raios a raiz devassão.

Tens as collinas destinado á lavra?
O mestiço animal, e os bois conduze.
Entre fileiras de arredados troncos
Indómita cerviz lhe afaze ao jugo.
Assim que a Primavera adoça o clima,
Abre os olhos a vinha, e chôros verte.
Recolhe attento as valiosas gôtas:
Na vista, que a despio, renovão graça;
Com ellas volve á face a tez de rosas,
E a pedra, intensa dor, bebendo-as, vai-se.

Teme, porêm, que Zéfyro a seduza,
E, fervorosa, e de chorar cançada,
Desdobre a vinha não prudentes flores:
Muda Favonio, Primavera engana.

Da

Da Plaga nossa rechaçado ás Ursas,
Oh quantas vezes o medonho Inverno
Torce a negra carranca, e retrocede!
Por entre viraçoes entorna gelos,
Rouba á Terra os thesouros, e devora
Gratas promessas dos raminhos tenros!

Se da saraiva impetuoso embate
Rompe do germe os rebentões primeiros,
Sê tambem, sê cruel para salvallos;
Decepa logo, logo as novas folhas:
O sarmento verás tornar-se á vida;
Mas os renovos seus menos valentes
Provão-lhe o esforço, e juntamente o damno.

Se até na cepa, volteando o succo,
Improprios frios os sarmentos crestão,
Cumpre que a estéril fronte lhe cercêes,
Cumpre que lhe abras os gelados corpos,
E que outro fértil ramo alli situes:
O tronco o adopta, e mais feliz, mais farto,
Dá novos fructos, numerosa prole.

Crôão-se, em tanto, os pâmpanos de flores,
E recolhem do Sol calor propicio;
Mas se o Planeta por mais ampla estrada
Sobe ao cume da abóbada celeste,
Porque aos raios Febêos a vinha esquive
O cauto Vinhateiro ampara as cepas;
Com a enxada nas mãos abre o terreno,
A pérfida raiz destróe das ervas,

Em

Em visinhança ao tronco estacas planta,
Que os braços lhe mantêm quando se alonga;
Rege os pimpolhos que no extremo abundão,
Hum ramo se condena, outro se escolhe;
Prende a altivez de ambiciosa folha,
E, se lhe empece, hum botãozinho arranca;
Mais fecundo, perdendo ávidos filhos,
Só ramos úteis fortalece o tronco.

Formão-se os cachos, e o calor bem cedo
Ha de pintar-lhes duvidosas cores.
Quando, cobrindo-os a folhagem densa,
Oppõe á luz diuma hum véo sombrio,
Torem-lhe a luz, e mais vermelho o fructo;
Vê-se que ao Sol de púrpura se tinge.
Em vicejando sem arrimo as cepas,
Basta entrançar-lhes a madeixa longa.

Jámais das vinhas te enfastie o amanho;
Ellas soccorros teus assiduos querem.
Já forte, e nova terra estão rogando,
Já nutrimento de abundoso estrume.
Erua destróes em vão, e em vão repulsas;
Ella se reproduz: teima em tiralla.
A nojosa lagarta, occulta aos olhos,
Prole depõe no pâmpano recente,
Se esconde, envolve, e da folhage infesta
No curvo seio em segurança vive.

Pernicioso insecto eis sahe da terra,
E, roendo a raiz, faz guerra ao fructo.

Dos caracões o rojador enxame
Com a escuma tenaz corrompe as uvas.
Contra tanto inimigo armar-te deves,
E os damnos com desvelo acautelar-lhe.
Ergue huma balsa: os erriçados muros
Dalli rebanhos com o espinho arredem.
Da cabra mais que tudo o infenso dente
Para a cepa, que fere, he peçonhento.
De trabalhos hum circulo te abrange:
O Anno aponta, volta, e retrocede.

A Quadra mais feliz, mais opulenta,
O Outono a teus desejos apparece.
Cala-se, e dorme o Vento, o Sol no gyro
Distribue igualmente a noite, e o dia.
De importunos ardores livre a Terra,
Espira os molles Zefyros, á Planta,
Toda pomposa dos seus dons mais bellos,
Já para nos brindar inclina os ramos.
De fructos mil croada a Natureza,
Nos convida ao festim, que lhe orna a meza:
O cacho aos olhos sazonado offerta,
E enxuto em superficie azul, ou rôxa.

Dado o sinal, encetal-se a vindima;
Enxame camponez caminha á pressa.
Dirige-os o Prazer: co' as mãos activas,
Da cantilena ao som, cercêão cachos;
Porêm fructos com eiva, ou abortivos,
Do thesouro commum são refugados.
Deixa esses bagos, alimento de aves,

Não

Não te manche os toneis seu podre çumo.
Aos cachos apanhados n'um só dia
Não dás hum só destino. Estes se elegem
Entre mil para a meza, e se mergulhão
N'agoa fervente, de que surgem brandos:
O Sol murchou-lhe a flor da mocidade,
E rugas a velhice antecedêrão.
Aquelles, cujo preço he venerado
Da Quadra fria, engelhão-se nos tectos;
Pendentes envelhecem, manso, e manso.

Acolheo-se a teus muros a vindima;
Folhas engeitas, e a despida esgalha.
Sobre taboas depois, com arte unidas,
Nus, vigorosos pés espremem cachos:
O çumo em grossas ondas vai manando.
Prezo nas tipas, nos toneis cativo,
Fuma, ruge o licor, e sobe, e ferve,
E co' a pelle, que tinge, misturado,
Toma o lustre, o calor d'um vivo fogo.

Cinco vezes a Noite os véos desdobra,
Cinco vezes o Sol desfaz as trévas,
E gôta a gôta, nos cristaes filtrado,
Qual brilhante rubi, cahe puro o vinho.
Convem que saia então da cuba, e seja
Das fezes desviado: os lígneos muros
Dos vasos, que encha, o carcere lhe apertem.

Era em Grecia, em Ausonia hum tôsco barro
Estancia frágil dos ferventes mostos;

Ou, no seio de hum odre amotinados,
Não poucas vezes a prizão rompião.
Teu Povo, oh Mãi, oh Gallia industriosa,
Soube em curva madeira obstar-lhe ás furias:
Taboas juntando, circundadas de arcos,
De invencivel cadêa as opprimião.

Quando falece o vinho á cuba exhausta,
Toma dos bagos o fumante espolio.
Ei-los já, no lagar accumulados,
Ao pezo gemem de abatidos-fusos.
Sahem da uva esmagada os çumos logo,
E regatos de vinho a terra inundão.
Tropel vindimador ao vêllos folga,
Tomão copos nas mãos, dão grandes sorvos;
E, se outra vez na cuba introduzirem
Estas, já fezes languidas, cansadas,
E as affogarem n'agoa, em breve a córão:
Apparencia de vinho engana os olhos,
Succo de expressos bagos a presumem;
Mas do falso licor o travo insulso
Mostra a fraqueza da mistura impropria.

Eis, engenhoso Amante de aureo vinho,
Queres que, rindo aos olhos, saiba ao néctar?
Nunca dos cachos te allicie o alambre:
Dão licor fraco, amarelleja em breve.
Nasce vivo licor das uvas negras,
E esperto, e scintillante, as Quadras vence.
Arte se deve de Champanhe aos Povos,
Que hum corpo aos vinhos dá firme, e duravel.

Es-

Est' arte présta só. Depois d' Aurora
Aos lumes de hum Sol puro escolhe, apanha
Uvas tintas de azul, e inda orvalhosas.
Estende-as mollemente, e vai de espaço
Lançallas nesse dia em teus lagares.
Sintão do fuso os golpes: ser costumão
Primeiros prantos seus seus dons mais doces.
Humor, que se lhe extrahe do seio á força,
D'um pállido rubi tem côr incerta.

Lá nas adegas que ruido sôa!
Que ondas são estas que em toneis escumão!
Deixa livre abertura ao mosto accezo,
E sem custo entre o ar, saia, e murmure.
Dest' arte, quando tubos aprizionão
Ondas, que vão cahir n'um tanque vasto,
Receias que do vento o bafo incluso,
E agoa, espertada na prizão por elle,
Unindo-se, os canaes arrombem todos,
E abres então respiradoiros livres:
No cárcere igualmente o vinho ruge,
Levanta borbolhões, e crê que o rompe.
Escumando se apura: ajuda-lhe o erro,
Nut e-lhe a furia, porque amanse o fogo.
Ardores juvenis tempéra a idade:
Repousão, finalmente, e se amacião.

Então dos lares teus os subterrâneos
Em torno aos muros os toneis acolhão;
Resguardar-te as adegas deve a Terra:
Se os écos do trovão teu vinho assustão,

Mo

Move-se, ferve, turba-se, descóra.
O aceio impere na tranquilla estancia,
E a todo o cheiro inaccessivel seja.
Longe ess' arte impostóra, essa que os nossos
Puros bens viciando, ao vinho ajunta
Agradaveis peçonhas. Sobre a escória
Quando mui longo esquecimento o deixe,
Que elle se allie co' a inimiga lemão.
Do lodo corruptor largue a morada,
Remoto delle, e preservado exista.

Queres que os vinhos á clareza, ao pico
Aggreguem seus rubis, ou viva espuma?
Do seio dos toneis convém que os tires
No tempo em que renasce a Natureza.
Seiba, que a mocidade á vide acorda,
Opéra no licor, e anima-o sempre.
Depois da Primavera amadurecem
Aos vinhos o vigor, elles alcanção
Do socégo, e da idade hum preço novo.

Se a despeito porêm de teus desvelos
Se evapora o licor empobrecido,
Ou finalmente azéda, o vicio delle
Certas virtudes tem; seu gosto, e cheiro
Insipido manjar corrige, aduba.
Contra cem males, cujo ardor curtimos,
Triste Mortal nas afflicções o implora.
Dos venenos da Peste a furia extingue,
E o fogo precursor da raiva horrenda.
A'quelles, cujo braço a Patria escuda,

Abo-

Abona vezes cento a força, e vida:
Saxe aos Francezes, aos Romanos César,
Seu uso impondo, seus effeitos virão.

Oh quanto, e quanto he devedôra ao vinho
Arte assombrosa, que o divide, e apura
Por meio de hum fornilho! Em igneas azas
O espirito se eleva, e resfriado
Tardia, frouxamente se distila.
Taes os lumes Febêos, ou terrea chamma
Vapores erguem dos trovões ao clima.
Os corpos no calor se lhe dilatão,
O frio lhos aperta, lhos condensa,
E descem, precipitão-se dos ares.
A agoardente no lar se faz desta arte:
Se por novo trabalho a rectificão,
O espirito do vinho eis despe a fleuma,
E livre sóbe, e cahe purificado.

Povo de Montpellier, a industria vossa
Do vinho usa formar util ferrugem,
Util, mas arriscada. Alli no fundo
De escura adega mergulhais os cachos
Em urnas onde o vinho se lhe embebe,
Batido cobre de estendidas folhas.
No cacho longo tempo está confuso
O vinho alli se azéda, alli fermenta,
E o exhalado espirito derrama
Verde vapor na ferruginea massa.

Bátavo, subsistir com taes venenos

Vós

Vês os teus diques, e as Cidades tuas.
Seguros dentro d'agoa os alicerces,
D insecto estranho tal peçonha os livra.
Tu, cuja mão copia a Natureza,
Tu, cujo audaz pincel dá vida aos quadros,
Enche-o deste util pó: com elle exprime
Loução verdura, que ameniza os cerros.

Quando o vinho nas fezes, novo ainda,
Vai fermentando, seu fervor se apura
Dos mais grosseiros sáes; endurecido
O sarro nos toneis, dalli tirado,
Se aprompta para mil necessidades.

Não sei de clima que dispute á França
Dos seus famosos cerros a excellencia.
L'Hermitage, e Calhors aos gostos nossos
Dão generosos, dão maduros vinhos,
Vinhos fartos de espirito, e constantes.
Madurezá co' a força emparelhando,
Os de Occitania, e Rhodano assimalão.
Lóte-os experta mão com outros vinhos,
E affoitos vão luzir dos Reis nas mezas.
Licores que, oh Vienna, aromatizas,
Quão gratos me serião, se a mal firme
Razão minha o vapôr lhes não temesse!
Nas agoas seus thesouros estendendo,
Vê Garona o solicito Britanno,
Que os perturbados vinhos lhe carrega
Nos seus lenhos innúmeros, os vinhos

Que

Que sobre as agoas, em passagem longa,
Austera condição despir costumão.

Deleitoso Borgonha, a ti se inclinem
Tão claros nomes, e o seu Rei venerem.
Une-se alegre Bando á face tua,
Bebe prazer, saude a largos sôrvos.
Rival digno de ti, tambem Champanha
Risos, jógos conduz, e Amor, e as Graças.
Do vivo seu licor a espuma bella,
Fendendo o ar que a aperta, sóbe, e pula:
Na luz vence o cristal, no gosto he nectar.
E'mulos immortaes, ambos contentes
Da vossa fama, sem victoria obterdes,
Contendei-a entre vós; armai sequazes:
As guerras suas são risonhos brincos,
Mimos, e Amores a peleja espertão.

Ha dourado licor, brilhante vinho,
Que parece os Prazeres o aprestárão.
Seu calor salutar, depois de ledo,
Opíparo festim, fomenta, aquece
De já cançado estómago a tibieza:
* Nos Campos que de Tubal honra o nome,
* Nectáreo moscatel, assim prospéras:

Reconheço os teus dons, e teus perfumes
Amo, oh suave humor, que á custo entrmão
Bagos de Frontignan! O precioso
Tokai, teu digno contendor, te iguala,
Se acaso não te excede. Ouro, escondido

Er

Entre o terreno, onde seus cachos surgem
Delles no seio co' a sustancia casa.
Inferiores a ti, no grão segundo,
Repartem nossa escolha os outros vinhos:
Canarias, Alicante, e Siracusa,
Chiras, e Pacaret, Málaga, Iberia
O gosto acarição. Grecia exalta
Inda de Lesbos os vinosos cumes,
E o néctar vosso, oh Tenedos, oh Chio.
Sobre ardente brazeiro a Creta em Gnóssia
Condensa pouco a pouco as malvasias.
De internas brazas o Vesuvio accezo,
Vê junto a seus vulcões, ás lavas suas
Dos cachos emanar licor fragrante.

Ao Promontorio, cujo pé carrega
No Oceano feroz, * onde alta Musa,
* (Das Camenas do Téjo honra, e saudade)
* Gigante, em olhos negro, e negro em boca,
* De tormentas croou, cingio de agouros,
* Lá quando, sobranceiro á Natureza,
* Talhando a Pego immenso ás virgens ondas,
* Esperanças colheo por entre horrores
* O occidental Jason, ao Promontorio, (1)
Cujo nome os Baixeis acoroçôa,
De nossos campos trasladadas cepas
Dáo vinhos, cujo succo aveludado
Toma, Africanos Ceos, á sombra vossa

Aro-

(1) Os versos com asteriscos são meus, em toda a traducção.

Aroma encantador, qual não gozara
Proximo ás fontes donde corre o Sena.

Bem que vinhos de nome, a Hetruria affamem,
Degenerado tem na Hesperia toda.
Esses, que sobre as azas de altos versos,
* (Versos que hião privar co' a Eternidade)
O Cysno de Venusia aos Ceos erguia:
Alba, e Cales, e Massico, e Falerno,
Fracos, doces de mais, desconhecidos,
Ha longos tempos seu louvores perdêrão.
* No espirito, e sabor diversos destes,
* Em altos vinhos se abaliza o Douro.

Herdeiros dos Romanos os Francezes,
As artes animando, a guerra exercem:
De quem subjuga o Mundo o vinho he premio.

Tu, que deste canções ao terno Horacio,
Corte, magro licor, teus dons se acclamem:
Com elles nossos males tu guareces,
Escóras a fraqueza, e restitues
O juvenil fervor ao Velho inerte.
E's alma dos festins: quando os não honras,
Se torna sem sabor manjar mimoso.
Substancias que provêm do trigo, e fructos,
As perfumadas, as Chinezas folhas,
Dos grãos de Yerva a singular bebida,
O cacáo negrejante, alimentoso,
Taciturnos licores, nada usurpão
A' tranquilla Razão na mente immovel.

Tu,

Tu, só, Néctar divino, he que insinuas
Nas almas todas esperança, e gosto.
Da Sociedade medianeiro amavel,
Os que odio desunio, reconcilias:
Dás-lhes sereno olhar, benigna face,
E união cordial de ti renasce.

Cego nos cultos seus o Tempo antigo,
Fez das vindimas tutelar Deidade
O Filho de Semèle; á sacra fronte
De eterna primavera unio-lhe as graças.
Em carro, a que ligou Panthéras, Lynces,
Aos crédulos Thebanos Baccho ensina
Seus ritos, seus mysterios vãos, fallazes;
De uvas, e de hera engrinaldado assoma;
Pâmpano sempre verde o thyrso lhe orna.
As Sócias, pelo mosto avermelhadas,
No monte Cytherôn Orgyas celebrão:
Faunos lhe estão daqui, dalli Sylvanos;
Sileno, ou cambalêa, ou vai-lhe em braços.

Da Turba os frenesis irrita Brómio;
Eis Lycurgo, Penthêo despedaçados:
A Mãi!.. (ah! já não Mãi!) lacera o Filho.
Aos vicios consagrado o culto infandô,
E ás virtudes fatal, do Sabio he odio.
No ardente Fanatismo o Povo accezo,
De ramos alegóricos se cobre;
Pelles de Tigre veste, e sobe aos montes
Ismaro, ou Pelio; rápido os vagueà:
Religião, Piedade o torna insano.

Mé-

Ménades em torrente o campo inundão,
Ferem o éreo instrumento, uivão nas serras
E a doida Embriaguez, gerando excessos,
Muda-lhe o culto em crime, o zelo em furia.

Das festas de Liéo Bando atrevido
Cedo em Athenas a Tragedia fórma.
E'schylo a cria, (1) Sófocles a eleva,
E em seus versos de fogo a adora o Mundo.
Est' Arte, que, pathética, terrivel,
Grande, sublime, audaz, maior que todas,
Galardôa a Virtude, aterra o Crime,
De brutaes Espectaculos nascida,
Filha da Insania, em Grecia ennobrece-se,
Em Roma descahio, pulio-se em França.

Rival dos Gregos, e das Orgyas suas,
Delles as Saturnaes colheste, oh Roma.
Apar de seu Senhor sentado o Servo,
Igualdade exprimio dos Tempos de ouro.
Licença, embriaguez, por toda a parte
Seculos de innocencia ousárão crer-se.
O Carnaval emfim deste proscripto,
Tumultuario culto exclue o pejo;
Mas o espirito seu tem conservado.

Politica firmando até nos gostos,

Sa-

(1) Verdadeiramente o seu inventor foi Thespis, mas Eschylo he quem lhe deo magestade, e energia; criou a por tanto.

(1) Sagrou-lhe sobre o mar Veneza hum Templo.
Dos Tribunaes as venerandas portas
Sorrindo-se, apparece a Liberdade,
E rigor, sugeição dalli remove.
O instante que seus jogos annuncia,
Da Cidade atinada o siso varre:
Bellezas mil, e mil, que lá no centro
Dos tristes lares seus, entre altos muros,
Dias arrastão, como a noite escuros,
Curvas ás férreas leis de seus Tyrannos,
Victimas do Giume, e sempre em medos,
Súbito passão da amargura ao riso,
Do extremo jugo á liberdade extrema.
Então não tem poder, nem jus o Esposo,
Então lei respeitavel orê Veneza
Vestir-se o rosto de emprestada face.
Ella ao mysterio dá seguro asylo
Hum Mortal mascarado he quasi hum Nume.

Que Impostores de esferas se rodêão!
De caractéres vãos, compassos, vidros!
Que Insensatos suppõe que Arte dolosa
Alumie o Porvir, n'alma lhes lêa!
Levando melhor guia os Amadores,
Nos olhos do seu bem vão ler seus fados.
Estoutros á Fortuna altar levantão:
Alli depõe o Avaro infames votos:
Medo, Esperança, e boa, ou má ventura
Cem palpitantes corações esforção.

Tre-

(1) Falla da Veneza Republica.

Tremendo aos golpes do erradio Acaso,
Da Sorte, que ora dá, que outr'hora usurpa
Thesouros, por cegueira á Sorte entregues,
Todos, té quando seu favor lhe acode,
Todos (caterva iniqua!) sentem menos
Do lucro a posse que o terror da perda.

A Scena prazenteira os jogos abre;
Surgindo, lume, e lume os ares crestão.
Aos lúcidos festejos sobre as agoas
Succede a melodia, após seus passos
A dança faz voar gentil enredo.
As margens do Canal, Palacios, Praças,
Tudo ri, tudo brilha, assombra, encanta;
E os Gostos, as Delicias, vencedores
Da Razão grave, e da Moral severa,
Por entre seus troféos alli recordão
Artes, feitiços, illusões das Fadas,
Té ao dia em que as Leis de novo imponhão
Jugo aos transportes, aos delirios termo.

F I M.

Creio que este quadro de Veneza, e os anteriores, pelas imagens, e expressão, devem aprazer ao Leitor.

IN-

INDICE

Das Poesias de que se compõe este Volume.

Dedicatoria, - - - - - - - - - Pag. 1
Sonetos, - - - - - - - - - 7 até 18
Ode á Santissima Virgem da Encarnação, 19
Elogio aos annos da Augustissima Rainha de Portugal, - - - - - - - - 23
Aos annos da Serenissima Senhora D. Maria Theresa, - - - - - - - - 26
Aos annos do Augustissimo Principe Regente de Portugal, - - - - - - - 30
Ao mesmo assumpto, - - - - - - - 34
Congratulação ao Principe, e á Patria na Paz geral, - - - - - - - - 38
Aos annos da Serenissima Princeza do Brazil D. Carlota, - - - - - - - 43
Aos annos da Serenissima Princeza do Brazil, Viuva, - - - - - - - - 46
Aos annos da Serenissima Senhora D. Maria Theresa, - - - - - - - - 50
Aos annos do Augustissimo Principe Regente de Portugal, - - - - - - - 58
Ao mesmo assumpto, - - - - - - - 61
Aos annos da Serenissima Senhora D. Isabel, - - - - - - - - - - 66
Prologo para o Drama de Nuno Alvares Pereira, - - - - - - - - - 71
Elogio ao Publico, - - - - - - - 73
Ao mesmo objecto, - - - - - - - 75
Prólogo da Comedia o Extremoso, - - 79

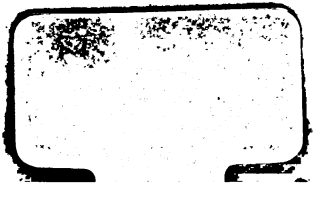
Elogio ao Publico, - - - - - - - - 82
Despedida de Antonio José de Paula aos Portuenzes, - - - - - - - - - 87
A Concordia entre Amor, e a Fortuna, Drama, - - - - - - - - - - - 91

EPISTOLAS.

Salicio a Elmano, - - - - - - - - 106
Ao Senhor Sebastião Xavier Botelho, - - 109
Ao mesmo, - - - - - - - - - - 117
A Analia, - - - - - - - - - - 120
Ao Senhor Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, - - - - - - - - - 123
Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de S. Lourenço, - - - - - 129
Ao Senhor Joaquim Severino Ferras de Campos, - - - - - - - - - - 134
Vincente a Elmano, - - - - - - - - 140
Elegia á morte de Anselmo José da Cruz Sobral, - - - - - - - - - - - 146
Epigrammas, - - - - - - - - 150 *até* 172
Madrigal, - - - - - - - - - - - 173
Quadras, - - - - - - - - 173 *até* 177
Imitação Anacreôntica, - - - - - *Ibid.*
Glosas, - - - - - - - - - 179 *até* 182
Apologo, - - - - - - - - - - - 183

INDICE.

METAMORFOSES.

A de Progne, Terêo, e Filomela, - 187
A de Io, - - - - - - - - - - - 202
A de Myrrha, - - - - - - - - - 211
O Roubo de Orithya por Bóreas, - - 223
Atlante convertido em monte, - - - 224
O Roubo de Europa por Jupiter, - - 228
Cadmo, e Hermione, - - - - - - 230
Esaco, e Hespèria, - - - - - - 233
A Gruta do Somno, - - - - - - 236
A Apotheósis de Enéas, - - - - - 238
A Apotheósis de Rómulo, - - - - - 240
O Sacrificio de Polycena, - - - - - 243
O Bosque de Marselha, - - - - - 252
Versões de Tasso, - - - - 255 *até* 261
A Colombiada, - - - - - - - - 262
A Cultura das vinhas, - - - - - 279

BIBLIOTECA PUBLICA